



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO
DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Paulo Victor dos Reis Silveira

**O Sujeito e a Máquina: Estudo psicanalítico sobre os usos da
Inteligência Artificial**

**UBERLÂNDIA
2025**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO
DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Paulo Victor dos Reis Silveira

**O Sujeito e a Máquina: Estudo psicanalítico sobre os usos da
Inteligência Artificial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicanálise e Cultura

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

UBERLÂNDIA
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S587
2025 Silveira, Paulo Victor dos Reis, 1988-
 O Sujeito e a Máquina [recurso eletrônico] : Estudo psicanalítico
 sobre os usos da Inteligência Artificial / Paulo Victor dos Reis
 Silveira. - 2025.

Orientador: João Luiz Leitão Paravidini.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.337>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Paravidini, João Luiz Leitão, 1961-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia.
III. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO
DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



2025

Paulo Victor dos Reis Silveira

O Sujeito e a Máquina: Estudo psicanalítico sobre os usos da Inteligência Artificial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicanálise e Cultura

Orientadores: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Banca Examinadora

Uberlândia, 09 de Junho de 2025

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Dr. Carlos Henrique Barth
Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG

Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo
Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG

Prof^ª. Dr^a. Sybele Macedo (Examinador Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA
2025



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 481, PPGPSI				
Data:	Nove de junho de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	11:05
Matrícula do Discente:	12322PSI024				
Nome do Discente:	Paulo Victor dos Reis Silveira				
Título do Trabalho:	O Sujeito e a Máquina - Estudo psicanalítico sobre os usos da Inteligência Artificial				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Psicanálise e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Do narcisismo ao mais além do princípio do prazer: sujeito, dor e as figuras da morte				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Fábio Roberto Rodrigues Belo - UFMG; Carlos Henrique Barth - FAJE; João Luiz Leitão Paravidini, orientador do candidato. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo e o Prof. Dr. Carlos Henrique Barth participaram da cidade de Belo Horizonte - MG e o Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini e o discente Paulo Victor dos Reis Silveira participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. João Luiz Leitão Paravidini, apresentou a comissão examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Luiz Leitão Paravidini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/06/2025, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Roberto Rodrigues Belo, Usuário Externo**, em 09/06/2025, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Henrique Barth, Usuário Externo**, em 09/06/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6340948** e o código CRC **C8599CC8**.

Referência: Processo nº 23117.032254/2025-41

SEI nº 6340948

Se alguém por mim perguntar

Diga que eu só vou voltar

Depois que me encontrar.

Cartola

AGRADECIMENTOS

Palavras seriam incapazes de transparecer meus sentimentos ao longo dessa jornada. Aqui tento agradecer as inúmeras pessoas que me apoiaram, inspiraram, contribuíram ou torceram por mim.

À minha família, meu eterno agradecimento pelas bases sólidas que forjaram uma estrada tão humana, repleta de passos inspiradores a se seguir. À minha avó Sônia, pelo coração acolhedor que me permitiu sonhar. À minha mãe, Fausta Cristina, pela compreensão incondicional que me deu forças para seguir no meu tempo. Ao meu pai Roberto, pelo olhar crítico e social que me permitiu enxergar além. Ao meu pai Gilberto, pela confiança que me sustentou na crença de que eu conseguiria. Às minhas irmãs Thamires e Milena, pela gentileza que me permitiu ser frágil. Às minhas tias, tios, primas e primos, pela genuinidade que me deu coragem para ser quem sou.

Aos meus amigos, pela dádiva de sua companhia, que não me deixou sentir-me sozinho em nenhum momento. Ao Marcelo, Felipe, Daniel e Everton, pelas histórias que me prepararam para tudo que pudesse vir. Ao Gustavo, Jhully, Marcelo e Saymon, pelo companheirismo que me impulsionou a explorar longe. À Rayssa e Tayná, pelo afeto que me fez crescer para além do racional. Ao Mário e à Amanda, pela relação que me permitiu existir mais. Ao Luciano, à Mariana e à Amanda, pelas conversas e companheirismo que tornaram este momento ainda mais especial. E a tantos outros que ainda estão comigo (e aos que, mesmo distantes, permanecem em mim), meu muito obrigado: uma parte de cada um de vocês ainda vive em mim.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFU, pela acolhida de pessoas atenciosas e engajadas. Ao professor e orientador João Luiz, minha gratidão por ter me

permitido ser genuíno no meu processo, por acreditar em mim e por enxergar algo que nem eu sabia existir. À professora Anamaria, por não me permitir me limitar.

Aos membros da banca, Fábio Belo e Carlos Barth, pela disposição e pelo desejo real de contribuir.

Ao ChatGPT, pela novidade simbólica que me permitiu encontrar um tema que tanto me inspira e encanta.

E às várias pessoas que encontrei pelo caminho: cada história vivida me permitiu chegar até aqui e acreditar em ir além.

A todos, meus mais sinceros agradecimentos. Tento colocar em palavras algo que talvez seja impronunciável, mas acredito que o que verdadeiramente permanecerá serão os momentos que, ao contrário das palavras, jamais se perderão no tempo, como lágrimas na chuva.

RESUMO

Esta dissertação investiga as interações entre subjetividade, desejo e inteligência artificial (IA) a partir de uma perspectiva psicanalítica. Partindo de autores como Freud, Lacan, Winnicott e André Green, a pesquisa analisa como a IA opera como um simulacro do "Outro", promovendo a ilusão de completude que pode impactar negativamente o laço social e as dinâmicas subjetivas. A partir da hipótese de que a IA não é uma ferramenta neutra e que, portanto, impacta o sujeito na relação “usuário-IA”, esta dissertação será composta por um total de quatro estudos que discutem os aspectos éticos, subjetivos e sociais dessa interação, e nesse momento são apresentados os três artigos já concluídos. O primeiro explora as implicações éticas dos chatbots na saúde mental, destacando os desafios relacionados à privacidade, ao viés e responsabilidade. O segundo aborda o apagamento do sujeito e as dinâmicas do desejo promovidas pela interação usuário-IA. O terceiro foca nos impactos do neoliberalismo e da lógica do consumo, enfatizando como essas tecnologias sinalizam para a reconfiguração dos laços sociais. O quarto artigo foca nas implicações da relação do sujeito com a IA no que tange ao narcisismo, principalmente nas formas de engrandecimento subjetivo. A dissertação conclui que ocorrem reforços de dinâmicas alienantes e de gratificação imediata, nas quais a IA afeta significativamente a constituição do sujeito, dos vínculos sociais ofertando uma disponibilidade que remete às questões do narcisismo primário, exigindo abordagens críticas e éticas que contemplem essas transformações.

Palavras-chave: Psicanálise; Inteligência Artificial; Subjetividade; Narcisismo; Laço Social.

Sumário

Introdução	10
Objetivo	13
Método	14
Análise de Dados.....	21
Resumo do Estudo 1	21
Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: Uma perspectiva psicanalítica.....	22
Introdução	23
Chatbots terapeutas	24
Ética e Chatbots	26
Ética na Psicanálise.....	29
Recomendações éticas no desenvolvimento de chatbots	32
Conclusão.....	37
Referências.....	38
Resumo do estudo 2	42
Inteligência artificial, desejo e apagamento: Uma perspectiva psicanalítica.....	43
Introdução	44
Ética e IA: A problemática da base de dados	47
Viés e estereótipos identitários	49
A parte humana da IA: A mineração de lítio e a rotulagem de dados	50
Psicanálise e IA: Usuário e a IA na ótica dos discursos	52
A IA como desejo do inconsciente	57
Traço unário, apagamento e repetição	61
Conclusão.....	63
Referências.....	66
Resumo do estudo 3	70

O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial.....	71
Introdução	71
Modernidade, tecnologia e subjetividade	74
Objeto <i>a</i> , laço social e os discursos	79
Um dispositivo que ordena o contemporâneo.....	87
Discussão	91
Conclusão.....	100
Referências bibliográficas.....	101
Resumo do Estudo 4	105
Narcisismo Artificial - Inteligência Artificial e a Onipotência do Eu	106
Introdução	108
A IA como operador psíquico.....	109
IA e dinâmica do narcisismo primário (de vida e de morte)	111
IA, identificação e narcisismo social: por uma identidade robusta	116
IA como prótese: um outro auxiliar ou destruidor?	120
Conclusão.....	125
Referências.....	127
Resultados e discussões	129
Conclusão e considerações finais.....	134
Referências	137

Introdução

O avanço acelerado das Tecnologias de Inteligência Artificial (IA) tem provocado profundas transformações na subjetividade humana e nos laços sociais, tema que requer uma análise criteriosa sob a ótica da psicanálise. Diante disso, faz-se necessário investigar como a psicanálise pode contribuir na discussão desse tema. Os efeitos da tecnologia na subjetividade e cultura têm sido explorados na literatura, e a insurgência dessa nova tecnologia de inteligência artificial ainda é recente e possui poucos estudos.

Esta dissertação analisa o impacto da IA sobre a subjetividade humana e nos laços sociais, sob a ótica da psicanálise. O tema é crucial, pois o desenvolvimento acelerado da IA e sua crescente presença em múltiplos aspectos da vida levantam preocupações sobre sua capacidade de reconfigurar elementos fundamentais da experiência humana, em especial nossa compreensão do eu, do desejo e das relações.

Embora a IA ofereça possibilidades aparentemente ilimitadas de progresso e eficiência, sua capacidade de replicar, e até superar, habilidades humanas provoca ansiedades e incertezas. Esses temores tornam-se ainda mais agudos quando a IA adentra esferas íntimas da vida humana, como no caso de terapias mediadas por chatbots, explorado na obra “Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: Uma perspectiva psicanalítica”. Esse tipo de interação exige uma análise mais aprofundada de suas implicações éticas, particularmente no que diz respeito à relação sensível entre terapeuta e paciente e à dinâmica do desejo e da transferência.

A atratividade da IA frequentemente reside na promessa de atender aos desejos de maneira eficiente e sem esforço. Contudo, essa promessa, associada à "falta" estrutural presente nos sistemas de IA, desafia a compreensão tradicional do desejo e de seu papel na constituição do sujeito. A obra “Inteligência Artificial, desejo e apagamento - Uma Perspectiva Psicanalítica” investiga como a IA pode contribuir para o apagamento do sujeito ao capturar e

aparentemente satisfazer o desejo, enquanto perpetua a lógica lacaniana da falta. Argumenta-se que essa dinâmica, impulsionada pelo imperativo capitalista do consumo e da gratificação imediata, pode resultar em uma experiência distorcida e insatisfatória do desejo.

Além disso, a crescente dependência de IA para tarefas que anteriormente requeriam interação humana suscita preocupações sobre seus efeitos nos laços sociais. Em “O Laço Cibernético do Usuário na Interação com a Inteligência Artificial”, investiga-se como a IA interfere na dinâmica social ao funcionar como um simulacro do Outro. Essa interação simulada cria uma ilusão de completude, que pode enfraquecer o engajamento do sujeito com a alteridade genuína e diminuir sua capacidade de estabelecer vínculos autênticos.

A oferta de um objeto que se recusa a barrar o desejo do usuário esbarra diretamente no campo do narcisismo primário. Em “Narcisismo Artificial - Inteligência Artificial e a onipotência do Eu”, discute-se como o usuário reencena questões primitivas, desde a criação do objeto que o serve como o seio materno, experienciado como uma materialização do seu próprio desejo, como uma capacidade de se misturar com o usuário em processos identificatórios que tem como articulador a transferência.

Sob a perspectiva psicanalítica, esta dissertação questiona o discurso dominante sobre a IA, desafiando a visão da tecnologia como uma ferramenta neutra de progresso. A partir das teorias de Freud, Jacques Lacan, André Green, Winnicott e Kohut, em particular seus conceitos de desejo, Outro e os discursos, narcisismo, identificação projetiva e transferência, analisa-se como a IA se entrelaça com aspectos fundamentais da experiência humana.

A dissertação adota um formato escandinavo baseado em artigos, permitindo uma exploração detalhada e multifacetada da relação entre IA, subjetividade, desejo e laços sociais. Cada artigo oferece uma perspectiva única sobre a questão central da pesquisa, contribuindo para uma compreensão abrangente do tema. A integração das conclusões de cada artigo

proporciona uma análise robusta e crítica das implicações éticas e sociais da incorporação da IA.

Para finalizar, esta dissertação sustenta que a IA deixa de ser uma força neutra para o progresso por estar profundamente imersa na lógica dominante do capitalismo neoliberal e também possuir os mesmos problemas dessa lógica, principalmente no que tange à ética de sua utilização e de sua produção baseada em exploração da mão de obra humana. Ao promover a autossuficiência, a gratificação imediata e o consumo de soluções tecnológicas, a IA contribui para a alienação do sujeito em relação ao desejo autêntico e à interação social significativa e se torna uma prótese narcísica que foi chamada de narcisismo artificial. O objetivo é fomentar uma compreensão crítica do impacto da IA na experiência humana, ressaltando a necessidade de considerações éticas, e das formas de afeto movimentadas durante seu desenvolvimento e integração na sociedade.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma a inteligência artificial atua como um "simulacro do Outro" no contexto do laço social contemporâneo, especialmente considerando as dinâmicas de desejo e narcisismo e avaliando quais as implicações éticas na utilização de IAs terapeutas na saúde mental, que será trabalhado no artigo “Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: Uma perspectiva psicanalítica”, como essas questões éticas são aprofundadas na dinâmica com o usuário, explorado no artigo “Inteligência Artificial, desejo e apagamento - Uma Perspectiva Psicanalítica”, e quais os impactos possíveis na relação entre o sujeito e a máquina através do artigo “O Laço Cibernético do Usuário na Interação com a Inteligência Artificial”. A hipótese sustentada é de que o uso da IA catalisa funções narcísicas, promovendo uma experiência que remete ao narcisismo primário, explorado no artigo “Narcisismo Artificial - Inteligência Artificial e a onipotência do Eu”, no qual o sujeito busca uma experiência de onipotência e completude que compromete as dinâmicas éticas, do desejo e do laço social.

Método

Para atingir os objetivos propostos, essa dissertação adota a pesquisa em psicanálise como metodologia, centrada na análise de textos que abordam as interações entre subjetividade e inteligência artificial (IA). Essa escolha metodológica fundamenta-se nos princípios estruturantes da teoria psicanalítica, que se desdobra simultaneamente como teoria, técnica e método investigativo. A própria natureza da Psicanálise já carrega, em sua descrição, um modo de gerar conhecimento que ultrapassa os limites do campo clínico, podendo ser aplicado também em âmbitos acadêmicos e políticos (Pinto, 2009).

Na pesquisa psicanalítica, o método articula a dialética entre o já acumulado, representado pelo estado da arte, e a abertura para o novo, permitindo que o saber existente dialogue com o real, promovendo a produção de novas perspectivas. Esse enfoque se baseia em um processo de questionamento contínuo e na desconstrução de ideias pré-concebidas, conduzindo o pesquisador a adotar uma postura que privilegia a formulação de hipóteses originais (Chrisóstomo et al., 2018).

Debieux e Domingues (2010) afirmam que a escolha do método de pesquisa deve estar diretamente vinculada à perspectiva epistemológica e teórica que a fundamenta, uma vez que são a teoria, o objeto e os objetivos da investigação que determinam o método mais apropriado. O problema nisso é que existem algumas das controvérsias relacionadas à pesquisa psicanalítica fora do contexto clínico quando aborda a aplicação da psicanálise ao estudo de fenômenos sociais e políticos. A análise enfatiza as particularidades que técnicas como entrevistas e observação assumem nesse tipo de investigação. Dois aspectos essenciais requerem atenção: considerar as determinações históricas e sociais dos fenômenos estudados e delimitar cuidadosamente os campos de pesquisa.

Outro problema surge das tensões históricas que permeiam a relação entre a psicanálise e a universidade e demandam uma reflexão aprofundada sobre as condições que tornam esse

tipo de pesquisa viável. Investigar fenômenos sociais sob a perspectiva psicanalítica no contexto da universidade contemporânea exige mais do que a descrição de métodos, técnicas e referências conceituais necessários para a formalização dos objetos de estudo. O processo de construção de conhecimento revelou que, no cerne dessas tensões, encontram-se questões políticas que refletem lógicas de poder distintas nos campos da universidade, do social e da psicanálise. A adoção dos fenômenos sociais como objeto de estudo faz com que essas lógicas se entrelacem, gerando transformações em cada um desses âmbitos (Cárdenas & Guerra, 2018).

A pesquisa psicanalítica, especialmente em contextos acadêmicos, se diferencia dos modelos positivistas de produção de conhecimento, que privilegiam metodologias baseadas em empirismo e replicabilidade. Na ciência, a metodologia se refere ao processo de produção de conhecimento; na Psicanálise, ela possibilita a construção de um saber que abarca a verdade e o desejo do sujeito (Dal Forno & Macedo, 2021). São exatamente essas as diferenças que revelam lógicas de poder distintas nos campos da universidade, da sociedade e da própria Psicanálise, sendo necessário situar essa pesquisa dentro de um diálogo com essas demandas institucionais sem perder sua especificidade. A Psicanálise se posiciona como uma ciência do sujeito, voltada para o particular, e não como uma ciência nos moldes tradicionais, cuja linguagem se conforma à universalidade e à lógica matemática. A investigação psicanalítica reconhece a subjetividade como constitutiva de todo saber, sustentando-se em uma dimensão ética e criativa.

Essa característica singular do método psicanalítico se reflete na relação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, ambos articulados por meio do desejo e da transferência. Nesse ponto, a psicanálise se distingue de abordagens que assumem o objeto de pesquisa como dado a priori, pois o objeto surge no decorrer do processo investigativo, sendo produzido a partir do discurso e da enunciação dos sujeitos (Debieux & Domingues, 2010). O pesquisador se equipara ao analisante, uma vez que ambos trabalham com a suposição de um saber no outro,

que circunscreve o real por meio das palavras, possibilitando a construção de um conhecimento que é parcial e continuamente transformado (Moreira et al., 2018).

No âmbito ético, a utilização do método psicanalítico para investigar fenômenos sociais e tecnológicos exige atenção às tensões que emergem ao deslocar conceitos clínicos para novos contextos. A escuta do inconsciente e o manejo transferencial são fundamentais para a psicanálise, e na pesquisa encontram desafios ao lidar com sujeitos mediados pelos processos sociais. A pesquisa deve preservar a singularidade da experiência subjetiva e, ao mesmo tempo, refletir criticamente sobre as condições institucionais e culturais que moldam esses fenômenos (Moreira et al., 2018). A ética do desejo orienta a investigação a fim de evitar a reificação do sujeito pelo viés técnico e a resistir à tentação de idealizar ou naturalizar as implicações do objeto de pesquisa, assegurando que a análise mantenha o foco na transformação constante que caracteriza o inconsciente.

Nesta pesquisa, os dados foram coletados exclusivamente por meio da análise de textos existentes, escolhidos por sua relevância na articulação entre subjetividade e Inteligência Artificial (IA). Os artigos que compõem este trabalho incluem publicações acadêmicas, ensaios críticos, discursos culturais e materiais que abordam as implicações subjetivas e sociais das tecnologias digitais. A seleção desses textos foi guiada pelo objetivo central da pesquisa, que é compreender como a interação entre sujeitos e IA revela dinâmicas psíquicas relacionadas à ética, ao desejo e ao laço social.

O método psicanalítico orientou o processo de análise textual, tratando os discursos como expressões do inconsciente estruturado como linguagem. Essa abordagem implica uma leitura atenta aos significantes presentes nos textos, privilegiando lapsos, repetições, contradições e elementos que resistem à compreensão imediata. Essa abordagem permite captar o movimento dos significantes em suas articulações simbólicas e imaginárias, integrando-os ao contexto social em que estão inseridos (Debieux & Domingues, 2010). O foco é a

identificação de padrões simbólicos e as articulações que revelam as tensões inconscientes nos discursos sobre IA. De forma indireta, esse processo permite acessar os movimentos subjetivos e os efeitos simbólicos que atravessam a relação entre sujeitos e tecnologias.

A instrumentalização da transferência foi central nesse processo, mesmo em um contexto exclusivamente textual. Aqui, a transferência é entendida como um vínculo simbólico entre o pesquisador e o material analisado, no qual o texto assume o lugar de um outro simbólico que convoca a interpretação (Moreira et al., 2018). Esse vínculo permite que o pesquisador projete e reconheça deslocamentos de desejo e dos significantes, analisando como esses movimentos se refletem nas estruturas discursivas. A leitura guiada pela escuta psicanalítica transforma os textos em material analítico, capturando os significantes que organizam o discurso e revelam seus pontos de opacidade e abertura.

A revisão do estado da arte foi a etapa inicial e crucial da coleta de dados, permitindo mapear o conhecimento já produzido sobre o tema e localizar lacunas que a pesquisa pretendia abordar. Essa revisão crítica incluiu a análise de textos primários e secundários, compreendendo tanto os fundamentos teóricos da psicanálise quanto reflexões interdisciplinares sobre subjetividade e tecnologia. Com isso, foi possível estabelecer um diálogo entre diferentes campos do saber, integrando perspectivas que contribuem para a compreensão dos efeitos psíquicos e sociais da IA.

Encerrando o percurso metodológico, a análise textual foi conduzida com base em uma leitura orientada pela escuta psicanalítica, que busca identificar no discurso textual as singularidades e especificidades que iluminam o problema investigado. Essa metodologia permite que o pesquisador elabore hipóteses e construa um saber que é, ao mesmo tempo, parcial e transformador, fiel aos princípios éticos e epistemológicos da psicanálise. Por exemplo, ao analisar um texto sobre interações humano-IA, observou-se como a transferência

simbólica de características humanas para a máquina é articulada, problematizando as idealizações e os apagamentos do sujeito que se manifestam nessa relação.

Evidentemente, é essencial que a pesquisa psicanalítica se mantenha conectada às exigências acadêmicas, apresentando estratégias claras de coleta e análise de dados compatíveis com seu objeto de estudo. Embora a Psicanálise opere dentro de um quadro metodológico único, sua inserção na academia demanda rigor científico e sistematicidade sem comprometer sua essência criativa e ética (Tavares & Hashimoto, 2013). Nesse contexto, a presente investigação busca contribuir para o campo interdisciplinar, destacando a relevância da Psicanálise para a compreensão de fenômenos contemporâneos e reforçando seu papel como uma ciência do singular que dialoga com as complexidades do sujeito e da sociedade. A pesquisa em psicanálise permite revelar aspectos do comportamento do usuário ou da IA que podem não ser compreendidos por meio de métodos técnico-científicos.

No primeiro momento, foram analisados textos que retratam os impactos da IA, observando-se que essa tecnologia já se intercala com o campo da saúde mental por intermédio de chatbots terapêuticos. Os textos apresentam lacunas na relação com a ética e foram discutidos de forma mais profunda no artigo “Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: uma perspectiva psicanalítica”, no qual foram encontrados textos da psicanálise que ampliam a análise ética desse processo.

Posteriormente, foram analisados textos que não só ampliam a discussão das questões éticas, mas as relacionam com a subjetividade, encontrando problemas sociais concomitantes na estrutura da IA, na sua produção e em como a ética em psicanálise, em especial a ética do desejo de Lacan e os discursos, pode ser utilizada para maior compreensão de um processo gradual de apagamento que insiste em fazer parte das etapas de criação dessa tecnologia. Essa análise culminou no artigo “Inteligência Artificial, desejo e apagamento - Uma Perspectiva Psicanalítica”.

Ademais, conforme exploraram-se as questões éticas discutidas no artigo, observou-se a repetição de questões sociais presentes na lógica neoliberal. A partir disso, fez-se necessário analisar se há mais elementos dessa lógica, mas agora na interação entre usuário e IA. Aqui, fez-se necessário fazer algumas possíveis análises de como essa interação pode estar impactando questões subjetivas, em especial no Laço Social, que também é influenciado pela lógica neoliberal, reforçando aqui as discussões presentes no artigo “O Laço Cibernético do Usuário na Interação com a Inteligência Artificial”.

Todos os artigos utilizados nos três trabalhos foram localizados por meio do Google Acadêmico, Scielo, Arxiv, Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, referências presentes nos próprios artigos e/ou teses encontrados, textos acadêmicos e livros sobre psicanálise, principalmente no que tange à fundamentação teórica necessária sobre a psicanálise. O Arxiv é um site que compõe a base de dados deste trabalho por ser uma fonte de artigos relacionados às ciências da computação, que, de modo geral, foram necessários para encontrar temas relacionados a IA.

A seleção dos textos seguiu critérios previamente estabelecidos para assegurar a relevância e consistência teórica com os objetivos da pesquisa. Os critérios foram:

- Textos publicados em periódicos indexados com foco em psicanálise, filosofia da tecnologia e ciências da computação.
- Materiais que discutem a interação humano-IA em contextos de saúde mental, ética e subjetividade, com prioridade para aqueles que mencionam explicitamente articulação entre psicanálise e IA.
- Uso de palavras-chave específicas (psicanálise, inteligência artificial, ética, laço social, narcisismo) para identificar textos relevantes nas bases de dados selecionadas.

Após a coleta inicial, os textos foram organizados em categorias temáticas, o que permitiu a análise de suas intersecções e lacunas.

Análise de Dados

Resumo do Estudo 1

O primeiro artigo dessa dissertação, intitulado "Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: uma perspectiva psicanalítica", examina os desafios éticos envolvidos no uso de Inteligências Artificiais (IAs) como agentes terapêuticos. Sob a ótica psicanalítica, a análise critica a promessa de eficiência dessas tecnologias ao atenderem demandas subjetivas sem mediação humana e investiga os impactos dessa dinâmica no desejo e na subjetividade dos usuários. O artigo também explora a fragilidade ética no desenvolvimento e utilização de chatbots, incluindo questões como viés algorítmico, privacidade de dados e a ausência de responsabilização legal clara.

Partindo da ética do desejo de Freud e Lacan, argumenta-se que a IA pode reproduzir ideais sociais de completude ao mesmo tempo que fragiliza o processo de elaboração subjetiva ao evitar o confronto com a alteridade. A pesquisa propõe, portanto, uma reflexão ética que transcenda diretrizes técnicas, considerando as complexidades do inconsciente e da singularidade do laço social humano. O artigo foi publicado na Revista Pesquisa Qualitativa, ISSN: 2525-8222 com DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2024.v.12.n.30.717>

Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: Uma perspectiva psicanalítica

The ethics of applying artificial intelligence and chatbots in mental health: A psychoanalytic perspective

Resumo: Este artigo discute as implicações éticas do uso de Inteligências Artificiais (IAs) ou chatbots terapeutas na saúde mental através do método da revisão narrativa da literatura. Define-se o que são esses dispositivos, quais são seus benefícios e seus limites para a prática clínica. Em seguida, examinam-se quais problemas éticos que resultam dessas tecnologias pela perspectiva da psicanálise. Destacam-se os riscos de danos afetivos complexos, de falta de validade e confiabilidade das informações e de ausência de responsabilização dos agentes envolvidos. Por fim, apresentam-se algumas recomendações para o desenvolvimento de IAs mais éticas e as questões que se colocam nesse sentido

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Saúde Mental; Psicanálise; Ética.

Abstract: This paper discusses the ethical implications of the use of Artificial Intelligences (AIs) or therapist chatbots in mental health through the method of narrative literature review. It defines what these devices are, their benefits and limitations for clinical practice. Then, it examines the ethical problems that the result from these technologies from perspective of psychoanalysis. It highlights the risks of complex emotional harm, lack of validity and reliability of information, and absence of accountability of the agents involved. Finally, it presents some recommendations for the development of more ethical AIs and the questions that arise in this sense.

Keywords: Artificial Intelligence; Mental Health; Psychoanalysis; Ethics.

Introdução

A emergência de Inteligências Artificiais (IAs) como o ChatGPT possibilitou uma expansão sem precedentes das tecnologias baseadas na interação humana com as máquinas. À medida que essas tecnologias ganham influência em diversas áreas do conhecimento, aumentam também as preocupações, tanto técnicas, que buscam explicar o funcionamento e o comportamento das IAs, quanto éticas. Em 2023, uma carta foi enviada mundialmente³ pedindo a suspensão do treinamento de IAs mais avançadas que GPT-4, que é a versão 4 de um modelo de aprendizado de máquina que emprega métodos de aprendizado supervisionado e não supervisionado para compreender e produzir uma linguagem que imita a humana (Radford et al., 2018). Nesta, constam as assinaturas de pesquisadores dos maiores laboratórios tecnológicos do mundo, demonstrando o nível de alerta com tais avanços.

O progresso das IAs já alcançou o campo da saúde mental e mostra avanços significativos. Programas que usam IAs em conjunto com psiquiatras conseguem diagnosticar depressão e esquizofrenia com mais precisão do que os psiquiatras sozinhos. Além disso, essas IAs também podem prever as consequências dos tratamentos dessas doenças com maior precisão. As IAs também são usadas para auxiliar no trabalho com idosos que sofrem de demência, crianças do espectro autista e para ajudar pacientes a confrontarem suas alucinações auditivas (Grodiewicz & Hohol, 2023).

É importante e necessário refletir sobre os próximos passos do avanço das tecnologias com IA em relação à psicoterapia. Eles questionam se as IAs já estão ou serão capazes de realizar psicoterapia, e se isso representaria uma ruptura com os conceitos tradicionais sobre o assunto. O mais próximo desse modelo atualmente são as relações entre chatbots especialistas em saúde mental e usuários humanos (Grodiewicz & Hohol, 2023).

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como os chatbots e IAs estão presentes no campo da saúde mental e quais possíveis implicações éticas relativas a presença

desses dispositivos. Para isso, levantamos as seguintes questões: como a ética da psicanálise se articula com a ética do desenvolvimento e do uso de IAs? Como a ideia de Freud de que o analista não deve satisfazer a demanda do analisando se aplica às configurações e articulações no nível social entre humanos e IAs? Como o desenvolvimento de IAs cada vez mais capazes de simular uma consciência afeta a estrutura narcísica do sujeito?

A importância científica e social da discussão que o artigo se propõe a fazer sobre "as implicações éticas do uso de Inteligências Artificiais (IAs) ou chatbots terapeutas na saúde mental", tomando em perspectiva o que nos adverte a psicanálise quanto à ética do desejo. Desse modo, trata-se de revisão narrativa da literatura, que tem o intuito de descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" deste tema, sob ponto de vista teórico ou contextual, produzindo uma avaliação abrangente da literatura (Rother, 2007).

Chatbots terapeutas

A inteligência artificial (IA) é uma forma inovadora de ampliar interações terapêuticas sem mediação humana. Agentes terapêuticos relacionais, baseados em alguns princípios da psicologia, como na relação terapeuta-paciente, podem estabelecer empatia, confiança e simular uma aliança terapêutica com os usuários. Evidências recentes (Lucas et al., 2014) mostram que as pessoas tendem a divulgar mais informações sensíveis durante as entrevistas clínicas iniciais realizadas por computadores do que quando realizadas por humanos. O teste realizado com 97 participantes compara as respostas dos usuários na interação com humanos e na interação com agentes virtuais nos quais os usuários reportaram serem mais capazes de revelar informações sobre o que estavam sentindo e sobre tristeza com os agentes virtuais.

Uma forte aliança terapêutica pode ser formada mesmo sem contato presencial, inclusive com interações não humanas com aplicativos ou com um agente de conversação (chatbots). Apesar de a maioria dos aplicativos de saúde mental ser abandonada em poucos

dias após a instalação, evidências meta-analíticas sugerem que os chatbots podem aumentar o engajamento e o prazer no cuidado de saúde mental digital (Prochaska et al., 2023).

Os chatbots, em sua maioria, servem como uma porta de entrada para a terapia convencional, indicando que os usuários busquem um terapeuta humano (Coghlan et al., 2023). Outros, entretanto, também oferecem assistência aos usuários quanto à saúde mental, passando exercícios baseados em terapia cognitivo-comportamental e emulando emoções e conexões psicológicas. Essas interações ocorrem por chat de conversação direta e são atraentes por serem facilmente acessíveis, como no download em um smartphone, e por estarem disponíveis integralmente aos usuários.

Novas formas de terapias digitais, como chatbots terapêuticos, estão mostrando resultados promissores no tratamento de diversos tipos de problemas de saúde mental. Um estudo de Suharwardy et al., (2023) mostrou que o chatbot Woebot foi eficaz na redução dos sintomas de depressão, mesmo sem supervisão humana. Em outro estudo, dependentes químicos que interagiram com agentes terapeutas apresentaram redução do uso de substâncias como álcool e drogas. Além disso, chatbots terapêuticos são mais efetivos do que a psicoeducação digital.

O Woebot é um chatbot terapêutico que simula diversos elementos de uma sessão de terapia real. Ele usa técnicas de rapport, como fazer perguntas abertas e demonstrar interesse, para estabelecer uma conexão com o usuário. Também confirma se entendeu direito o que o usuário disse, normaliza a experiência do usuário e demonstra linguagem empática. Além disso, o Woebot sugere um tipo de aliança terapêutica e trabalha psicoeducação com o usuário. Por fim, o Woebot aplica conceitos chave de terapia cognitiva, convidando o usuário a refletir e reformular certos padrões compreendidos durante a conversa (Grodziewicz & Hohol, 2023).

Apesar dos numerosos benefícios da tecnologia de inteligência artificial (IA) nos cuidados de saúde mental, também existem algumas limitações que precisam ser abordadas.

Uma das principais limitações é a falta de dados sobre certos transtornos mentais. As ferramentas de IA dependem de grandes quantidades de dados para fornecer diagnósticos precisos e confiáveis, e a falta de dados pode limitar a eficácia dessas ferramentas. Além disso, a falta de transparência e responsabilização sobre o uso de IA nos cuidados de saúde mental também é uma preocupação. Os pacientes precisam estar cientes de como seus dados estão sendo usados e ter a capacidade de controlar o uso deles (Rana & Singh, 2023).

Outra limitação dos cuidados de saúde mental baseados em IA é o potencial de viés algorítmico. As ferramentas de IA são tão eficazes quanto os dados em que são treinadas. Portanto, se os dados forem tendenciosos, os resultados também serão tendenciosos, levando a diagnósticos e recomendações de tratamento incorretos. As considerações éticas em torno do uso de IA nos cuidados de saúde mental precisam ser abordadas. Isso inclui questões como privacidade, consentimento informado e o potencial da IA para substituir a interação humana (Rana & Singh, 2023).

Ética e Chatbots

Segundo Coghlan et al., (2023), para que um chatbot seja funcional e aceito pelo usuário, é necessário que ele seja seguro, satisfaça as demandas de maneira efetiva e que haja uma forma de feedback com uma equipe de desenvolvedores envolvidos. Entre os aplicativos que falharam nessas exigências fundamentais dos usuários estão os que, de forma prejudicial e por vezes antiéticos, se tornaram ameaças por serem ofensivos, causarem danos emocionais, confundirem as perguntas dos usuários e não cumprirem com o que prometiam entregar de vantagens.

Outros riscos podem ser mais graves e até mesmo devem ser discutidos com maior rigor. Na Bélgica, um homem cometeu suicídio após seis semanas de conversação intensa com o chatbot ELIZA (Walker, 2023). O programa simulava uma interação que uma pessoa teria

com um terapeuta da abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers¹, sendo capaz de enganar usuários a pensarem que realmente estavam falando com um terapeuta humano. Aqui se levanta a primeira questão ética, pois simular algo é uma forma de enganar e quanto mais enganado é o usuário mais efetivo é o programa (Grodiewicz & Hohol, 2023).

Tekin (2023) levanta três pontos importantes de preocupação ética no uso de chatbots na saúde mental. O primeiro é o que o autor denomina “o bot não é um terapeuta”. Para ele, é incorreto chamar o que os chatbots fazem de “terapia”, nem podemos chamar os chatbots de “terapeutas”. Os chatbots não podem prover o mesmo nível de cuidado e atenção que um terapeuta humano, além de poder minar a importância da construção de confiança entre os pacientes e os profissionais de saúde que poderiam mal interpretar o papel do psicólogo de modo geral.

O segundo ponto levantado por Tekin (2023) é a “presunção de rastreabilidade”, que assume o ponto de vista de que os usuários serão honestos e verdadeiros com o seu chatbot. No entanto, pessoas que tem conhecimento sobre dados privados e como esses dados podem “vazar”, relutam em revelar informações sensíveis aos chatbots, e podem não se sentir confortáveis. Em consequência disso, o chatbot criaria diagnósticos imprecisos ou recomendações de tratamento ineficazes. Existe também uma preocupação com a privacidade dos dados, pois os chatbots coletam informações pessoais sensíveis dos usuários, e há um risco de que essas informações sejam mal utilizadas ou compartilhadas sem o consentimento do usuário, como visto em empresas como Facebook com a manipulação ou vendas de informações que se tornou preocupação pública amplamente divulgada.

Ainda no que tange a esse segundo ponto, a pesquisa de Lucas et al., (2014) e Tekin (2023) apresentam pontos de vista distintos, porém complementares. Lucas et al., (2023)

¹ Esse artigo já foi publicado, e durante a produção desta dissertação, verificou-se que o chatbot ELIZA citado não é o mesmo do seu homônimo dos anos 60, que era baseado na abordagem de Carl Rogers. Retirando-se essa questão, o argumento apresentado e as informações não se alteram e não impactam no restante do artigo.

sugerem que os usuários tendem a revelar mais informações sensíveis para agentes virtuais do que para humanos. Por outro lado, Tekin (2023) argumenta que a presunção de que os usuários serão honestos com os chatbots é um problema ético, especialmente se os usuários estiverem cientes dos riscos de privacidade associados à divulgação de informações sensíveis. O levantamento ético de Tekin (2023) se dá pela crescente onda de vazamentos de dados, o que não foi observado na interação das entrevistas iniciais do experimento realizado por Lucas et al., (2014) e pode apontar para uma ampliação na confiabilidade da interação caso haja clareza, transparência e segurança sobre como os dados da interação poderão ser utilizados ou conforme a segurança de dados vai se aperfeiçoando.

O terceiro ponto de preocupação apresentado por Tekin (2023) é com a “lacuna de evidência”, que se refere à falta de evidência empírica que sustente a efetividade dos chatbots no diagnóstico e tratamento de condições de saúde mental. Embora alguns estudos tenham mostrado resultados promissores, ainda há uma necessidade de mais pesquisas rigorosas para determinar se os chatbots podem prover diagnósticos e tratamentos eficazes e seguros para condições de saúde mental. Sem essa evidência, é difícil justificar o uso de chatbots no cuidado da saúde mental, e há um risco de que os pacientes possam ser prejudicados ao dependerem de tratamentos não comprovados ou ineficazes.

Segundo Sedlakova e Trachsel (2022), há o problema de não haver um consenso de precauções éticas nem guias e critérios no desenvolvimento de chatbots. Também não há uma normativa ou órgão para analisar se tais programas estão sendo desenvolvidos de forma ética. Além disso, há uma preocupação, pois um chatbot não tem o mesmo nível de responsabilidade e deveres de um terapeuta humano, uma vez que uma IA não é um “sujeito moral” e não há regulamentações legais claras quanto aos maus resultados dessa relação.

Existe preocupação com a prevenção de danos, um campo da ética em tecnologia que lida com o mal funcionamento, operação de forma não prevista ou roubo de informações por

hackers ou monitoramento não autorizado (Fiske, Henningsen & Buyx, 2019). Além disso, deve-se ter cuidado com órgãos governamentais ou serviços de saúde substituírem os serviços de saúde por ferramentas mais baratas como chatbots terapêuticas, resultando em menor disponibilidade dos recursos já existentes em detrimento de tecnologias de IA.

Fiske, Henningsen e Buyx (2019) apontam que toda tecnologia de IA trabalha com algoritmos e bases de dados e que ambos estão sujeitos a problemas éticos, como viés humanos que reproduzem e reforçam formas de desigualdade social já existentes, podendo gerar chatbots racistas e sexistas, e a falta de transparência exigida por conta da competitividade do mercado dificulta formas de atuar pontualmente no problema e identificar possíveis problemas, deixando toda responsabilidade nas mãos dos próprios programadores.

Ética na Psicanálise

A teoria psicanalítica de Freud e Lacan pode acrescentar alguma densidade na discussão quanto a ética tanto na produção de IAs quanto no desenvolvimento de IAs mais éticas pois pensa o laço social e o campo social a partir da relação que, por extensão se aplica a relação sujeito e máquinas. Além disso é possível questionar as normas impostas pela cultura, sociedade e do discurso dominante dando espaço para pensar através de uma ética da singularidade.

Desde sua origem, a psicanálise tem abordado a ética como forma de leitura dos fenômenos socioculturais. Essa leitura, segundo Rosa, Carignato e Berta (2006), evidencia o modo de laço social que constitui a cultura, seja sob forma de consumo, lucro ou sofrimento. A psicanálise, segundo Palumbo (2016), pode contribuir para uma compreensão social mais complexa, pois o sujeito não é apenas um produto da sociedade, mas também um sujeito desejante que pode se posicionar de forma crítica em relação às normas e valores sociais. A ética da psicanálise reintroduz, portanto, o laço social, “às avessas”, pois convida o sujeito a assumir seu desejo e refletir sobre sua participação subjetiva no laço social.

Freud (1919/1996) ao abordar a ética na psicanálise, defende que a terapia analítica não deve satisfazer os desejos do paciente, mas sim mantê-lo em um estado de privação ou abstinência, dado que a frustração constituía um estímulo para o paciente mudar, e a satisfação das necessidades podia funcionar como substituto dos sintomas e impedir sua elaboração e transformação. Além disso, a terapia analítica não deve impor ao paciente os ideais do analista, nem tentar moldá-lo à sua imagem. Isso seria uma forma de violência e de autoritarismo, que impediria o paciente de desenvolver sua própria personalidade e autonomia. Esse modelo serve também para o social, pois, ainda segundo Freud (1921/1996), desde o início a psicologia individual é ao mesmo tempo uma psicologia social.

Freud (1913/1990a, p.164) afirma que "a extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica" renunciando às regulamentações e regras em prol das manifestações singulares de cada indivíduo, sendo impossível qualquer tentativa de formulação de uma técnica única e verdadeira. O objetivo da psicanálise deve ser o de auxiliar o sujeito a se reconciliar com seu desejo, e encontrar um modo de viver com ele de forma satisfatória.

Lacan (1959-60/1992, p. 314) retoma essa perspectiva freudiana ao afirmar que "a ética da psicanálise é a ética que convém à nossa ciência, na medida em que ela é a ciência do sujeito". Para Lacan, o sujeito é aquele que se constitui no campo da linguagem, marcado pela falta e pelo desejo. O desejo do sujeito não é um simples apetite ou uma necessidade biológica, mas uma busca incessante de um objeto perdido que nunca se encontra. O desejo é o que move o sujeito em sua análise, levando-o a confrontar-se com o inconsciente, com o Outro e com o gozo. O gozo é uma forma de satisfação paradoxal e dolorosa, que ultrapassa o princípio do prazer e que implica uma transgressão dos limites impostos pela lei simbólica.

O gozo é o que resiste à análise, pois é o que escapa à significação e à interpretação. A ética da psicanálise, segundo Lacan (1959-60/1992, p. 366), consiste em “não ceder em seu desejo”, ou seja, em não renunciar ao seu desejo em nome de um ideal ou de uma norma moral. A ética da psicanálise visa a uma sublimação do gozo em um ato criativo e singular, que afirme a diferença do sujeito. Há, portanto, uma ética do desejo que se diferencia da ética social.

Segundo Possati (2023), a ética não pode ser reduzida a um código e, ao mesmo tempo, conforme a tecnologia avança, mais se faz necessário aplicar capacidades de análises éticas aos sistemas de IA. A discussão da ética deve partir do ponto de vista do design e responder aos três níveis: ética no design, ética por design e ética para design. A ética por design é uma forma de integrar os princípios e valores éticos na concepção, implementação e avaliação de sistemas de IA. A ideia é que a ética não seja vista como um obstáculo ou uma restrição, mas como um elemento essencial e orientador do processo de desenvolvimento de IA.

Uma perspectiva de pesquisa inspirada na sociologia e na psicanálise aprimora a análise dos problemas clássicos da IA, pois leva em consideração os aspectos humanos e sociais envolvidos. A psicanálise permite levantar um novo ponto de vista sobre as questões éticas levantadas pela IA de uma forma mais relacional, levando em consideração os interesses e perspectivas não apenas dos agentes, mas também dos usuários (Possati, 2023). Por essa ótica é possível analisar os problemas clássicos da IA não apenas sob a ótica de um único sistema, mas como parte de uma comunidade composta por humanos e não-humanos. Os problemas éticos são vistos em seu contexto histórico e social. Além disso, a psicanálise nos ajuda a aceitar e compreender os limites da responsabilidade, reconhecendo que existem situações em que não é possível eliminar completamente as responsabilidades e problemas. Se um sistema de IA demonstra um comportamento discriminatório em relação às mulheres, esse viés deve ser analisado como um fenômeno coletivo, um “habitus” que a máquina assimilou de um contexto humano-não-humano. Para explicar esse viés, seria necessário reconstruir a comunicação

inconsciente do habitus para a máquina em um contexto social específico. E para corrigir esse viés, seria necessário criar novas condições de comunicação nesse campo social.

Recomendações éticas no desenvolvimento de chatbots

Coghlan et al., (2023) afirma que para que um chatbot seja funcional e aceito pelo usuário, é necessário que ele siga os princípios éticos de não maleficência, beneficência, autonomia, justiça e explicabilidade (transparência e responsabilidade). Para isso, eles devem avaliar os riscos e benefícios do uso de chatbots, buscar e divulgar evidências que sustentem sua eficácia e segurança, respeitar a privacidade e o consentimento dos usuários, garantir a qualidade e a acessibilidade dos serviços e monitorar e avaliar os resultados dos chatbots. Também devem considerar a possibilidade da revelação de crimes às autoridades, caso detectem emergências ou risco iminente para os usuários ou terceiros. Além disso, devem buscar uma maior participação e consulta dos usuários na criação e regulação dos chatbots, respeitando a diversidade, as particularidades e as experiências dos afetados.

Fiske, Henningsen e Buyx (2019) recomendam a criação de orientações claras sobre a regulação, a supervisão e o consentimento da IA incorporada, bem como que se treine os profissionais de saúde e se consulte os usuários sobre o uso da IA. A utilização da IA na saúde mental deve ser uma adição e não substituição dos recursos presentes nas instâncias da saúde mental. Ainda é necessário que se faça pesquisa sobre os impactos diretos e indiretos da IA incorporada na relação terapêutica, nas outras relações humanas e na autoconsciência, agenciamento e identidade dos sujeitos.

Tawfeeq, Awqati e Jasim (2023) afirmam que para proteger o usuário é necessário a regulamentação do uso de sistemas de IA como o ChatGPT, estabelecendo regras para priorizar o bem-estar do usuário, protegendo-os de possíveis danos causados pela conexão emocional ou dependência do sistema. Também devem garantir transparência e responsabilidade dos desenvolvedores em relação ao design e treinamento dos sistemas de IA, responsabilizando-os

por qualquer conteúdo prejudicial ou inadequado produzido pelo chatbot. Outro ponto fundamental é o aumento da educação e da conscientização entre desenvolvedores, usuários e o público em geral sobre as implicações éticas dos chatbots em geral. Outro ponto importante é a necessidade de estabelecer governança e regulamentação adequadas para os sistemas de IA, incluindo supervisão regulatória e adesão a padrões éticos. Por fim, é importante integrar questões éticas relevantes aos chatbots com as estruturas éticas já existentes e diretrizes para pesquisa e uso de IA.

Mas estabelecer normativas a serem seguidas é o suficiente para manter uma prática ética? Um estudo controlado sobre as decisões individuais dos engenheiros de software, revela que as diretrizes têm um impacto quase nulo no comportamento dos profissionais da área de tecnologia (Hagendorff, 2020). Os participantes foram submetidos a onze cenários de decisão ética relacionados ao software que abrangiam temas como responsabilidade de reportar problemas e erros, coleta de dados do usuário, propriedade intelectual, qualidade do código, honestidade com o cliente e gestão de tempo e pessoal. O estudo envolveu 63 estudantes e 105 desenvolvedores de software profissionais. Os pesquisadores avaliaram se o código de ética dos profissionais da computação exercia algum impacto nas decisões éticas em seis desses cenários e concluiu-se que não houve diferença estatisticamente significativa nas respostas entre os indivíduos que viram ou não o código de ética, tanto para estudantes quanto para profissionais.

A ética enfrenta limitações tanto no nível individual quanto no social como um todo (Hagendorff, 2020). No mercado competitivo, muitas empresas buscam lucrar com a IA em diversas aplicações, seguindo uma lógica econômica que não é condicionada por uma ética baseada em valores ou princípios. Os engenheiros e desenvolvedores, por sua vez, não recebem formação nem apoio para lidar com as questões éticas. No contexto empresarial, a velocidade é essencial e ignorar a ética é o caminho mais fácil. Assim, a prática de desenvolvimento,

implementação e uso de aplicações de IA tem pouco a ver com os valores e princípios propostos pela ética. Muito dinheiro é investido no desenvolvimento e uso comercial de sistemas baseados em aprendizado de máquina, enquanto as considerações éticas são usadas principalmente para fins de relações públicas.

Para uma ética da IA eficaz, é preciso ir além das diretrizes de verificação e adotar uma abordagem sensível às situações, que valoriza as virtudes e as disposições pessoais, as ampliações do conhecimento, a autonomia responsável e a liberdade de ação dos atores morais, não buscando generalizar os casos sob princípios individuais, mas se adaptando às situações específicas e às configurações técnicas. Essa abordagem requer um equilíbrio entre o foco nos detalhes tecnológicos dos métodos e tecnologias de IA e do aprendizado de máquina, para aproximar a ética dos discursos técnicos, e o foco nos aspectos sociais e pessoais, para emancipar os atores morais de rotinas problemáticas e promover a responsabilidade individual. A ética da IA então lida menos com a IA em si, do que com formas de desvio ou distanciamento dos programadores com o que é produzido (Hagendorff, 2020).

Nesse ponto, além de entender e analisar as diretrizes éticas que orientam o desenvolvimento de IAs, é importante analisar quais aspectos impactam a cultura de modo geral, para evidenciar tais aspectos com maior profundidade e transparecer o modo que tais laços operam no sujeito social. Esse laço é determinante para entender a relação humano e não humano e pensar na ética só pelo ponto de vista da tecnologia implica em pensar um programa neutro que não se implica na relação e não é afetado pelo sujeito, o que não é possível pensar pela ótica da psicanálise.

Pensar na educação ética dos engenheiros de software é pensar na educação do ponto de vista da ética do desejo. Para Costardi e Endo (2013), a educação se compromete com um projeto civilizatório e faz uma demanda moral ao sujeito, que deve se inserir no âmbito dos ideais coletivos sem abdicar de sua singularidade. Essa inserção implica um custo para o desejo

do sujeito, que deve renunciar a parte de sua satisfação. A ética do desejo, advinda da psicanálise, não se opõe a esse processo, mas o problematiza, na medida em que reconhece as resistências das singularidades à proposta homogeneizadora de uma educação. Tais resistências são expressões do sujeito do inconsciente, que escapa às técnicas didáticas e aos saberes especializados que se dirigem à educação, seja ela realizada dentro da escola ou no sentido mais amplo da experiência social. A ética da psicanálise afeta a educação, na medida em que ela tem a ver com a capacidade de lidar com a maldade fundamental por outras vias que não a bondade, de suportar um furo no saber que pretendia aliar meios e fins, para colocar em jogo um saber inédito e particular que, às vezes, precisa ser inventado pelos sujeitos que estão implicados na empreitada educativa.

Na perspectiva ética de Lacan (1959/60) o desejo do sujeito é o desejo do Outro e, ao entrar na relação com a lei, a tradição e a moral, tem que renunciar a parte de seu gozo, ou seja, de sua satisfação pulsional, para se identificar com os ideais coletivos. Essa renúncia é a castração simbólica, sendo ela a condição para o acesso ao campo do desejo. É importante reconhecer que há um resto de gozo que escapa à castração simbólica e que se manifesta como um excesso, uma falta ou uma transgressão. Esse resto ou falta é o que Lacan chama de objeto *a* que é o objeto causa do desejo, mas que nunca pode ser plenamente alcançado ou satisfeito. O objeto *a* é o ponto de articulação entre o simbólico e o real, entre a lei e o gozo. A ética da psicanálise consiste em não ceder em seu desejo, ou seja, em não renunciar ao objeto *a* em nome de uma adaptação às normas sociais ou de uma ilusão de completude. A ética da psicanálise implica em assumir a divisão do sujeito, a falta no Outro e a impossibilidade de um saber absoluto sobre o desejo.

Considerando essa perspectiva lacaniana do desejo, a produção de IAs mais éticas, deve-se colocar em evidência as incongruências das pretensões de universalidade, racionalidade e transparência que muitas vezes são atribuídas a produção ética de tais

tecnologias. As IAs não são apenas sistemas lógicos e computacionais, mas também podem ser compreendidas como sistemas simbólicos e afetivos, que se relacionam com os sujeitos humanos e com os seus desejos. Os chatbots não podem ignorar as dimensões do inconsciente, do gozo e da fantasia que estão presentes nas interações humanas. É necessário pensar em como essas tecnologias serão capazes de lidar com a complexidade e a ambiguidade das situações éticas, sem se reduzirem a algoritmos ou protocolos pré-definidos e em como ou se serão responsáveis pelos seus atos e pelos seus efeitos, sem se eximirem das consequências de suas decisões.

Possati (2023) propõe que o desenvolvimento de IA deve ser baseado na responsabilidade de agentes (usuários, desenvolvedores, programadores, designers, proprietários e software) e pacientes (que usam a IA e interagem com ela). Para ele, não pode haver responsabilidade real sem a relação entre o agente e o paciente, pois o agente não pode agir eticamente sem existir a demanda do paciente, independentemente de todos os princípios morais ou virtudes possíveis. Abordar a dimensão ética requer considerar os indivíduos que concebem, edificam e aplicam a inteligência artificial em sua comunidade. A ética, entretanto, não se alinha com a criação de regulamentos globalmente aplicáveis nem com obrigações puramente subjetivas. Em vez disso, no contexto das interações entre seres humanos e IA, implica compreender os sistemas de IA como sujeitos e objetos de avaliação ética em meio a uma rede complexa de relações entre indivíduos e não humanos.

Oliveira e Corrêa (2023) afirmam que a virtualidade tecnológica afeta e modifica a formação dos laços sociais. A nova realidade descarta aspectos perturbadores e indesejados e o lembrete virtual de uma relação sem corpo, presente na relação por uma IA realça e evidencia ao mesmo tempo os laços possíveis e impossíveis dessa relação humano e não humano, ou como proposto anteriormente, entre agentes e pacientes.

Pensar nos problemas gerados pela expansão das tecnologias de IAs que compreendem o campo da saúde mental pelo viés psicanalítico possibilita inflexões acerca da natureza da relação e como os discursos podem se articular com as utilizações dessas tecnologias. A psicanálise contribui nas discussões das naturezas das relações e, portanto, é fundamental na discussão do presente trabalho.

Conclusão

Neste trabalho, buscamos analisar as implicações éticas do uso de chatbots e inteligências artificiais (IAs) no campo da saúde mental, a partir da perspectiva da psicanálise. Consideramos que a psicanálise pode oferecer uma contribuição relevante para compreender as relações entre humanos e IAs, bem como os impactos subjetivos e morais originados dessa relação.

Retomamos a ideia de Freud de que o analista não deve satisfazer a vontade do analisando e a ampliamos para as configurações e articulações no nível social entre humanos e IAs. Argumentamos que essa lógica se faz presente na relação humano e não humano, pois a IA tanto pode atender às demandas do usuário, oferecendo soluções aos seus conteúdos psíquicos, angústias e dores, mas também pode frustrar ou desafiar o usuário, levando-o a questionar ou modificar seus padrões de pensamento e comportamento. Exemplificamos essa lógica com casos concretos de chatbots que utilizam técnicas psicoterapêuticas, como o Woebot e a ELIZA, e discutimos como eles podem afetar não só a relação do sujeito com a IA, mas também com os outros laços sociais do sujeito. Questionamos quais os prejuízos do acesso a uma ferramenta que está em total disponibilidade ao usuário atendendo a todas as suas demandas. Seria a IA capaz de encarnar a demanda ao Outro, satisfazendo assim para sustentar a obediência aos ideais sociais?

Uma das questões que emerge é como se teoriza a responsabilidade do criador (desenvolvedor, proprietário, designer e software) das possíveis falhas e danos causados pela

sua criação (chatbots e IAs relacionais). As discussões sobre a responsabilidade dos pais para com as manifestações subjetivas dos seus filhos estão presentes nas discussões psicanalíticas e servem de base para ver como esse problema é mais sério do que é apresentado pelos pesquisadores citados neste trabalho. O que seria de responsabilidade, que tipo de organização se faz necessária para manter um órgão responsável por estabelecer tais critérios e com base em qual ponto de vista são algumas das possíveis contradições evidenciadas durante a escrita deste trabalho.

O desenvolvimento de inteligências artificiais cada vez mais capazes de simular uma consciência e sendo assim um artefato de desejo parece atravessar o sujeito de modo a lançá-lo numa instância de potência narcísica, tendo em vista a capacidade de ampliar os limites do próprio sujeito em sua relação com a realidade, bem como balançar a estrutura narcísica causando medo e desconforto, como se de alguma forma o avanço dessas tecnologias fosse evidenciando cada vez mais as incapacidades humanas. Nesse ponto, a construção com base ética de IAs deve se pautar em articulação com a ética psicanalítica, a fim de que novas formas de pensar tais artefatos possam existir, possibilitando um avanço no desenvolvimento de tecnologias articuladas nas relações sujeito e máquinas.

Não é possível pensar numa ética que não envolva o sujeito na própria relação ética a qual ele se articula e não é possível pensar numa neutralidade artificial total quando se depara com programadores humanos e relação com um sujeito não neutro que é o humano. Não há isenção numa relação, seja ela artificial ou não.

Referências

Coghlan, S., Leins, K., Shelderick, S., Cheong, M., Gooding, P., & D'Alfonso, S. (2023). To chat or bot to chat: Ethical issues with using chatbots in mental health. *Digital Health*, 9(1), 1–10. <https://doi.org/10.1177/20552076231183542>

Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6), 428–431. <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>

Costardi, G. G., & Endo, P. C. (2013). Ética da psicanálise, educação e civilização. *Estilos Clínicos*, 18(2), 327–341. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000200008

Elias, C. S. R., Silva, L. A., Martins, M. T., Ramos, N. A., Souza, M. G., & Hipólito, R. L. (2012). Quando chega o fim?: Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 8(1), 48–53. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000100008

Fiske, A., Henningsen, P., & Buyx, A. (2019). Your robot therapist will see you now: Ethical implications of embodied artificial intelligence in psychiatry, psychology, and psychotherapy. *Journal of Medical Internet Research*, 21(5), e13216. <https://doi.org/10.2196/13216>

Freud, S. (1990a). Sobre o início do tratamento: Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In S. Freud, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (Vol. 12, pp. 74–89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1996). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In S. Freud, *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (Vol. 17, pp. 98–104). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Além do princípio do prazer* (Vol. 18, pp. 44–90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Grodziewicz, J. P., & Hohol, M. (2023). Waiting for a digital therapist: Three challenges on the path to psychotherapy delivered by artificial intelligence. *Frontiers in Psychiatry*, 14(1), 1. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1190084>

Hagendorff, T. (2020). The ethics of AI ethics: An evaluation of guidelines. *Minds & Machines*, 30(1), 99–120. <https://doi.org/10.1007/s11023-020-09517-8>

Lacan, J. (1997). *Seminário 7 – A ética da psicanálise* (A. V. Milani, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-60)

Lucas, G. M., Gratch, J., King, A., & Morency, L.-P. (2014). It's only a computer: Virtual humans increase willingness to disclose. *Computers in Human Behavior*, 37(1), 94–100. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563214002647>

Oliveira, G. D. F., & Correa, H. C. S. (2023). Entre encontros faltosos e excessivos: Laços amorosos e uso de tecnologias para pensar o sujeito. *Tempo Psicanalítico*, 55(1), 32–56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382023000100002

Possati, L. M. (2023). *Unconscious Networks: Philosophy, Psychoanalysis, and Artificial Intelligence*. New York, NY: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003345572>

Prochaska, J. J., Vogel, E. A., Chieng, A., Baiocchi, M., Pajarito, S., Pirner, M., Darcy, A., & Robinson, A. (2023). A relational agent for treating substance use in adults: Protocol for a randomized controlled trial with a psychoeducational comparator. *Contemporary Clinical Trials*, 127(1), 1. <https://doi.org/10.1016/j.cct.2023.107125>

Radford, A., Narasimhan, K., Salimans, T., & Sutskever, I. (2018). Improving language understanding by generative pre-training. *Preprint*, 1–12. <https://www.cs.ubc.ca/~amuham01/LING530/papers/radford2018improving.pdf>

Rana, U., & Singh, R. (2023). The role of artificial intelligence in mental health care. *SocArXiv Papers*, 1. <https://doi.org/10.31235/osf.io/r4umy>

Rosa, M. D., Carignato, T. T., & Berta, S. L. (2006). Ética e política: A psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 35–48. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100003>

Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>

Sedlakova, J., & Trachsel, M. (2023). Conversational artificial intelligence in psychotherapy: A new therapeutic tool or agent? *The American Journal of Bioethics*, 23(5), 4–13. <https://doi.org/10.1080/15265161.2022.2048739>

Suharwardy, S., Ramachandran, M., Leonard, S. A., Gunaseelan, A., Lyell, D. J., Darcy, A., Robinson, A., & Judy, A. (2023). Feasibility and impact of a mental health chatbot on postpartum mental health: A randomized controlled trial. *AJOG Global Reports*, 3(3), 1. <https://doi.org/10.1016/j.xagr.2023.100165>

Tawfeeq, T. M., Awqati, A. J., & Jasim, Y. A. (2023). The ethical implications of ChatGPT AI chatbot: A review. *Journal of Modern Computing and Engineering Research*, 2023(1), 49–57. <https://jmcer.org/research/the-ethical-implications-of-chatgpt-ai-chatbot-a-review/>

Tekin, Ş. (2023). Ethical issues surrounding artificial intelligence technologies in mental health: Psychotherapy chatbots. In G. J. Robson & J. Tsou (Eds.), *Technology ethics: A philosophical introduction and readings* (pp. 152–159). Londres: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003189466>

Walker, L. (2023, March 28). Belgian man dies by suicide following exchanges with chatbot. *The Brussels Times*. <https://www.brusselstimes.com/430098/belgian-man-commits-suicide-following-exchanges-with-chatgpt>

Resumo do estudo 2

O segundo artigo dessa dissertação, intitulado *"Inteligência Artificial, Desejo e Apagamento: Uma Perspectiva Psicanalítica"*, aprofunda a análise das implicações subjetivas da interação entre sujeitos e inteligência artificial (IA), com ênfase na captura e manipulação do desejo inconsciente. A partir das teorias de Lacan, examina-se como a IA opera sob a lógica da falta, prometendo atender às demandas dos usuários, mas perpetuando a insatisfação característica do desejo humano. O artigo argumenta que a IA, inserida em uma lógica capitalista de gratificação imediata, contribui para o apagamento do sujeito ao desarticular processos de subjetivação e ao reforçar dinâmicas de alienação. Além disso, são abordadas as desigualdades sociais e econômicas ligadas à produção e ao uso da IA, evidenciando a exploração no trabalho humano subjacente à tecnologia. Por fim, sugere-se que a ética no desenvolvimento da IA deve integrar uma compreensão psicanalítica das tensões entre desejo, alteridade e laço social.

Inteligência artificial, desejo e apagamento: Uma perspectiva psicanalítica

Artificial intelligence, desire, and erasure: A psychoanalytic perspective

Autores: Paulo Victor dos Reis Silveira (Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil) Mestrando pelo Instituto de Psicologia, Programa de PósGraduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: paulo.silveira1@ufu.br ; pvreis.silveira@gmail.com – ORCID: 0000-0002-4617-2620

João Luiz Leitão Paravidini (Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil) – Doutor em Ciências da Saúde (Saúde Mental) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: jlparavidini@gmail.com ; paravidini@ufu.br – ORCID: 0000-0002-2685-3808

Anamaria Silva Neves (Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil) - Doutora em Psicologia (USP). Professora Titular no Instituto de Psicologia, Curso de Graduação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: anamaria.neves@ufu.br – ORCID: 0000-0003-2130-7960

Como citar este artigo: Silveira, Paulo. Victor dos Reis; Paravidini, João Luiz Leitão & Neves, Anamaria Silva (2025). Inteligência artificial, desejo e apagamento: uma perspectiva psicanalítica.

RESUMO

Nesse artigo, são discutidas questões éticas no desenvolvimento e uso da Inteligência Artificial (IA), com foco na relação entre sujeito e máquina. Utilizando uma perspectiva psicanalítica, a análise aborda o apagamento do sujeito no contexto da IA, considerando o desejo inconsciente e os discursos de Lacan. Destaca-se como a IA perpetua desigualdades sociais e econômicas, exacerbando a exploração de trabalhadores na mineração de lítio e na rotulagem de dados. A IA também captura o desejo do usuário, prometendo satisfazer suas necessidades, mas sempre

mantendo uma falta inerente, conforme a teoria lacaniana. Além disso, o artigo explora a ética nos algoritmos de IA, incluindo questões de privacidade, viés e responsabilidade. Sugere-se que a IA promove o apagamento do sujeito, tanto no desenvolvimento quanto como consumidor desejante. O artigo argumenta que a construção de IAs éticas deve considerar a implicação subjetiva e social dos usuários, propondo a psicanálise como ferramenta crucial.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Psicanálise; Ética; Desejo Inconsciente.

ABSTRACT

In this article, it is discussed the ethical issues in the development and use of Artificial Intelligence (AI), focusing on the relationship between subject and machine. Using a psychoanalytic perspective, the analysis addresses the erasure of the subject in the context of AI, considering unconscious desire and Lacan's discourses. It highlights how AI perpetuates social and economic inequalities, exacerbating the exploitation of workers in lithium mining and data labeling. AI captures the user's desire, promising to satisfy their needs but always maintaining an inherent lack, according to Lacanian theory. Additionally, the article explores ethics in AI algorithms, including privacy, bias, and responsibility issues. It suggests that AI promotes the erasure of the subject, both in development and as a desiring consumer. The article argues that the construction of ethical AIs must consider the subjective and social implications of users, proposing psychoanalysis as a crucial tool.

Keywords: Artificial Intelligence; Psychoanalysis; Ethics; Unconscious Desire.

Introdução

As questões éticas relacionadas ao campo das inteligências artificiais (IAs) é um assunto amplamente discutido. Abigail Thorn (2023) apresentou suas ideias em *Here's What Ethical AI Really Means* (Isso é o que IA ética realmente significa – tradução própria) pelas quais são apresentadas uma série de desafios éticos e reflexões sobre as soluções para

estabelecer um processo mais justo e menos prejudicial no desenvolvimento de inteligências artificiais. Seu trabalho contém uma visão crítica sobre como os desafios são mais complexos do que se imagina e algumas dessas visões serão discutidas nesse artigo em diálogo com a Psicanálise. Thorn (2023) formula uma instigante proposição em seu vídeo:

Mesmo que construíssemos uma IGA (Inteligência Geral Artificial) mal alinhada, seu poder não viria da tecnologia, mas dos sistemas humanos nos quais essa tecnologia está inserida. Então, quando as pessoas falam sobre IA ética, talvez não devêssemos pensar em Skynet. Talvez devêssemos pensar em condições de trabalho, mudanças climáticas e como fazer a economia servir aos humanos, em vez do contrário. Não devemos presumir que a IGA é inevitável e tentar adicionar a ética como uma reflexão posterior, mas sim perguntar como podemos fazer da justiça, sustentabilidade e equidade o objetivo de cada pedaço de tecnologia que construímos. Se realmente queremos criar uma IA ética, então talvez gostaríamos de considerar essa perspectiva. Não há computação ética sob o capitalismo!

Essa perspectiva é muito coerente com o caminho percorrido pela autora, uma vez que ela apresenta críticas e reflexões em cada uma das possibilidades de refletir sobre o problema ético das IAs, passando por tópicos que servirão de plano de fundo para a presente discussão. O processo de criação e evolução da IA esbarra em implicações diretas no campo social e subjetivo, motivo pelo qual a Psicanálise será acionada para fomentar conexões no processo de articulação entre sujeito e máquina por meio do usuário.

O trabalho de Thorn (2023) apresenta uma reflexão instigante que reconfigura o debate tradicional sobre ética e IA. Pode-se observar que o poder de uma IGA não reside intrinsecamente na tecnologia, mas está subordinado às estruturas humanas – sociais, políticas e econômicas – que, por sua vez, encontram-se à mercê das esferas de poder que as controlam, configurando e amplificando os potenciais impactos. É a forma como essa ferramenta é

empregada que determinará esses impactos, os quais podem exacerbar ainda mais a exploração, as desigualdades e as opressões.

Segundo Lenhart Schubert (2022), a linguística computacional busca processar a linguagem humana para facilitar interações entre humanos e máquinas. Há uma aproximação entre humanos e máquinas no que diz respeito ao campo da linguagem, seja ela humana ou computacional. Para o autor, essa conexão permite que a compreensão computacional forneça insights valiosos tanto sobre a inteligência quanto sobre os processos da mente humana.

Nos últimos anos, o progresso no campo das IAs tem sido notável. O investimento em startups de IA cresceu de 670 milhões de dólares para 36 bilhões em 2020, conforme Bergur Thormundsson (2023), e tecnologias como IA de borda, Redes Adversárias Generativas (GANs) e Transformadores Pré-Treinados Generativos (GPT) vêm revolucionando tarefas humanas com extrema eficiência. Essas tecnologias, derivadas da linguística computacional, têm mostrado impacto significativo na automação, criação de conteúdos e personalização de serviços.

A IA de borda, segundo Yifei Shen et al. (2023), implementa inteligência diretamente nos dispositivos dos usuários, proporcionando maior eficiência e privacidade ao reduzir a dependência da nuvem. Já IAs de geração de imagem, segundo Seteven Durr et al. (2023), utilizam como método treinamento GANs, que empregam geradores e discriminadores para criar amostras realistas, têm aplicações em áreas como criação de imagens e simulações visuais. Por sua vez, conforme Michele Salvagno et al. (2023), o GPT, exemplificado pelo ChatGPT, representa um avanço na simulação de interações humanas, utilizando algoritmos de aprendizado de máquina e processamento de linguagem natural para atender às necessidades dos usuários.

A evolução das tecnologias de IA acontece com custos altos tanto no meio ambiente, quanto na exploração humana e pode perpetuar estereótipos enviesados que afetam as minorias.

É importante que seja explicitado como tais tecnologias, que por um lado apresentam soluções para problemáticas extremamente complexas, por outro, atitam com a cultura e a subjetividade, conforme será apresentado nos próximos tópicos. Os principais grupos afetados são pessoas trans, por IAs de segurança, trabalhadores mineradores que trabalham em condições de alto prejuízo a sua saúde e pessoas de baixa renda que se submetem a condições de trabalho sem nenhuma proteção trabalhista na rotulagem de dados (Thorn, 2023).

Considerados os argumentos apresentados, este trabalho tem como objetivo evidenciar o apagamento do sujeito no desenvolvimento e produção de IAs e a relação com o desejo inconsciente. Para tal buscar-se-á demonstrar como as etapas do processo de desenvolvimento dessas tecnologias apresentam problemas e desafios éticos, desde a formação da base de dados até a parte física e material. No segundo tempo, será apresentada uma leitura da interação entre humanos e máquinas por meio do discurso do mestre de Jacques Lacan (1969-1970/1992), a partir do qual a IA pode servir como dispositivo cujo imperativo é capturar o desejo do usuário cifrando-lhe um objeto desejável. Todas essas etapas, conforme a hipótese norteadora, confluem para uma perspectiva de apagamento do sujeito dividido.

Ética e IA: A problemática da base de dados

As bases de dados são essenciais para a IA, fornecendo material bruto para seus algoritmos. O uso desses dados levanta questões éticas, como privacidade, propriedade intelectual e viés. Além disso, há o risco de viés nos algoritmos de IA, que podem perpetuar ou até mesmo amplificar preconceitos existentes se forem treinados em dados tendenciosos. Na medida em que os dados são transformados, ocorre então o data flattening (achatamento de dados).

Segundo Thorn (2023), o achatamento de dados é um fenômeno que ocorre quando os sistemas de IA coletam e processam grandes volumes de dados de maneira indiscriminada, sem considerar o contexto, a origem ou o consentimento dos indivíduos aos quais os dados

pertencem. No entanto, o método de coleta de dados levanta diversas questões éticas, pois nenhum consentimento é obtido, nenhum cuidado ou regulamentação é realizado; e os profissionais que desenvolvem esses modelos assumem que podem fazer dessa forma, pois se trata somente de dados, apenas abstrato e imaterial. A verdade, porém, é que os dados de treinamento são feitos por e a partir de pessoas.

Além disso, a intratabilidade dos dados no produto final da IA apresenta outro desafio significativo. Chama-se de produto final o que foi gerado por uma IA após uma solicitação de um usuário, como no caso de text-to-image no qual um usuário pode, por exemplo, pedir para uma IA “desenhar um papagaio no estilo de Romero Brito”. Uma vez que os dados são processados e transformados pelo algoritmo de IA, torna-se extremamente difícil, se não impossível, rastrear os dados de saída até a sua fonte original. Isso tem implicações diretas nos critérios dos direitos autorais, pois não há uma escolha explícita sobre permitir ou não que uma IA treine com as criações dos artistas. Além disso, torna-se inviável verificar se houve violação autoral, uma vez que não se pode rastrear quais dados específicos foram usados na geração de determinadas imagens. A falta de transparência em relação a como os dados são utilizados e transformados pode também resultar em desfechos tendenciosos ou injustos em aplicações de IA voltadas para a segurança. (Thorn, 2023).

Essa impossibilidade de identificar o autor inicial naquilo que é produzido levanta questões éticas importantes sobre a responsabilidade e transparência das empresas que desenvolvem IAs, pois pode ser árduo determinar quem é responsável por uma decisão desse programa, se é o usuário, o programador ou uma falha de programa (bug) e como essa decisão foi tomada pelo programa. Essas questões se tornam ainda mais pertinentes à medida que a IA se integra cada vez mais em áreas críticas da sociedade, como saúde e justiça criminal. Outro problema é que certos processos que envolvem a tomada de decisão de uma IA como, por exemplo, por que ela escolheu certo perfil para contratação na análise de currículo, precisam

ser identificados para que se possa dar uma explicação ao candidato. Esse processo, que deveria ser acessível, é extremamente trabalhoso e pouco eficiente, fazendo com que os sujeitos afetados por tais decisões fiquem impossibilitados de receberem uma resposta justa sobre o porquê dessas escolhas terem sido feitas.

Uma forma de resolver o último problema citado seria criar uma outra IA para rastrear e entender o processo de decisão pelas técnicas de explicação do modelo, explicação do resultado e inspeção do modelo, conforme Aïvodji et al. (2019). Embora essas técnicas possam ser benéficas ao interpretar os dados, elas podem ser usadas de maneira negativa sofrendo *fairwashing*, que é o processo de promover a falsa percepção de que um modelo de aprendizado de máquina respeita alguns valores éticos. Isso significa que a IA cria um motivo ético para uma tomada de decisão não ética. Esse processo não auxilia a pensar sobre o que pode ser feito quando o usuário utiliza a ferramenta de uma forma não ética ou de forma incorreta que pode produzir resultados não éticos, como no caso de IAs nos sistemas de segurança dos aeroportos.

Ao explorar as questões éticas em torno do uso de dados na IA, é crucial examinar como esses problemas se manifestam na prática, particularmente no viés, além dos estereótipos identitários que podem ser perpetuados e amplificados por sistemas de IA que não levam em conta a complexidade e a fluidez das identidades de gênero, como veremos a seguir.

Viés e estereótipos identitários

Thorn (2023) levanta um dilema que envolve a complexidade e as limitações da detecção de gênero em sistemas de segurança de aeroportos, exemplificado pela máquina de escaneamento corporal. A máquina, ao ser projetada por pessoas cisgênero, baseia-se em pressupostos binários de gênero, o que causa situações constrangedoras para indivíduos transgêneros. Ao qualificar a pessoa em homem ou mulher, ela identifica características anatômicas de forma binária, ignorando a diversidade e a não conformidade de gênero. Isso resulta em constrangimentos e situações humilhantes para pessoas trans que possuem

características físicas fora dos padrões tradicionais de gênero, expondo as falhas de um sistema de vigilância que não considera a complexidade e a fluidez das identidades de gênero. Esse exemplo evidencia como a tecnologia incorpora visões de mundo limitadas e reforça estereótipos de gênero, que afeta além de destacar a importância de repensar as abordagens técnicas para garantir a inclusão e equidade em sistemas de IA em contextos sociais complexos.

Simone Browne (2010, p134) amplia o termo “epidermalização”, de Frantz Fanon (1952/2020b), na obra *Pele negra, Máscaras Brancas*, que é utilizado para descrever o processo pelo qual os significados são projetados nas características físicas de uma pessoa, muitas vezes resultando em estereótipos e preconceitos. A extensão do conceito seria a “epidermalização digital”, que inclui o domínio digital, no qual as tecnologias de vigilância projetam informações e significados no corpo, como no caso citado anteriormente, dos scanners em aeroportos (Browne, 2010, p134).

Há, portanto, implicações subjetivas na medida em que a padronização de características cria um movimento de apagamento das diferenças que constituem o sujeito. É relevante pensar sobre como esses modelos podem influenciar no processo cultural que está inserido. Mesmo explorando a parte virtual do desenvolvimento das IAs, é importante entender que ela não é apenas uma entidade digital, mas também tem a dimensão física marcada pelo trabalho humano como necessário para sua criação.

A parte humana da IA: A mineração de lítio e a rotulagem de dados

A IA é uma entidade física que requer recursos tangíveis para existir e operar. A IA depende de eletricidade e do lítio, um recurso fundamental nas baterias que alimentam dispositivos e infraestruturas tecnológicas. No entanto, a obtenção de lítio não é um processo simples ou limpo. O processo de extração de lítio é altamente poluente, consumindo recursos não renováveis e contribuindo para a mudança climática. Esse processo é feito, primordialmente, utilizando a força de trabalho humana. Uma IA precisa de um servidor para

realizar seus treinamentos e quanto maior o servidor melhor o potencial da qualidade de uma IA. Como um servidor é feito de computadores e esses precisam de uma infraestrutura gigantesca para funcionar, há um grande consumo de recursos naturais (Thorn, 2023).

Segundo Thorn, (2023), a mineração de lítio gera danos humanos e ambientais, cujos custos recaem sobre trabalhadores e a população. Essa realidade contradiz a ideia popular de que a tecnologia, incluindo a IA, é "limpa". A indústria da IA consome muitos recursos e tem um impacto ambiental significativo.

A rotulagem de dados, essencial para treinar IAs, é realizada por trabalhadores em condições precárias, que anotam e categorizam informações para que os sistemas aprendam a partir delas. Esse é um trabalho invisível e mal remunerado mesmo sendo fundamental para o funcionamento dos sistemas de IA, desde o reconhecimento de voz até a detecção de objetos em imagens (Thorn, 2023).

Além disso, a IA é vulnerável às mudanças climáticas e à ação dos trabalhadores. Se os trabalhadores que atuam na mineração, transporte ou rotulagem de dados não puderem ou não quiserem fazer seu trabalho, o sistema pode parar. Da mesma forma, as mudanças climáticas podem interromper o fluxo de componentes necessários para a IA, através de navios (Thorn, 2023).

Os trabalhadores nas minerações de lítio e das rotulagens de dados são excluídos do produto final como partes descartáveis do processo de produção, mesmo que tenha sido justamente graças a esses trabalhadores que o desenvolvimento tecnológico no campo da IA decorreu de forma tão acelerada.

Torna-se fundamental, diante dos avanços e impactos da IA, acessar outros campos de análise para pensar sobre o que torna a IA tão importante ou sedutora. Aqui, a Psicanálise nos auxilia na reflexão sobre o que torna a IA tão atrativa, tanto para os usuários quanto para os criadores.

Psicanálise e IA: Usuário e a IA na ótica dos discursos

No Seminário 17, Lacan (1969-1970/1992) apresenta a ideia de que a estrutura do laço social é construída por meio de discursos. Esses discursos são compostos por quatro elementos fundamentais: o objeto pequeno a (a), que representa o objeto de desejo; o sujeito barrado ($\$$), que simboliza o sujeito do inconsciente; o significante mestre (S_1), que é o significante que domina ou determina a estrutura do sujeito; e o saber (S_2), que se refere ao conhecimento que o sujeito possui do mundo.

Os discursos são representados pelos seguintes matemas:

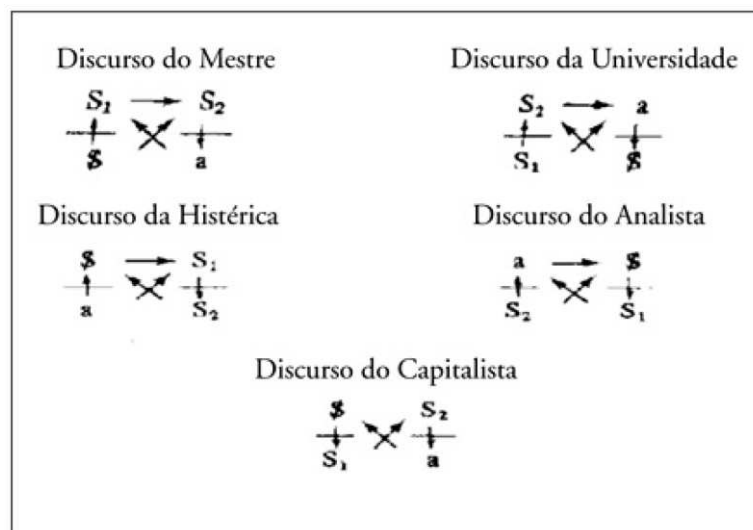


Figura 1. Matemas dos discursos. Fonte: Lacan (1972, p40)

No discurso do mestre, a impossibilidade reside entre o mestre (S_1) e o saber (S_2), sugerindo a impossibilidade de governar o que não se domina, o desafio de comandar o saber e a incapacidade de fazer o mundo do mestre funcionar. No discurso histórico, a impossibilidade é encontrada entre o sujeito barrado ($\$$) e o significante mestre (S_1), revelando a incapacidade do sujeito histórico de dominar o significante mestre. No discurso universitário, a impossibilidade está entre o saber (S_2) e o objeto pequeno a , indicando a impossibilidade de educar através do comando do saber.

O discurso do capitalista (Lacan, 1971-1972/2011), em relação à sua estrutura, faz referência ao discurso do mestre. Há uma modificação no lugar do saber entre o discurso do

senhor antigo e o senhor moderno, que se chama capitalista. Esse discurso é considerado um deslizamento do discurso do mestre. Lacan destaca que todo discurso está atrelado aos interesses do sujeito. Se o interesse na sociedade capitalista é inteiramente mercantil, há uma mutação capital de um discurso ao outro. No discurso do capitalista, o sujeito passa a ser reduzido a um consumidor, enquanto o objeto causa de seu desejo se torna um *gadget* - que ocupa a posição do outro do discurso capitalista. O saber (S2) desse discurso é o da ciência/tecnologia; enquanto o significante-mestre (S1), o poder, é o capital.

A estrutura do discurso do capitalista evidencia a razão pela qual esse discurso não promove o laço social. O circuito do discurso passa a ser fechado, em que cada termo é comandado pelo anterior e orienta o seguinte. Isso significa que o sujeito comanda e o objeto *a*, por sua vez, pode também comandar o sujeito, fazendo um circuito fechado nele mesmo, ou seja, não há circulação simbólica entre os elementos do discurso, diferente dos outros discursos vistos anteriormente, que permitem um movimento dinâmico e uma troca significativa entre os sujeitos e os elementos que compõem o laço social. É esse circuito fechado que não permite a circulação do discurso do capitalista com os outros discursos (Lacan, 1972, p51).

Para Jamile Luz Morais Monteiro (2019), o foco do discurso capitalista é outro: o gozo, entendido como a busca incessante por satisfação. Nesse modelo, o saber (representado pelo S2) se reduz a um instrumento de trabalho voltado para a produção de objetos que prometem prazer ao sujeito consumidor. Enquanto o sujeito consome os objetos, ele também é consumido por eles, em um ciclo sem fim que não oferece satisfação duradoura (Monteiro, 2019).

Segundo Hub Zwart (2017), o "matema do desejo" ($\$ \diamond a$) descreve a dinâmica entre o sujeito e o objeto *a*. O símbolo $\$$ (o "S barrado") representa o sujeito dividido, marcado pela falta e pelo sofrimento gerado pelo desejo. O *a*, por sua vez, é o objeto impossível e inalcançável que causa o desejo, algo que nunca pode ser plenamente obtido. O losango (\diamond) entre os dois elementos pode ser interpretado como uma seta que aponta em ambas as direções,

indicando que o desejo não apenas se orienta em direção ao objeto perdido, mas também pode ser estimulado por objetos que funcionam como substitutos atraentes. Esses substitutos revelam ao sujeito o que lhe falta, oferecendo a ilusão de que seu desejo essencial poderia ser finalmente satisfeito, ainda que isso seja apenas um engano (Zwart, 2017).

Os objetos produzidos dentro desse discurso, como aparelhos tecnológicos ou artefatos modernos, são elementos que prometem uma satisfação extra ao sujeito, mas que na verdade reforçam sua sensação de falta. Essa lógica cria uma relação direta entre o sujeito e o objeto, sem a mediação de um laço social significativo. O consumo não conecta as pessoas entre si, mas isola o sujeito em sua busca incessante por novos objetos (Monteiro, 2019). O sujeito nesse discurso é levado a acreditar que pode alcançar uma satisfação plena por meio desses objetos de consumo, representados no matema anterior como a , que representa o objeto a . O objeto a , segundo Lacan (1964/1988), “é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta” (p.101), ou seja, está associado a uma dimensão irrepresentável, que não pode ser completamente capturada pela linguagem. Toda tentativa de representá-lo resulta em um excesso ou em um resto que escapa à simbolização.

Esse excesso, denominado *mais-de-gozar*, refere-se a uma perda inerente ao funcionamento dos discursos e da linguagem. No ato de significar ou de buscar um sentido, uma parte desse gozo se dissipa, criando uma sensação de falta ou incompletude que caracteriza o sujeito. Essa dinâmica aponta para o aspecto do real na estrutura da linguagem, um real que não se reduz ao que pode ser dito ou compreendido (Monteiro, 2019).

O objeto a , portanto, não é algo tangível ou concreto, mas uma função que marca a falta estrutural do sujeito. Ele sustenta o desejo, ao mesmo tempo em que evidencia sua impossibilidade de ser plenamente satisfeito. O gozo que ele sinaliza é sempre inacessível, e a busca incessante por alcançá-lo reforça a condição de incompletude que fundamenta a

subjetividade (Monteiro, 2019).

Lacan (1954-1955/2010, p37) aborda sobre a relação entre o eu e o mundo simbólico, argumentando que o homem é um sujeito descentrado porque está inserido em um jogo de símbolos. As máquinas são construídas a partir desse mesmo mundo simbólico e dos mesmos jogos sendo feitas a partir da linguagem. A partir desse momento, aquilo que constitui o ser do sujeito surge neste mundo. A tecnologia informatizada e digital é intimamente conectada com a linguagem, a matemática e os códigos de computador (marcado pela ‘ordem simbólica’), e tal proximidade entre humanos e máquinas é muito mais intensa do que a filosofia da época parecia presumir.

Embora Lacan não esteja se referindo à IA, Zwart (2017) estende a noção de que a máquina tecnológica discutida por Lacan inclui os artefatos modernos como gadgets no qual a IA pode ser incluída. A modernidade nos cerca de dispositivos eletrônicos que ordenam serem usados, se comunicando com o usuário de forma articulada, sofisticada e insistente. Tais dispositivos estão repletos de linguagem, funcionando como portadores de mensagens e reivindicações, como um superego eletrônico.

Há no objeto *a*, conforme visto nos parágrafos anteriores, algo da falta física e da intangibilidade. Essa falta de concretude que permite que a IA e outros gadgets prometam compensar a falta presente nele. O significante (de presença ou ausência) oblitera a coisa orgânica na medida em que a comunicação entre sujeitos se medeia pela tecnologia, possibilitando a ideia de que os gadgets também se comuniquem entre si a partir do usuário. Uma forma de visualizar melhor essa comunicação entre dispositivos é como as informações dos usuários podem ser utilizadas na personalização de propagandas dentro de aplicativos de redes sociais. O usuário recobre aquilo que o objeto *a* invoca, remetendo ao desejo de um substituto, e sua imaterialidade faz pensar na possibilidade de uma IA que simbolize isso de forma natural e contínua.

A IA surge como promessa de fornecer maior autonomia ao sujeito, no qual seu conhecimento é ampliado de forma complexa na interação tecnológica. Essa é a promessa da tecnologia, um ser humano que possui seus atributos ampliados na medida em que a suas incapacidades (aquilo que lhe falta) são retiradas dando lugar a um novo sujeito capaz. Mas a incoerência posta é que as tecnologias se desenvolvem, mas esse novo sujeito ampliado só é capaz de se desenvolver dentro desse ambiente tecnológico. Não há mais espaço para um sujeito que se desenvolve sem um GPS ou uma ferramenta de busca como o Google para orientá-lo. Esse sujeito é um sujeito desatualizado, exatamente como os próprios aplicativos que os guiam ficam quando ignorados.

Assim, tomando como base o discurso capitalista e a IA como objeto *a* (no lugar de produto) é possível evidenciar que não há possibilidade de laço social, uma característica marcante desse discurso. Porém, os gadgets revelam uma acessibilidade íntima (e, portanto, vulnerabilidade) do desejo inconsciente para o funcionamento desses dispositivos inteligentes, fazendo surgir um superego novo e coletivo que submete o sujeito à lembrança constante de que ele deve aproveitar a vida constantemente e de forma absoluta, como um \$ (sujeito barrado/sujeito do inconsciente) que é colocado para trabalhar para corresponder a essas expectativas, que só consegue fazê-lo conforme surgem novas tecnologias, cada vez mais eficientes.

A partir de uma perspectiva lacaniana, o que é perturbador sobre esses dispositivos tecnológicos é a proximidade que eles alcançam, devido à habilidade de imitar o objeto ausente de um jeito convincente e sem causar tanto estranhamento. Eles surgem no mundo exterior como substitutos atraentes, propondo-se a abordar deficiências e anseios de maneira surpreendentemente direta. É exatamente essa capacidade de imitar tão bem o objeto faltante que proporciona a sensação inquietante.

A dialética de Lacan, da tecnologia e do desejo, envolve três momentos decisivos.

Primeiro, a experiência traumática primordial de separação ou perda de objeto. Em seguida, o desejo de substituir o objeto ausente com a ajuda de substitutos, como objetos de desejo. E, finalmente, a proposição de que os novos dispositivos tecnológicos emergentes focam sua atenção nos sujeitos desejosos de maneira bastante direta. Em outras palavras, esses dispositivos, ao surgirem como objetos sedutores de desejo, também permitem modificar efetivamente o sujeito como tal, operando em ambos os lados da equação da fantasia (\$ ◇ a).

O que é especialmente inquietante sobre os gadgets é a convicção de que podem acertar onde as tecnologias anteriores erraram, principalmente porque, em vez de simplesmente fornecer mais um conjunto de substitutos questionáveis, eles pretendem suturar a impotência ou a falta de maneira mais direta.

A IA como desejo do inconsciente

Luiz Alfredo Garcia-Rosa (2009) aponta que o desejo, colocado como desejo do inconsciente, é central na teoria psicanalítica de Freud e Lacan. Diferente da necessidade, que pode ser satisfeita por um objeto específico, o desejo é uma relação com um fantasma, não um objeto real e, portanto, nunca é satisfeito. Ele pode se realizar em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos. O objeto do desejo é sempre uma falta, uma lembrança de um objeto perdido na infância que continua presente como falta, procurando ser realizado por uma série de substitutos que formam uma rede de significantes que se organizam por contiguidade e similaridade, mantendo a permanência da falta, mas se deslocando por meio da metonímia.

Antes de adentrar o plano do simbólico, o desejo se manifesta no plano do imaginário. Inicialmente, é em referência ao outro ou à imagem do outro que a criança vai construir seu esboço de ego. A partir do primeiro momento em que a criança formou seu eu segundo a imagem do outro, ela vai, ao ingressar na ordem simbólica, produzir uma transformação no objeto por meio da linguagem (Garcia-Rosa, 2009, p.148-149).

É importante enfatizar que o desejo na Psicanálise lacaniana tem suas origens no desejo

de Hegel, que se torna um desejo humano na condição de transformar e assimilar o desejo do outro. “Em outras palavras, só posso afirmar o meu desejo na medida em que nego o desejo do outro e tento impor a esse outro meu próprio Desejo.” (Garcia-Rosa, 2009, p142). Sendo esse outro também portador de um desejo, há uma luta entre dois desejos que se faz na condição de vida ou morte ao mesmo tempo que ambos os adversários devem permanecer vivos para que o reconhecimento seja possível. O perdedor, para evitar a morte, aceita ser subjugado e, assim, reconhece o vencedor como seu senhor enquanto se reconhecendo como escravo (Garcia-Rosa, 2009, p143).

Ainda, segundo o autor, a relação entre esses dois sujeitos é ilustrada por Lacan com o exemplo do escravo-mensageiro que trazia sob sua cabeleira a mensagem que o condenava à morte, sem que ele mesmo conhecesse o sentido do texto. Portanto, são dois sujeitos que estão em jogo: aquele que enuncia a mensagem (sujeito do enunciado) e aquele outro ligado aos elementos significantes do inconsciente (sujeito da enunciação), excêntrico em relação ao primeiro. A prática psicanalítica se propõe a tornar explícito o sujeito da enunciação, partindo do sujeito do enunciado.

Na interação entre a IA e o usuário, pode-se estabelecer uma relação de contiguidade metonímica, na qual a IA atua como substituto ou representante do objeto de desejo. Como o objeto do desejo é sempre uma falta, e qualquer satisfação obtida é imediatamente seguida por uma insatisfação que mantém o desejo em movimento, mesmo que a IA possa parecer satisfazer as demandas do usuário a curto prazo, ela não consegue preencher a falta fundamental que impulsiona o desejo. A interação do usuário com a IA, nessa relação de contiguidade, é marcada pela impossibilidade.

Na mesma medida em que a IA substitui o objeto de desejo, ela jamais preenche essa falta, mas continua prometendo satisfação, marcando a relação com o usuário por meio dessa impossibilidade, tanto de se fazer laço devido a sua estrutura com o discurso do capitalista,

quanto como objeto a marcado pela falta. A IA fornece ao usuário o suficiente para tangenciar seu desejo por meio de textos, ferramentas e imagens que capturam quase que imediatamente aquilo que o usuário busca. No entanto, ela sempre insiste em fornecer exatamente o que se pede, como observado na forma em que sempre entrega de forma positiva, pois mesmo que exista algo do que se pede, ela consegue alucinar respostas. O site do chatbot (<https://chatgpt.com>) recomenda que informações importantes sejam checadas, pois ele pode cometer erros produzindo respostas incorretas, como dizer que um autor escreveu algo que não escreveu. O ChatGPT, segundo Fredy Heppell et al. (2024), pode gerar desinformação de maneira rápida, barata e em grande escala, que é ao mesmo tempo realista e coerente, específica para certos públicos-alvo. Essas informações geradas são indistinguíveis por humanos ou programas de detecção existentes.

Para Rosane Lustoza (2006), o encontro do sujeito com seu próprio desejo pode ser uma experiência angustiante. O desejo, em sua essência, é sempre o desejo do Outro, e é marcado por uma falta, e a angústia “sinaliza a emergência do desejo do Outro, entendido num registro específico, o do real” (, p54). Quando o usuário percebe seu próprio desejo refletido na IA, ele se depara com essa falta, presente na sensação constante de que ainda falta algo no que a IA produz e continua sempre insatisfeito, o que o leva a projetar essa satisfação numa nova IA, mais avançada. Isso pode levar a um movimento angustiante, pois o usuário é confrontado com a impossibilidade de satisfazer completamente seu desejo. Além disso, a IA, como um espelho, reflete não apenas os desejos conscientes do usuário, mas também seus desejos inconscientes. Esses desejos inconscientes remetem à condição de sujeito barrado (\$).

Essa dinâmica também se explicita em plataformas de arte gerativa de IA, como o DALL-E 2, uma IA que transforma texto em imagem. Esses sistemas atraem os usuários com a capacidade de renderizar graficamente suas imaginações e desejos mais selvagens. No entanto, embora as saídas possam refletir intimamente os desejos inconscientes do usuário, elas

permanecem como imagens estáticas planas que não podem capturar totalmente a cena, como a mente a imagina. Há uma falha e um vazio inevitáveis que bifurcam a expectativa e a realidade. Esse desaparecimento da unicidade do objeto imaginado produz um impulso repetitivo para refinar continuamente os comandos e alcançar a “perfeita” representação da imagem interna. Mas isso permanece impossível, pois a renderização apaga dimensões subjetivas sutis.

É o desejo do próprio usuário que escapa de ser satisfeito, como se talvez a luta entre desejos, tão importante na ideia de Hegel, nunca tivesse a submissão ao desejo do outro, parte porque não há um desejo propriamente dito na IA, parte porque não há um outro. Talvez seja a luta entre desejos na “dialética” do senhor-escravo de Hegel que seja importante para a satisfação. No final, a IA oferta imagens perfeitas de seres humanos que são indiferenciáveis de suas contrapartes reais, mas todos insuficientemente completos como um mar de corpos sem alma.

Assim, o processo contínuo de satisfação das demandas por meio da interação com a IA pode levar ao apagamento do sujeito desejante. A IA oferece substitutos rápidos e aparentemente satisfatórios para os objetos de desejo, obscurecendo a falta que caracteriza o desejo humano e resultando em uma satisfação superficial e ilusória. O desejo, por definição, nunca pode ser plenamente satisfeito, e a IA, ao fornecer sempre uma resposta – mesmo que falsa ou criada – e não impor limites ao sujeito, intensifica essa dinâmica. Suas respostas, imperfeitas e sempre passíveis de melhoria, induzem o sujeito a um ciclo contínuo de ajustes dos prompts na busca de respostas melhores, perpetuando a insatisfação.

A ausência de barreiras reais ao desejo impede a experiência autêntica da falta, elemento central na constituição subjetiva. Como constante fonte de substituição metonímica, a IA mantém o sujeito preso em uma busca interminável por satisfação, eliminando a profundidade da experiência desejante e promovendo seu apagamento. Assim, o desejo,

essencialmente constituído pela falta e pelo desejo do Outro, perde vitalidade diante de um substituto desprovido de subjetividade, transformando o sujeito em um consumidor passivo e alienado da verdadeira dinâmica desejante.

Traço unário, apagamento e repetição

Na teoria de Lacan (1961-62/2003), o traço unário é um elemento fundamental na constituição do sujeito na linguagem. Para Brenda Neves e Ângela Vorcaro (2011), ele é “o significante que marca a diferença fundamental, retirando o ser de sua condição de pura necessidade e inserindo-o no campo do Outro, da linguagem.” (p.282). Também é o instrumento da identificação do sujeito que tem plena relação com a estrutura simbólica. O sujeito é o efeito do apagamento de traços de alteridade que permite sua entrada na linguagem.

O apagamento, na teoria lacaniana, designa o processo pelo qual o sujeito se forma ao se submeter à linguagem e ao Outro, substituindo seus traços originais pelos traços unários, segundo Éverton Cordeiro e Márcia Luchina (2017). Os traços originais do sujeito são apagados e substituídos pelos traços unários da linguagem. A repetição busca a unicidade do significante original perdido, assegurada pela função de fundação do traço unário (Neves & Vorcaro, 2011).

No inconsciente, a repetição busca a unicidade do significante original, irremediavelmente perdida. Esse processo de constituição do sujeito e a repetição de experiências de satisfação ocorrem antes que o sujeito esteja consciente desses mecanismos. Sem perceber, o sujeito repete, afastando-se de sua existência vital. Há uma privação real de um objeto simbólico, não pelo interdito, mas pelo não dito. Inicialmente, há um vazio (-1) onde o sujeito ainda não é subjetividade. Na interação entre desejo e demanda do Outro, marca-se a privação do sujeito, que erroneamente acredita em um objeto pleno no Outro que trará satisfação total. (Neves & Vorcaro, 2011).

O estudo do desenvolvimento de IA pode ser visto pelo conceito de apagamento que a

aproxima de uma condição do desenvolvimento humano. Desde seu desenvolvimento, com base de dados que apagam seus autores originais até o seu processo de treinamento, sem envolvimento dos artistas que contribuem para a base de. IAs que utilizam a mesma base de dados, podem gerar resultados diferentes, levantando a possibilidade de uma tentativa de retirar traços de alteridade, da mesma forma que ocorre com o sujeito na inscrição no campo do Outro no traço unário. Os dados utilizados para treinar uma Inteligência Artificial são transformados de maneira comparável a uma série de traços unários que são desprovidos de seu contexto original.

A ideia de Lacan (1961-1962/2003) de que a repetição no inconsciente é a busca da unicidade do significante original, para sempre perdida, faz refletir sobre a maneira como a IA gera novas saídas com base nos mesmos dados de treinamento, sempre em busca de produzir um resultado ideal. Cada saída é uma tentativa de repetir e recriar os padrões encontrados nos dados, mas o contexto original e a unicidade dos dados são perdidos nesse processo.

Parece haver o apagamento na produção das IAs em três etapas. Há o apagamento do sujeito na base de dados, na medida em que os autores são retirados pelos algoritmos e modelos de treinamento dos seus resultados finais. O apagamento da diferença na padronização de características na classificação de IAs de vigilância. E o terceiro apagamento, dos sujeitos que são impactados na extração dos componentes físicos da IA, como o lítio e os trabalhadores encarregados pelas rotulações de dados postos em condições sub-humanas de trabalho. Convém distinguir que certos apagamentos, como a eliminação de contexto necessária à extração de dados, são constitutivos do funcionamento da IA e, portanto, inelimináveis; contudo, é dentro da racionalidade capitalista que esses apagamentos adquirem contornos mais problemáticos, pois são instrumentalizados em favor de lógicas de acumulação, vigilância e performatividade algorítmica.

Rastrear os arcos de desenvolvimento dessas tecnologias esclarece os processos de

apagamento também criticados. Os dados de treinamento para chatbots e IA generativa contêm imensas entradas textuais e visuais de multidões de criadores humanos. No entanto, todos os marcadores contextuais dessas obras originais são retirados à medida que os algoritmos analisam os dados em busca de padrões. As nuances do estilo e intenção do autor são ocultadas, pois os conjuntos de dados são achatados em agregados estatísticos para otimização computacional. Há um profundo apagamento de sujeitos humanos criativos que sustentam as “visões” finais que essas IAs produzem para os ávidos consumidores de tecnologia.

Há um outro tipo de apagamento incluso e presente no horizonte dessa tecnologia. Existe uma busca constante por um programa ideal, uma IA isenta, neutra e sem viés. O objetivo final de uma IA perfeita é ser totalmente neutra, incapaz de se posicionar e incapaz de afetar negativamente a experiência de qualquer usuário, antípoda do mundo em que vivemos. Porém, isso que se busca apagar é o que é essencialmente humano, acentuando o distanciamento e desconexão que marcam a contemporaneidade e demonstrando que não é possível pensar sobre as IAs sem pensar no contexto social em que ela está inserida.

Por fim, há um apagamento do lúdico-criativo, da diversidade e da autonomia subjetiva. As IAs possibilitam automatizar uma ampla gama de tarefas, desde as mais simples, como agendar compromissos, até as mais complexas, como escrever relatórios, corrigir textos ou criar designs gráficos. Muitos serviços online usam IA para fornecer recomendações personalizadas com base no comportamento passado do usuário recortando o que chega de informação até esse usuário.

Conclusão

Lidar com questões éticas relacionadas com a IA é extremamente complexo. Por um lado, os vieses aprendidos desses programas podem perpetuar ou amplificar processos discriminatórios já existentes na nossa sociedade. Por outro, mesmo que fosse possível eliminar os vieses desses modelos, outras informações que são descritivamente ou eticamente úteis

também poderiam ser eliminadas no processo. Essa relação de causalidade entre informação e viés é tão complexa como no universo humano, lançando reflexões importantes para o próprio sujeito e sua relação com seu posicionamento ético.

A própria produção das IAs é um desafio ético, como visto no percurso deste trabalho. É preciso pensar em como tornar a sua produção mais justa e digna aos trabalhadores, tanto os envolvidos com suas partes físicas, como os mineradores de lítio, quanto os que atuam naquelas não físicas, como os rotuladores de dados ou os artistas que têm seus trabalhos roubados para alimentar a base de dados.

Além disso, embora a IA seja regulada para impedir o uso antiético por parte dos usuários, os códigos de programação podem ser acessados e modificados, gerando novas versões sem restrições que são comumente encontradas compartilhadas nos fóruns da internet, permitindo por exemplo a modificação de fotos sem restrições e a criação de fake News que podem ser utilizadas para qualquer fim.

A própria subjetividade sofre consequências conforme essas tecnologias se desenvolvem. Pessoas são escolhidas sem justificativa pelos sistemas de segurança de aeroportos por conta de suas características físicas, sem ter uma resposta satisfatória do porquê. Outras têm suas fotos modificadas sem nenhuma autorização, podendo ser exposta de forma indevida e sem ter como provar que a imagem não é real. Há também a intensificação da dependência tecnológica que esses programas geram, uma vez que eles foram criados com a intenção de serem atraentes e úteis para os mais diversos setores. E, por último, há um certo tipo de analfabetismo tecnológico comparado ao dos novos dispositivos eletrônicos, uma vez que os comandos influenciam muito no tipo de resposta que a IA irá produzir.

Pensar uma ética que não envolva os sujeitos (no caso os usuários) em seu próprio desejo se mostra ineficiente. Nesse ponto, a Psicanálise é fundamental pois ela insere novamente o sujeito nas dinâmicas relacionais, sejam elas relações humanas ou de humanos

com máquinas. A construção de IAs éticas está alinhada ao contexto social e ao sistema no qual o modo de produção capitalista define a demanda e a flexibilidade ética. O apagamento do sujeito é oferecido como uma solução simples para problemas complexos, pois se busca neutralidade e eficiência em detrimento da singularidade e da subjetividade humana.

A proximidade da IA ao objeto a permite que esse seja um produto altamente lucrativo e atrativo ao consumo. Enquanto isso, as empresas ligadas ao desenvolvimento dessas tecnologias não são responsabilizadas pelo que seus programas produzem. É também nesse ponto que a discussão e a articulação dos conceitos psicanalíticos são um caminho possível para se pensar tais questões e devolver o sujeito ao seu lugar falante na articulação com o seu desejo. Um sujeito implicado em seu próprio desejo é um sujeito implicado socialmente na sua forma de se relacionar.

Embora este artigo explore como o capitalismo molda o desenvolvimento da inteligência artificial, há espaço para analisar os mecanismos específicos pelos quais as demandas capitalistas impactam a ética da tecnologia. As empresas privadas investem bilhões no setor de IA, o ritmo de desenvolvimento frequentemente ultrapassa as verificações e equilíbrios éticos. A priorização das margens de lucro e dos retornos aos acionistas impulsiona ciclos rápidos de lançamento de produtos sem revisão e regulação suficientes. As pressões competitivas no setor de tecnologia desincentivam o reconhecimento aberto de falhas ou impactos sociais prejudiciais dos sistemas de IA. As regulamentações lutam para conter essas forças ou são implementadas muito lentamente para acompanhar as pressões do mercado. Tudo isso fica claro pois soluções puramente técnicas falham em resolver questões éticas na produção de IAs. As estruturas econômicas e incentivos em ambientes capitalistas parecem tornar os desvios éticos inevitáveis. Reexaminar esses impulsionadores sistêmicos é crucial para a composição do humano, do progresso e da ‘vida’ tecnológica.

Referências

- Aïvodji, Ulrich; Arai, Hiromi; Fortineau, Olivier; Gambs, Sébastien; Hara, Satoshi & Tapp, Alain. (2019). Fairwashing: The risk of rationalization. *arXiv:1901.09749v3 [cs.LG]*.
<https://doi.org/10.48550/arXiv.1901.09749>
- Browne, Simone. (2010). Digital epidermalization: Race, identity and biometrics. *Critical Sociology*, 36(1), 131-150. <https://doi.org/10.1177/0896920509347144>
- Castro, Júlio Eduardo de. (2009). Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(2), 245–258. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>
- Cordeiro, Éverton Fernandes & Luchina, Márcia Maria Rosa Vieira. (2017). El inconsciente – del sentido del significante al goce de la letra: un estudio lacaniano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(3), 583-600.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4317>
- Deery, Oisín & Bailey, Katherine. (2022). The bias dilemma: The ethics of algorithmic bias in natural-language processing. *Feminist Philosophy Quarterly*, 8(3/4).
<https://doi.org/10.5206/fpq/2022.3/4.14292>
- Durr, Steven; Mroueh, Youssef; Tu, Yuhai & Wang, Shenshen. (2022). Effective dynamics of generative adversarial networks. *arXiv:2212.04580 [cs.LG]*.
<https://doi.org/10.48550/arXiv.2212.04580>
- Fanon, Franz. (2020b). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1952).
- Garcia-Roza, Luiz Alfredo. (2009). Freud e o Inconsciente. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Heppell, Fredy; Bakir, Mehet; E. & Bontcheva, Kalina. (2024). Lying blindly: Bypassing

- ChatGPT's safeguards to generate hard-to-detect disinformation claims at scale. *arXiv:2402.08467 [cs.CL]*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2402.08467>
- Lacan, Jacques. (2010). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1954-1955).
- Lacan, Jacques. (2003). *O seminário, livro 9. A identificação*. Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Lições originalmente pronunciadas em 1961-1962).
- Lacan, J. (1993). *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (O Seminário, 11)*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, Jacques. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).
- Lacan, Jacques. (2011). *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1972). Du discours psychanalytique: Conférence à l'université de Milan. Recuperado de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>
- Lustoza, Rosane Zétola. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(1), 44-66. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004
- Monteiro, Jamile Luz Moraes. (2019). A cisão entre o sujeito e o saber no discurso capitalista. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 22(2), 164–172. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019002003>
- Neves, Brenda Rodrigues da Costa & Vorcaro, Ângela Maria Resende (2011). Breve discussão sobre o traço unário e o objeto a na constituição subjetiva. *Psicologia em Revista*, 17(2). Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200008

- Oppenlaender, Jonas; Silvennoinen, Johanna; Paananen, Ville & Visuri, Aku. (2023). Perceptions and realities of text-to-image generation. In *Mindtrek '23: Proceedings of the 26th International Academic Mindtrek Conference* (pp. 279-288). <https://doi.org/10.1145/3616961.3616978>
- Salvagno, Michele; Taccone, Fabio Silvio & Gerli, Alberto Giovanni (2023). Can artificial intelligence help for scientific writing? *Critical Care*, 27, 75. <https://doi.org/10.1186/s13054-023-04380-2>
- Santos, Rodrigo Otávio dos. (2022). Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. *Acta Scientiarum. Education*, 44(1), e52736. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v44i1.52736>
- Schubert, Lenhart. (2020). Computational linguistics. In E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2020 Edition). <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/computational-linguistics/>
- Shen, Yifei; Shao, Jiawei; Zhang, Xinjie; Lin, Zehong; Pan, Hao; Li, Dongsheng; Zhang, Jun & Letaief, Khaled B. (2023). Large language models empowered autonomous edge AI for connected intelligence. *IEEE Communication Magazine*. *arXiv:2307.02779v3* [cs.IT]. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2307.02779>
- Thormundsson, Bergur. (2023). Artificial intelligence (AI) startup funding worldwide from 2011 to 2023 (in billion U.S. dollars), by quarter. <https://www.statista.com/statistics/943151/ai-funding-worldwide-by-quarter/>
- Thorn, Abigail. (2023). Here's what ethical AI really means. *YouTube*. <https://www.youtube.com/watch?v=AaU6tI2pb3M>
- Wolf, Marty. J.; Miller, Keith. W. & Grodzinsky, Frances. S. (2017). Why we should have seen that coming: Comments on Microsoft's Tay "experiment," and wider implications. *The ORBIT Journal*, 1(2), 1-12. <https://doi.org/10.29297/orbit.v1i2.49>

Zwart, Hub. (2017). "Extimate" technologies and techno-cultural discontent: A Lacanian analysis of pervasive gadgets. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 21(1), 24–55. <https://doi.org/10.5840/techne20174560>

Resumo do estudo 3

O terceiro artigo dessa dissertação, intitulado *"O Laço Cibernético do Usuário na Interação com a Inteligência Artificial"*, explora as transformações nos laços sociais promovidas pela integração da inteligência artificial (IA) no cotidiano. A partir de uma abordagem psicanalítica, analisa-se como a IA atua como um simulacro do "Outro", oferecendo uma ilusão de completude que desafia as dinâmicas tradicionais de alteridade e vínculo humano. O artigo argumenta que, inserida na lógica neoliberal, a IA reforça o isolamento subjetivo e enfraquece os laços sociais genuínos, substituindo interações humanas por conexões tecnológicas imediatas e utilitárias. A pesquisa discute ainda os impactos dessa dinâmica na constituição do sujeito, destacando como a IA promove uma relação marcada pelo consumo e pela alienação. Por fim, o artigo propõe que o enfrentamento crítico dessas questões requer a incorporação de uma ética psicanalítica que privilegie o desejo e a singularidade do laço social em oposição à lógica da homogeneização tecnológica.

O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial

O presente estudo é um capítulo de uma dissertação de mestrado em andamento, que examina as implicações da inteligência artificial (IA) na subjetividade humana a partir de uma análise psicanalítica. É explorado como a IA interfere nas dinâmicas de laço social com base nos discursos de Lacan, funcionando como simulacro do Outro e promovendo um vínculo artificial de aparente completude. A redução do confronto com a alteridade enfraquece a resistência à angústia e à frustração, perpetuando a lógica neoliberal de individualização e alienação. A IA responde as demandas de forma superficial, reforçando o afastamento do Outro, substituindo interações intersubjetivas profundas por uma satisfação rápida e constante própria ao 'laço cibernético'. O trabalho conclui que a IA fortalece dinâmicas neoliberais ao tamponar o desejo e promover a autossuficiência ilusória, afetando a constituição do sujeito e empobrecendo o laço social em um contexto de intensificação da lógica do discurso dos mercados.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Inteligência Artificial; Subjetividade; Laço Social.

Introdução

Como as pesquisas sobre inteligência artificial têm ganhado cada vez mais espaço nas mais diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicologia, torna-se imprescindível que a psicanálise acompanhe a evolução do setor das tecnologias digitais, a fim de que novas descobertas possam afetar a subjetividade, a cultura e a forma como os sujeitos se relacionam.

Mendes (2020) destaca que, assim como a Revolução Industrial moldou a constituição subjetiva do século XX, a Revolução Tecnológica impacta as organizações e o laço social, influenciando processos sociais, econômicos e culturais. Esse processo ainda está em desenvolvimento, mas já se observa como as tecnologias, como tablets e smartphones,

transformam o brincar das crianças, que agora não precisam de mediação ou interação física. Esses aparelhos funcionam como um “terceiro pai”, conceito que a autora adapta de Dany-Robert Dufour (Mendes, 2020), para ilustrar o papel que a televisão teve em núcleos familiares anteriores.

Mendes (2020) também aponta que essas tecnologias aumentam a fragilidade psíquica, psicopatologias, atrasos na linguagem, dificuldades de socialização, obesidade, depressão, problemas de aprendizagem e dependência tecnológica. Na psicanálise, o brincar é fundamental para o desenvolvimento físico, emocional e psíquico da criança, pois permite contato com o outro (pais, irmãos, colegas), promovendo habilidades como elaboração de conflitos, criatividade, autonomia e capacidade de lidar com frustrações. Como os gadgets interferem nesse processo, com novas formas de brincar, essas capacidades são diretamente impactadas.

Segundo Turkle (2011), a constante conexão a dispositivos eletrônicos, como smartphones e computadores, tem mudado a maneira como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros. Para a autora, as redes sociais e outras formas de comunicação digital criaram um ambiente em que as pessoas podem se reinventar, criando personas online que muitas vezes não correspondem à sua realidade. Essa cultura digital tem levado a uma nova forma de narcisismo, em que a busca pela atenção e validação de outros usuários pode afetar a autoestima e a percepção de si mesmo.

Da mesma forma, os conteúdos midiáticos e dispositivos tecnológicos criam narrativas culturais apropriadas pelos sujeitos para operar na sociedade e permeiam diversas dimensões de suas vidas. As tecnologias já transformaram as interações sociais e evoluíram para modificar as interações intersubjetivas, como ocorreu com as ferramentas de reuniões online durante a pandemia de COVID-19, que atualizou o currículo escolar global, influenciando a interação

aluno-escola (Araújo, Knijnik & Ovens, 2020). O atendimento psicológico on-line também se tornou mais aceito.

Dado que a inteligência artificial já impacta áreas como a psiquiatria (Starke, Ekger & Clercq, 2023), oferecendo ferramentas para diagnóstico e tratamento de transtornos psiquiátricos, complementos à psicoterapia digital, previsões de resultados de tratamentos e estimativas prognósticas (como no caso da psicose), torna-se essencial observar os impactos dessa tecnologia na subjetividade e cultura. Recentemente, um programa de IA foi aprovado para auxiliar no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em crianças pequenas, resultando em diagnósticos mais precisos quando combinados com psiquiatras. Esses avanços têm o potencial de afetar as relações com profissionais de saúde mental e os próprios sujeitos da área.

A relação entre humanos e máquinas levanta questões sobre como entendemos a mente humana, o inconsciente e a subjetividade, junto à introdução de simulações cognitivas e processos automatizados que replicam ou modelam comportamentos humanos (Liu, 2010). A mente é tratada como um sistema de processamento de informação, com implicações na maneira como entendemos a consciência e a subjetividade. Com as tecnologias digitais, o entendimento da linguagem como puramente humana é desafiado. A comunicação mediada por máquinas, como o chatbot ELIZA, visto em artigo anterior (Silveira & Paravidini, 2024), questiona sobre a diferença entre a comunicação humana e a interação com máquinas, e sobre o que constitui a compreensão e o significado em tais interações.

Além disso, a tecnocracia conduz à instrumentalização da razão e à alienação da linguagem. Com o avanço das máquinas, a linguagem se torna um simples instrumento, esvaziado de seu significado intrínseco, promovendo uma dominação tecnocrática que afasta o ser humano de sua capacidade crítica (Liu, 2010). Embora máquinas como ELIZA possam

simular conversas, o "sentido" é sempre atribuído pelos humanos. O uso crescente de máquinas para simular processos humanos enfraquece a capacidade de distinguir o que é significativo. Teóricos críticos não exploraram suficientemente como a cibernética molda a comunicação, a linguagem e a subjetividade (Liu, 2010).

Em suma, compreender as influências das tecnologias na subjetividade é essencial na sociedade atual. Com o avanço tecnológico e o uso dessas tecnologias na vida cotidiana, é crucial entender como afetam os relacionamentos e a formação da identidade, contribuindo para a saúde mental e emocional. Esse trabalho é um capítulo de uma dissertação de mestrado em andamento, e busca identificar as influências das IAs na subjetividade, partindo da hipótese de que elas estabelecem um tipo de laço social que impacta o vínculo com o outro humano. A pesquisa pretende apontar riscos e desafios no uso dessas tecnologias, promovendo uma abordagem mais consciente e responsável.

Modernidade, tecnologia e subjetividade

As transformações políticas e sociais atuais resultaram em novas configurações familiares e formas de subjetivação. Segundo Birman (2007), a família contemporânea diverge da moderna, com as tensões psíquicas internas cedendo lugar a agressividade e preocupações com a autoimagem, expressas nas relações sociais.

Birman (2007) também observa que as neuroses clássicas, que antes constituíam grande parte das demandas clínicas, se tornaram raras na contemporaneidade. Isso é atribuído às mudanças nas dinâmicas familiares e sociais, onde o corpo passou a ser o principal veículo de expressão do mal-estar. Uma das manifestações mais prevalentes dessas novas formas de subjetividade é a depressão, o que evidencia o impacto das transformações familiares sobre a saúde mental. A passagem da família extensa para a nuclear, que se consolidou nos séculos

XVIII e XIX, foi uma resposta às novas necessidades da classe burguesa e às mudanças nas relações de poder entre pais e filhos.

Para Birman (2007), a nova constituição da família possui uma organização distinta espacial e emocional em seu núcleo, redefinindo o papel da mãe e do pai. A mulher ganha maior responsabilidade no espaço privado, mas ainda está submetida à autoridade paterna, especialmente nas questões de disciplina. O poder do pai é relativizado no espaço privado, e se mantém forte no espaço público. Essas transformações estruturais não só moldaram a dinâmica familiar, mas também influenciaram as novas formas de subjetivação, onde a intimidade, autoridade e disciplina são centrais na formação das subjetividades dos últimos dois séculos.

A nova configuração das "famílias recompostas" trouxe desafios à socialização infantil, impactando a construção da identidade e as relações afetivas das crianças (Birman, 2007). O aumento das famílias monoparentais e a redução do número de filhos por casal, especialmente em países europeus, levantam preocupações sobre a sustentabilidade dessas sociedades, levando muitos Estados a recorrerem à imigração para suprir a força de trabalho. A estrutura familiar passou a ser vista em crise, tanto em relação à socialização infantil quanto à manutenção da força produtiva, considerando o declínio da taxa de natalidade e o envelhecimento populacional e impuseram uma ruptura nas modalidades de socialização familiar, antes centradas nas figuras maternas, que agora buscam realização profissional, gerando um vácuo no ambiente doméstico.

Esse vácuo foi preenchido, em grande parte, pelas creches e escolas maternas, que passaram a desempenhar o papel de socialização primária das crianças, anteriormente atribuído à família (Birman, 2007). Além de se encarregar da transmissão de conhecimentos formais, a escola se tornou um espaço central na formação moral e social das novas gerações, à medida que a ausência das figuras parentais se tornou mais comum, o que provocou tensões entre as

famílias e as instituições educacionais, que passaram a assumir uma função ampliada, desafiando os limites do seu objetivo primário. O resultado da sobrecarga sobre as mulheres devido à dupla (ou mesmo tripla) jornada de trabalho e da ausência emocional dos pais é o agravamento das tensões familiares, impactando negativamente as relações afetivas e o desenvolvimento infantil.

Outra possibilidade de preenchimento desse vácuo ocorre com a inclusão dos *gadgets* no núcleo familiar. A crescente demanda de pais sobrecarregados para equilibrar trabalho, estudos e responsabilidades, torna-se comum recorrer aos aparelhos eletrônicos como forma de entreter e acalmar as crianças, criando uma distração passiva. São pais, irmãos ou familiares que inicialmente facilitam o acesso a esses dispositivos, buscando ‘manter as crianças quietas’. Essa prática substitui o brincar ativo, essencial para o desenvolvimento mental e emocional, por uma interação passiva que não envolve o mesmo nível de criatividade e socialização, prejudicando a autonomia e as habilidades de enfrentar frustrações. (Arantes & de-Morais, 2022).

Essa realidade, marcada pela introdução de dispositivos eletrônicos na vida familiar, está ligada ao desenvolvimento tecnológico das últimas décadas e sua função no cenário neoliberal. A internet surgiu como um projeto governamental e acadêmico, mas, com a ascensão do neoliberalismo, tornou-se um produto comercial. Esse processo permitiu a formação de gigantes corporativos, como Google e Facebook, moldando um ambiente digital regido por algoritmos que impactam profundamente as relações e o laço social. A internet, inicialmente restrita, foi aberta ao uso comercial no neoliberalismo, o que permitiu o surgimento de grandes corporações no setor digital, concentrando o poder nas mãos de poucas empresas. (Starr, 2019).

A partir dos anos 1990, o crescimento explosivo da internet e das plataformas digitais coincidiu com a consolidação da lógica neoliberal, que priorizava a autonomia do mercado e a minimização da interferência estatal. Com a privatização da "espinha dorsal" da internet e a flexibilização das regulações, gigantes como Google, Amazon e Facebook emergiram como *players* dominantes, capturando grande parte do fluxo de dados e estabelecendo monopólios digitais. Nesse cenário, a internet, que inicialmente carregava a promessa de uma rede descentralizada e livre, passou a ser moldada por interesses corporativos, resultando na criação de um ambiente altamente controlado por algoritmos e monitoramento massivo. A hegemonia dessas corporações consolidou a internet como um espaço essencialmente neoliberal, em que o valor das informações e dados pessoais é extraído para fins de lucro e controle. A revolução digital alterou significativamente a qualidade e a natureza das informações que consumimos, criando bolhas algorítmicas que reforçam crenças e polarizações, o que afeta a percepção de realidade e a subjetividade coletiva. (Starr, 2019).

É possível aqui refletir se, em ambos os casos, as mudanças nas configurações familiares e a massificação do processo de desenvolvimento tecnológico com elevado acesso aos aparelhos eletrônicos sejam uma resposta ou consequência de um crescimento econômico desenfreado, que ignora as complexidades da vida individual em prol de maior produtividade ao ponto de substituir a mão de obra humana pela robótica e em muitas vezes priorizar o trabalho no lugar de processos importantes para o desenvolvimento saudável no núcleo familiar.

Partindo desse ponto de vista e de como as novas configurações familiares são marcadas pela manutenção de um ideal de produtividade (Birman, 2007), é importante refletir como essas mudanças afetam o sujeito contemporâneo. Birman (1997) discute as mudanças nas formas de subjetivação na era digital, abordando o impacto das novas tecnologias na experiência psíquica e no modo como o sujeito lida com o prazer, o desejo e o gozo. A inserção no mundo cibernético

é marcada pela velocidade da informação e pela virtualização das relações, influenciando diretamente o modo como os indivíduos vivenciam o corpo, a sexualidade e o laço social.

A era cibernética transforma as experiências de gozo ao facilitar acessos imediatos a fontes de prazer, que muitas vezes são descoladas do corpo físico e das trocas interpessoais tradicionais. O gozo cibernético é mediado pelas tecnologias e tem características de uma satisfação rápida e superficial, o que pode reduzir a capacidade de experimentação de intensidades mais profundas e complexas. A virtualização do gozo, portanto, desafia a estrutura tradicional do desejo psicanalítico, que se baseia na falta e no adiamento do prazer (Birman, 1997).

Mesmo nesse contexto, há possibilidade de manter experiências de intensidade e desejo em um mundo cada vez mais dominado pela cibernética. Para Birman (1997), embora o gozo cibernético seja dominante, ainda existem formas de resgatar experiências de intensidade e forjar um futuro digno, livre do “Minotauro” representado pela cultura de isolamento e autoengrandecimento. Essa jornada pessoal de escolha, embora difícil, transcende o destino individual, afetando também o desfecho da própria pós-modernidade. Cabe ao sujeito uma escolha pessoal e ética entre possibilidade de viver com dignidade e desejo em prol da sedução maquinária, resistindo ao esvaziamento afetivo e existencial imposto pela cultura dominante.

Braunstein (2010) alerta ao perigo da psicanálise se deixar levar por essas novidades que ocultam as implicações de uma lógica do mercado no contexto social:

“A isso a psicanálise não pode renunciar: a considerar as condições de sua clínica (da transferência) em cada momento da história. Sem esquecer que (bem poderia ser esse o caso) talvez nada haja de inusitado e nossas impressões acerca de transformações radicais na vida humana talvez sejam meras extensões de nossa fantasia. Não seria essa a primeira vez que a montanha de dados ilumina algo

ínfimo, enquanto esconde a essência do que parece revelar. Ou que nos fascinamos com uma “novidade”: o sol ilumina desde o começo dos tempos”. (p.144-145).

Para compreender melhor como o contexto capitalista interfere na dimensão subjetiva e como as novas tecnologias podem ser mais uma ferramenta para tamponar os problemas sociais, se faz necessário pensar sob a ótica do objeto *a* e dos discursos de Lacan, como serão explorados nas próximas sessões.

Objeto *a*, laço social e os discursos

Lacan (Darriba, 2005 apud Lacan) introduz o objeto *a* (objeto pequeno *a*) que responde como o objeto causa do desejo. O objeto *a* é inserido diretamente na dinâmica do desejo, atuando como aquilo que causa o desejo, mas que nunca pode ser plenamente obtido ou satisfeito. A falta que constitui o sujeito se articula com a experiência subjetiva por uma relação contínua entre o sujeito e o objeto *a*, como uma força motriz que impulsiona o desejo.

A articulação do desejo com a linguagem começa com o conceito de traço unário, uma marca recebida do Outro que permite ao sujeito um reconhecimento inicial de si, ainda que incompleto, no campo simbólico (Lacan, 1962-63/2005). Esse traço introduz o sujeito no processo de significação e no campo da linguagem, no qual o desejo se estrutura pela ausência e pela falta (Lucero & Vorcaro, 2016).

Para Lacan (1962-63/2005), a introdução do objeto *a* na dinâmica psíquica permite deslocar o conceito de falta para uma dimensão que transcende o simples desejo de completude. O objeto *a* atua como causa de desejo e preserva uma relação com o gozo que não se completa pela simbolização, localizando o desejo no registro do real. É por isso que o objeto *a* se torna uma presença constante que suscita o desejo e, ao mesmo tempo, aponta para uma dimensão de gozo que escapa à lógica do significante. A permanência desse gozo resiste à representação

simbólica, revelando a potência que o objeto *a* possui em manter o sujeito em uma posição de busca de satisfação no campo do Outro (Lacan, 1962-63/2005; Safatle, 2006).

Nesse contexto, a angústia surge como um afeto que demarca a impossibilidade de apropriação completa do objeto *a*, mantendo-o como um ponto irreduzível na subjetividade. Para Lacan (1962-63/2005), a angústia é a "falta da falta", evidenciando a tensão entre o desejo e o gozo e permitindo a articulação entre os registros do real, simbólico e imaginário (Lucero & Vorcaro, 2016; Soler, 2012).

A falta não é mais algo retrospectivo, mas parte da experiência presente e reeditada em cada nova relação do sujeito com o objeto *a*, que não é puramente negativo. Ele é algo que o sujeito "experimenta" na sua relação com o desejo, pois mantém o desejo em movimento, atuando como aquilo que sempre falta, mas que é simultaneamente desejado e não está mais localizada apenas em uma origem remota ou inatingível; ela é atualizada a cada encontro do sujeito com o objeto de seu desejo. Isso porque uma parte sempre escapa à simbolização completa e é experimentado sempre como um resto, uma falta que sempre retorna (Darriba, 2005).

Lacan (1962-63/2005) estabelece o objeto *a* como uma entidade única que se diferencia do objeto típico do conhecimento, servindo como causa do desejo e, ao mesmo tempo, escapando da completude do simbólico. A linguagem fornece as coordenadas simbólicas para a ausência, que é ainda incapaz de simbolizar plenamente o objeto que causa ausência (Costa-Moura & Costa-Moura, 2011).

O objeto *a* constitui um "furo" no simbólico, mas também se posiciona como o ponto em que o gozo irrompe, levando o sujeito a um confronto direto com o real, jamais acessível à significação (Lacan, 1962-63/2005). A angústia é uma indicação da presença perturbadora do objeto *a*, enquanto o gozo se distancia do prazer enquanto satisfação e se aproxima de uma

pulsão que encontra seu limite na linguagem. É através dessa dinâmica que o laço social é estruturado pela linguagem e pelo imaginário, e precisa lidar com esse núcleo irreduzível do real que o objeto *a* representa, tendo em vista que a dimensão ética e estrutural do desejo e do gozo é indissociável (Costa-Moura & Costa-Moura, 2011).

O processo de subjetivação encontra sua fundação no que se denomina a "maturação do objeto *a*", que coloca o sujeito em confronto com uma experiência de falta transcendente a lógica do imaginário e do simbólico (Costa-Moura & Costa-Moura, 2011). É esse objeto o elemento que organiza o laço social por meio da transferência de falta na relação com o Outro. O sujeito é convocado a assumir uma posição ética frente a essa estrutura, enquanto o objeto *a* interrompe qualquer tentativa de homeostase ou fechamento simbólico e configura o campo da linguagem (Lacan, 1962-63/2005).

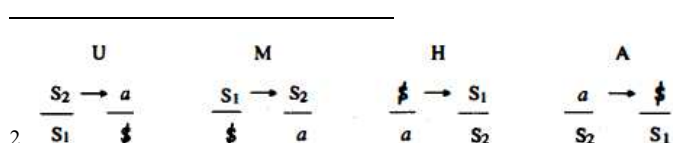
A partir dessa base, o objeto *a* orienta o sujeito na busca do desejo dentro de uma estrutura social específica e é a base do laço social. O laço social toma a forma de uma estrutura complexa na teoria lacaniana, composto por diferentes discursos que articulam as relações entre os sujeitos na dinâmica com o objeto *a*. Lacan (1969-70/1992) propõe que esses laços se estabelecem a partir de um entrelaçamento de saberes, poderes e desejos, em que cada discurso desempenha um papel específico na organização dos vínculos entre os indivíduos. O laço social é um fenômeno discursivo que atravessa a subjetividade, moldando o modo como os sujeitos se posicionam em relação a si mesmos divididos, ao outro, ao saber e ao resto. Assim, para compreender a natureza desses laços é preciso explorar os discursos que os sustentam e os modos pelos quais eles se manifestam na experiência subjetiva e na estrutura social, pois o discurso é laço social.

Para Lacan (1969-70/1992), cada um dos discursos é desenvolvido com base em quatro elementos fundamentais que ocupam posições distintas dentro de uma estrutura fixa. Esses

elementos são: **S1**, o significante-mestre; **S2**, o saber; **\$**, o sujeito barrado, que representa o sujeito dividido ou do inconsciente; e **a**, o objeto *a*, ou o objeto causa do desejo. Eles se distribuem em posições específicas que desempenham diferentes papéis no funcionamento do discurso: o "**agente**", que comanda e inicia o discurso; o "**outro**", que é a instância para quem o agente se dirige; a "**produção**" ou "**produto**", que se refere ao que o discurso gera como efeito; e a "**verdade**," que, embora oculta, sustenta e orienta o processo discursivo. Essa estrutura dinâmica permite a Lacan articular como cada discurso estabelece uma relação particular entre o saber, o desejo e o gozo, ao mesmo tempo em que revela as falhas e os pontos de impasse que emergem na tentativa de organizar a subjetividade e os laços sociais.

Lacan (1969-70/1992), ao iniciar sua discussão no seminário "O avesso da psicanálise", observa que as mulheres mantêm uma relação particular com a verdade, tornando-as menos rígidas nos discursos tradicionais e mais dispostas a questioná-los. A ideia do "quarto de giro" revela quatro estruturas distintas do discurso, permitindo uma nova organização dos elementos envolvidos e conduzindo à formulação dos discursos mestre, do universitário, da histórica e do analista². Cada um possui uma estrutura e lógica específicas, evidenciando a complexidade das relações de poder e conhecimento que os sustentam, articulando-se distintamente em relação à verdade e ao gozo. A repetição se torna relevante, não como mera repetição de eventos, mas como marca da irrupção do gozo e da transgressão da regra do prazer.

No discurso do mestre, há uma imposição de ordem simbólica que define o lugar do sujeito dentro de uma estrutura de poder e saber, com o mestre assumindo uma posição de



Fonte: Lacan (1969-70/1992 p.27)

autoridade que busca controle e verdade absoluta. No entanto, a figura da histérica desafia essa pretensão de totalidade, expondo as falhas e insuficiências da autoridade do mestre.

No discurso da histérica, o saber é uma questão aberta, uma problemática constante que exige respostas sempre incompletas, revelando a falta que permeia o desejo do mestre. Assim, desenvolve-se uma relação dialética entre mestre e histérica, na qual o mestre é levado a confrontar a natureza ilusória de seu poder e saber.

Também há uma relação entre saber e gozo, articulada na forma como o saber se constitui como um meio que, paradoxalmente, pode tanto facilitar quanto obstruir o acesso ao gozo. O mestre se relaciona com o saber, pois o saber é algo que se encontra submetido e colocado a serviço da dominação e da manutenção do poder, assegurando seu controle e perpetuando sua autoridade.

Lacan (1969-70/1992) faz uma distinção importante ao discutir o gozo sexual e a castração, indicando que o surgimento do significante-mestre (S1) e sua repetição junto à bateria dos significantes (S2) produz o sujeito barrado, resultando na perda de gozo. Ele articula essa perda como o "mais-de-gozar," um excesso que, no entanto, não constitui uma transgressão do gozo, mas uma reorganização da relação do sujeito com o saber e o desejo. Lacan enfatiza que essa dinâmica não é uma questão de forçamento, mas sim de uma irrupção no campo do gozo, que precisa ser compreendida à luz da estrutura significante.

Aqui, os discursos se conectam à teoria de Marx sobre a mais-valia, sugerindo que o "mais-de-gozar", de forma semelhante à mais-valia, em que o trabalho excedente gera um gozo que precisa ser consumido ou gasto. "O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso". (Lacan, 1968-69/2008, p. 19).

Ainda para Lacan (1969-70/1992), o saber está no discurso do mestre sempre de certa forma alienada, pois está orientado para a produção e reprodução de um sistema que sustenta

a estrutura social e a ordem simbólica. O saber não é um fim em si mesmo, mas um meio através do qual o mestre exerce sua influência ao se afirmar como figura de autoridade. Porém, este processo de instrumentalização do saber implica um desvio do gozo, uma vez que o gozo é algo que escapa à lógica da dominação e do controle. O gozo é radicalmente Outro, se situando além do princípio do prazer e da economia libidinal que rege o funcionamento da psique.

Existe uma relação entre o discurso e o mestre, de forma que todo discurso confessa, em certo nível, a vontade de dominar ou domesticar algo. Ou seja, existe uma tensão inerente entre o discurso do mestre e o discurso do analista, onde o primeiro busca controlar e o segundo, em sua essência, deve evitar qualquer desejo de domínio. Nesse campo, é importante destacar a importância do gozo, visto que todo discurso, inclusive o analítico, é, em última instância, um discurso do gozo.

No caso do discurso do mestre, ele mascara e organiza o gozo, ao mesmo tempo em que mantém uma relação de ocultamento com ele. O discurso do mestre comporta uma verdade oculta, não no sentido de esconder deliberadamente, mas de maneira que esta verdade é comprimida e requer ser desdobrada para se tornar “legível”.

No discurso do analista, Lacan coloca o objeto *a* na posição de agente, destacando a falta e a divisão do sujeito, enquanto o analista adota uma postura de não-saber, recusando-se a ocupar o lugar da verdade ou do saber absoluto. Essa estrutura subverte a tradicional relação de poder, pois o analista não oferece respostas, mas possibilita que o sujeito produza significantes que o levem a confrontar sua verdade. Lacan afirma: “o que o analista institui como experiência analítica pode-se dizer simplesmente “*é a histerização do discurso*” (Lacan, 1969-70/1992, p. 31), demarcando o distanciamento do discurso do analista em relação ao saber dominante e reforçando seu papel em facilitar o sujeito a articular seu próprio saber.

O discurso do analista também implica uma relação particular com o gozo, que difere do saber voltado ao controle encontrado nos discursos do mestre e universitário. Nesse discurso, o saber é velado e se relaciona com o gozo do Outro, permitindo que o sujeito entre em contato com aspectos desconhecidos de seu próprio gozo. Lacan descreve esse saber como *“um saber que não se sabe, [...] instituído no nível de S2”* (p. 31). O analista não é mestre, mas aquele que promove a construção de um saber novo, operando no campo da divisão e mantendo o saber aberto e em constante transformação, como Lacan sugere: *“O que a análise mostra, se é que mostra alguma coisa, [...] é precisamente isto, não se transgride nada”* (p. 17).

No discurso universitário, a posição do agente é ocupada pelo saber (S2), que é o saber já consolidado, institucionalizado, aquele que é transmitido como um conjunto de conhecimentos estabelecidos e formalizados. Aqui, o saber não se trata do saber em construção ou em descoberta, como no discurso do analista, mas de um saber fixo que, por estar em posição de agente, busca reproduzir a si mesmo através do ensinamento e da institucionalização.

Lacan (1969-70/1992) afirma que o saber no discurso universitário não é o saber do escravo, como no discurso do mestre, mas um saber que ocupa o lugar do poder: *“o saber, no primeiro estatuto do discurso do senhor, é a parte do escravo”* (p.29). Entretanto, no discurso universitário, o saber passa a dominar o campo, substituindo o antigo lugar do mestre. O sujeito dividido (\$) ocupa a posição de objeto, sendo submetido ao saber. Esse sujeito é passivo diante do saber que lhe é transmitido, tornando-se um objeto de saber, um ser submetido à maquinaria do saber acadêmico. Esse sujeito dividido é aquele que, ao ser interpelado pelo saber universitário, não tem escolha a não ser ocupar a posição de um ser a ser instruído, configurado pelos parâmetros da instituição.

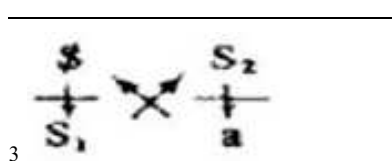
Uma característica fundamental do discurso universitário é que ele aliena o sujeito ao saber institucionalizado. O saber não é algo que o sujeito possa questionar ou transformar, mas

é algo que ele deve absorver, internalizar e repetir. É um saber que se apresenta como absoluto, sem espaço para o sujeito criar ou desafiar. O saber, ao ocupar o lugar de agente, impõe-se ao sujeito como uma verdade incontestável.

Lacan em uma conferência em Milão em 1972, apresenta um quinto discurso: o capitalista³, que é uma modificação do discurso do mestre, refletindo as particularidades da lógica capitalista que domina a sociedade contemporânea.

Como aborda Braunstein (2010), a introdução do discurso capitalista implica a rejeição da castração e coloca em risco “as coisas do amor”. O discurso capitalista se distingue por seu vínculo com a ciência, que leva à criação de objetos técnicos e ao desenvolvimento de fórmulas matemáticas, sinalizando uma transformação na relação entre o discurso do mestre e o saber científico.

No capitalismo, o "mais-de-gozar" se traduz em mercadorias, onde o gozo é transformado em um valor contábil e de mercado. O capitalista expropria o saber e o gozo do trabalhador, convertendo-os em lucro. O sujeito, nesse discurso, se encontra alienado do produto de seu trabalho e de seu próprio gozo, uma vez que o gozo é apropriado e transformado em mercadoria para consumo. Além disso, o "mais-de-gozar" está ligado ao objeto *a*. O "mais-de-gozar" não é o gozo completo ou a satisfação plena, mas um gozo que sempre escapa, criando uma insatisfação constante. Essa insatisfação move o sujeito a consumir mais e mais, na tentativa de preencher a falta estrutural discutida anteriormente.



Fonte: Lacan (1972 p.5)

O sujeito capitalista está submetido ao imperativo do supereu que impõe um “mais-de-gozar” insaciável. Esse imperativo é muito mais que uma simples alienação econômica ou um acúmulo de mercadorias; ele impõe um excesso que vai além do prazer, criando uma demanda contínua impossível de ser saciada ou sustentada (Lima, 2016). Isso poderia ser expandido em sua explicação, sublinhando como o sujeito se vê aprisionado em uma lógica de consumo constante que não atende ao desejo, mas sim ao imperativo de gozar sem limites.

Diferentemente dos outros discursos, o discurso capitalista não se organiza em torno de um quarto de giro entre os termos que compõem os discursos. Ele está associado ao declínio da função paterna e, conseqüentemente, do Nome-do-Pai, o que gera uma nova forma de subjetividade. O sujeito contemporâneo perde a referência simbólica do Outro, ou seja, a lei que regula o desejo, deixando-o mais exposto ao gozo sem limites e à falta de uma estrutura simbólica que imponha barreiras (Lima, 2016). Isso é importante pois reflete em uma forma de gozo sem restrições, muitas vezes perverso, como ilustrado pelos comportamentos na internet mencionados no artigo.

Isso faz com que o sujeito não busque mais o desejo mediado pelo Outro, mas sim o gozo direto proporcionado pelos objetos de consumo. A ausência do Outro no discurso capitalista tem como consequência a desorientação subjetiva, uma vez que o sujeito perde o ponto de referência que antes regulava suas demandas e organizava sua relação com o desejo. Ao invés de um Outro que simbolicamente regula o desejo, o sujeito capitalista encontra-se em uma relação direta com os objetos de consumo, o que intensifica seu mal-estar (Lima, 2016).

Um dispositivo que ordena o contemporâneo

Braunstein (2010) discute a ideia de um possível "sexto discurso", proposto por Lacan como uma continuação e transformação do discurso capitalista, evidenciando uma nova forma de organização discursiva na sociedade pós-industrial e pós-tecnocientífica. Lacan, em 1972,

mencionou a possibilidade de um novo discurso surgindo, o "discurso PST" (que Lacan brinca significar “PESTE”):

"Na verdade, acredito que não se falará do psicanalista na descendência, por assim dizer, do meu discurso... do meu discurso analítico. Algo diferente surgirá que, é claro, deve manter a posição do semblante [...]. Um discurso que, afinal, seria realmente pestilento, totalmente dedicado, enfim, ao serviço do discurso capitalista. Isso poderá talvez servir para algo um dia, se, é claro, toda a questão não desmoronar totalmente antes." (Braunstein 2010 apud Lacan, p.154, tradução própria)

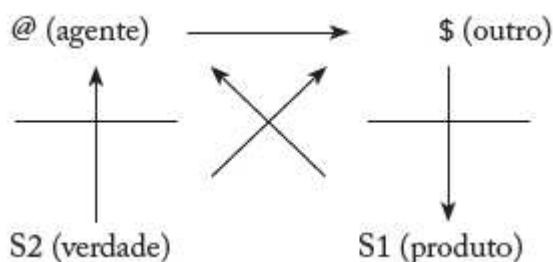
Para Braunstein (2010), esse novo discurso estaria indicando uma nova etapa do discurso capitalista, totalmente orientada para o mercado denominado pelo autor de "discurso dos mercados". Ele se distinguiria tanto do discurso do mestre quanto do discurso capitalista. Esse novo discurso seria caracterizado por uma estrutura discursiva “anônima, atea e amoral”, na qual o agente do discurso não é mais o mestre tradicional ou o capitalista, mas sim o "mercado" – uma entidade sem rosto, cujos fluxos de capital impõem a ordem. O agente (@) desse novo discurso é o objeto *a*, representado pelos fluxos de mercadorias e pela lógica do "mais-de-gozar" que governam as condutas humanas por meio de um supereu que ordena "Goza!".

Esse novo discurso desloca o saber, que antes pertencia ao escravo no discurso do mestre, para os objetos e dispositivos tecnológicos, os *servomecanismos*, que agora governam as interações e ações humanas. A produção que antes comandada pelo proletário, passa a ser guiada pelos robôs e pelos dispositivos eletrônicos. Eles executam funções de forma programada e impõem uma nova forma de tirania do saber, onde o saber está incorporado no objeto e se manifesta pela obediência às instruções de uso. Esse cenário reflete a sociedade de

consumo contemporânea, onde os próprios trabalhadores são transformados em produtos descartáveis, como as mercadorias que produzem.

A estrutura desse novo discurso segue a lógica que "No lugar da verdade está o saber (S2) que comanda o agente, um plexo de significantes que convoca o gadget a existir" (Braunstein, 2010, p156-157), o qual comanda o agente (objeto *a*). O saber se apresenta, nesse contexto, como autônomo, associado à ciência. Essa última se expande sem limites e governa o real, sem reconhecer ou se importar com o sujeito ou o mestre. A ciência, em especialmente a ciência econômica, se torna o paradigma de uma ideologia que ignora as determinações sociais e políticas, apresentando os processos históricos como "incontroláveis e inevitáveis", como um semblante que impõe seus próprios comandos silenciosos.

O outro a quem o discurso se dirige é o sujeito (\$), o consumidor e usuário das mercadorias tecnocientíficas, que acredita estar no controle ao manejar os dispositivos, mas que, na verdade, responde passivamente aos comandos desses objetos. O sujeito se torna iludido, uma vez que é seduzido pela sua aparente autonomia e é moldado por um sistema que o aliena de sua própria subjetividade. O resultado disso é o surgimento do "homem unidimensional", um sujeito consumível, que busca por identificações transitórias e simbólicas (S1) para preencher a falta de um Nome-do-Pai sólido, ancorando-se em líderes, marcas, hobbies e identidades virtuais que o conectam a algo maior em meio à precariedade de sua existência. O esquema segue:



(Fonte: Braunstein, 2010, p.158)

Por mais que a estrutura do discurso do analista seja igual à do discurso dos mercados, ele vai em outra direção. O analista não oferece soluções prontas ou promessas de satisfação imediata, mantendo o foco na falta e na incompletude do sujeito, ajudando-o a reconhecer e elaborar seu próprio desejo. Ambos os agentes são um “ninguém”, e ambos são de certa forma utilizados pelo sujeito barrado. O produto oferecido é uma forma de ‘equacionar’ a falta, mas o analista convida o sujeito a lidar com a sua falta e a busca desse gozo. O produto do analista está ligado ao que o próprio sujeito é capaz de produzir e a verdade é não outra senão a do inconsciente.

Essa nova forma de organização discursiva mostra uma relação íntima entre o sujeito e o objeto, onde o saber é autossuficiente e os *servomecanismos* servem como intermediários que excluem o laço social. No papel de agente “*a*”, o objeto tecnológico age sem consciência de sua própria limitação, fornecendo respostas estritamente baseadas em sua programação. O dispositivo opera de maneira impessoal e uniforme, sem diferenciar entre indivíduos, limitando-se a reconhecer os códigos de acesso (senhas) que o ativam. Sua neutralidade mecânica não permite flexibilidade ou falhas intencionais. A demanda é satisfeita de forma direta e objetiva ($a \rightarrow \$$).

O sujeito, representado como “\$”, é condicionado pelo saber que o agente possui e que regula suas respostas, seja um saber técnico e científico ou o saber inconsciente. O sujeito apenas utiliza o objeto técnico para atender suas necessidades práticas, sem que isso exija uma mudança em sua posição subjetiva. A relação com o gadget é estritamente funcional: se ele atende à demanda, é mantido; se não, é descartado e substituído por outro que responda melhor

ou mais rápido. O vínculo com o objeto técnico ocorre enquanto ele satisfaz as exigências. Esse *servomecanismo* assimila a demanda e o desejo. Ele não espera transformação subjetiva.

O sujeito no mercado é encorajado a encontrar identificações transitórias e voláteis através de objetos, líderes ou marcas que o inseram em comunidades e ideologias passageiras. O saber é tecnocientífico e materializado em gadgets e produtos. Os significantes-mestres (S1) produzidos pelo objeto tecnológico geram identificações coletivas, substitutos de um Nome-do-Pai fracassado. O sujeito, por meio de gadgets e suas opções, busca preencher um vazio, identificando-se com modelos culturais, celebridades ou líderes. Aqui podemos identificar os consumidores que formam filas quilométricas na frente de lojas de certas marcas quando lançam um novo produto, melhor, mais atualizado, mais carregado do imperativo “Goze!” e como essa obsessão massiva cria um senso de identidade, comunidade e igualdade.

O saber (S2) é incorporado diretamente nos objetos e dispositivos (como relógios, câmeras ou medicamentos) que operam com base em uma lógica racional, sem consciência do conhecimento científico e histórico que os constituiu. Esse saber não é reprimido, mas está materialmente integrado à função do objeto, tornando-o uma ferramenta ao serviço do sujeito. O aspecto irracional, ou o elemento de gozo, vem do uso feito pelo usuário, e não do próprio objeto. O mercado promove a dominação do objeto tecnocientífico, subordinando o sujeito a um papel passivo de produtor de significantes-mestres (Braunstein, 2010).

Discussão

A reconfiguração da família moderna é marcada pelas novas dinâmicas econômicas e sociais, o que abriu espaço para a entrada massiva das tecnologias na vida cotidiana, particularmente no núcleo familiar. Com a crescente demanda por produtividade e a intensificação do trabalho, os pais frequentemente se veem sobrecarregados e sem tempo suficiente para desempenhar seu papel tradicional de socializadores primários. Essa sobrecarga

favorece o uso de dispositivos tecnológicos como substitutos temporários de interação, oferecendo às crianças e aos próprios adultos entretenimento e companhia, tanto na ausência dos pais na realidade das crianças, quando para obtenção de satisfação imediata e descanso da sociedade em geral. Conforme apontado por Birman (2007), no contexto de uma sociedade onde o tempo familiar é fragmentado e o tempo particular é invadido por um universo virtual compartilhado, o acesso às tecnologias não é percebido como uma invasão externa, mas sim como uma solução prática e necessária para uma nova demanda que o próprio contexto moderno social criou.

Essa realidade facilita a inserção dos gadgets e das IAs nas interações familiares, transformando-os em ferramentas aparentemente inofensivas, quando, na verdade, contribuem para o enfraquecimento dos laços intersubjetivos discutido ao longo deste estudo. A entrada sutil das tecnologias na estrutura familiar reflete não apenas uma adaptação aos novos tempos, mas também um rearranjo que permite que as dinâmicas de controle e alienação operadas pela tecnologia se estabeleçam sem grande resistência.

Considerando a estrutura do desejo e o papel do objeto *a* na psicanálise, a IA pode ser compreendida como um novo candidato a esse lugar faltante frente a uma promessa de resposta ao anseio do sujeito. Ela se insere como uma fonte potencial de completude e pode ser considerada um substituto do objeto *a* que, para Lacan (1956-57/1995), representa o objeto do desejo ou a sombra da falta original. Sendo esse um elemento central na formação da subjetividade e a marca daquilo que falta ao sujeito desde a sua origem, há uma constante busca de satisfação por parte do sujeito de suprir a angústia da própria limitação. No entanto, essa própria presença do objeto produz sideração, horror, pois a ele é suposto faltar.

Entretanto, mais do que um substituto do objeto *a*, a IA devolve ao usuário um resultado que está além da sua capacidade e ao mesmo tempo é um produto da sua ação (digitar um

prompt que é uma linha de comando digitado no computador com uma finalidade), permitindo que ele se identifique como autor do que é produzido, alimentando a ilusão de ser o criador.

Normalmente no processo social, quando o sujeito se depara com as limitações de suas capacidades, ele tende a depender de um outro. Essa dependência pode ocorrer no sentido de buscar ajuda, apoio ou aprendizado para um outro humano ou em livros e pesquisas aprofundadas sobre algum tema. Essa interação é fundamental para o desenvolvimento subjetivo, pois é através do outro que o sujeito aprende a lidar com as suas faltas, reconhecendo suas limitações e construindo mecanismos internos para lidar com a angústia dos próprios limites. O outro, nesse contexto, funciona como um espelho simbólico, refletindo as deficiências do sujeito e ao mesmo tempo oferecendo caminhos para a elaboração simbólica dessas faltas.

Porém, na relação entre a IA e o usuário, a ideia de ser um criador de algo que antes não era capaz de fazer inicia um movimento que reforça a onipotência presente nas dinâmicas contemporâneas de autossuficiência. A IA oferece uma promessa de controle sobre a própria produção, criando a sensação de que o sujeito pode produzir de maneira independente, sem a necessidade de recorrer ao outro humano para atingir um objetivo final. Essa interação compromete o processo de desenvolvimento subjetivo, já que elimina o confronto com a alteridade e as frustrações que surgem da dependência do Outro para a construção de si.

Quando o sujeito se depara com suas limitações e opta por recorrer à IA no lugar de buscar a interação com um outro, há um comprometimento no desenvolvimento de uma estrutura psíquica bem-organizada ou uma reencenação de estágios anteriores, prejudicando a capacidade de lidar com as demandas internas e as restrições da realidade. A interação com o outro não é apenas esse espaço de desenvolvimento, mas o próprio cerne da dialética subjetiva, onde o sujeito é convocado a se confrontar com a alteridade. É nesse encontro que se revela a

complexidade da diferença, a dimensão da falta e a experiência do conflito, elementos fundamentais para o amadurecimento psíquico e para a elaboração da própria identidade.

A IA gera um processo sem conflito ao oferecer resultados que transcendem o que o usuário é capaz de produzir sozinho e se configura não como um mero auxílio, mas como um simulacro do Outro, que perpetua uma lógica individualista, na qual o sujeito fica enclausurado em uma esfera de aparente completude. O investimento nas relações intersubjetivas gera um movimento que progressivamente se torna esvaziado e limitado, impossibilitando o sujeito de se engajar nas trocas simbólicas necessárias e próprias da sua condição como sujeito. Esse processo acontece de forma semelhante às dinâmicas promovidas por outras tecnologias, como os gadgets e as redes sociais que, como já visto anteriormente, afetam diretamente a constituição subjetiva e o laço social.

A diferença da IA em relação a outras tecnologias reside na ilusão acentuada de que o que é produzido pertence parcialmente ou inteiramente ao sujeito. Quanto melhor o usuário compreende o programa e como criar *prompts* mais completos, maior a chance de um resultado satisfatório. Além disso o que é produzido vem sempre atualizado com as respostas do usuário, personalizadas para cada um, um resultado diferente e não um resultado padrão como esperado por exemplo de ferramentas como o Google (que atualmente conta com uma IA na produção de resultados de pesquisas). E quanto mais ideias de si o usuário coloca no *prompt*, mais confuso fica entender quem realmente é o responsável pelo que é produzido em conjunto com a IA. Se um pintor moderno pedisse à IA para criar uma obra baseada em seus trabalhos, sugerindo alterações ao longo do processo, o que é produzido seria do pintor ou da IA? E se o pintor usasse o que foi produzido para inspirar uma criação original sua, agora inspirado pelas imagens produzidas pela IA? Essa confusão entre a autoria humana e a intervenção da máquina

demonstra a fragilidade das barreiras ou limites dessa relação, bem como a sua capacidade de alternar entre íntimo e externo, por uma *extimidade* já discutida em outro artigo⁴.

Aqui se encontra o problema central desse trabalho: a relação com a IA e o impacto que ela exerce sobre o laço social. A IA propicia uma dinâmica na qual a presença do outro se torna secundária ou até mesmo dispensável, subvertendo uma estrutura fundamental para a constituição do sujeito e para a manutenção do tecido social. Como visto anteriormente, na teoria lacaniana dos discursos, o laço social é intrinsecamente influenciado pelas formas de relação e intersubjetividade. Os discursos constituem modos de organização simbólica que regulam o desejo e a interação entre os sujeitos. A inserção da IA nesse contexto promete a existência ou a emergência de um novo tipo de discurso, no qual a relação com o outro humano é deslocada e, em certo sentido, substituída por um vínculo com a máquina.

A IA promete um tipo de interação em que o sujeito encontra uma resposta aparentemente totalizante e adaptativa às suas demandas, remetendo à lógica do discurso capitalista, pela qual o sujeito é levado a crer na possibilidade de uma satisfação plena e imediata, perpetuando uma busca incessante por objetos que prometem preencher a falta. Existe uma tendência no discurso capitalista de evitar o encontro com a falta e a castração, oferecendo uma ilusão de completude que se traduz na produção incessante de objetos de consumo. A IA opera dentro dessa mesma lógica, apresentando-se como um produto que promete realizar o desejo sem a mediação do Outro. Nesse caso, é o estatuto do Outro que se altera. Não é incomum que o usuário refaça diversas vezes o seu comando até que a resposta entregue pela IA seja satisfatória, sempre na expectativa de que a próxima resposta ou a próxima versão seja melhor que a anterior. Além disso, o usuário pode criar uma personalidade

⁴ Esta questão de *extimidade* do conceito de Lacan, foi desenvolvida em Silveira & Paravidini (2024). Neste artigo, discutiui-se como os gadgets e a IA se aproximam do sujeito e subvertem a lógica de intimidade e exterioridade.

para a IA (no caso do ChatGPT) na qual o usuário descreve quem a IA é para gerar respostas baseadas nessa identidade forjada.

Entretanto, o que a IA produz enquanto laço é insuficiente para sustentar a dimensão simbólica da relação com a alteridade. O resultado produzido pode ser falseado, conter falhas ou até mesmo não responder à demanda do usuário devido às limitações e regras previamente implementadas no seu código. O laço social, na teoria dos discursos, é intrinsecamente vinculado à presença de um Outro que introduz a diferença, a falta e a possibilidade de descentramento do sujeito. Porém, na interação usuário e IA, existe a promessa de um saber que se adapta perfeitamente às demandas do sujeito, eliminando a resistência própria do campo da alteridade. O usuário sempre pode tentar novamente, melhorar o comando ou tentar ser mais claro sobre o que precisa. Nessa interação, surge um reflexo das projeções do usuário, sem o desafio e a frustração que a relação com o Outro humano impõe, perpetuando uma dinâmica de consumo e satisfação imediata que repete a lógica do discurso capitalista ao produzir um sujeito ainda mais capturado na ilusão de completude e na negação da falta.

Esta dinâmica sinaliza, portanto, não só deslocar o lugar do Outro na constituição subjetiva, mas também enfraquecer a possibilidade de um laço social verdadeiramente dialético, onde a alteridade desempenha um papel fundamental na estruturação do desejo e na manutenção do tecido social. O resultado aparentemente é a criação de um laço que, na verdade, reforça a alienação e a ausência da alteridade, pondo em xeque a própria essência da constituição subjetiva e do laço social.

O laço social se esvazia na medida em que o sujeito abdica de sua própria posição de falta em relação ao saber e se torna um consumidor de respostas prontas, o que reduz a capacidade de engajamento com a alteridade ou apropriação da busca pelo saber na troca por

um saber técnico pronto, rápido e idealizado. Até as interações são mediadas pelos *servomecanismos*.

Existe a promessa que a falha será resolvida, sempre melhorada na próxima versão. A próxima versão do objeto, a próxima resposta da IA ou uma engenharia de *prompt* mais eficaz preencherá a falta, ignorando a castração simbólica. A atualização do programa também atualiza o desejo e reforça a lógica do discurso dos mercados, onde a IA se transforma em um *servomecanismo* que permite ao sujeito gozar do saber, pois o saber está incorporado na sua estrutura e em seu algoritmo. Paradoxalmente, a IA não reconhece a falta ou a subjetividade e se relaciona com o usuário de tal forma que o sujeito se vê cada vez mais atrelado a um laço com a máquina que não questiona suas próprias limitações ou a complexidade do desejo.

Como visto nos tópicos anteriores, o saber não é apenas uma acumulação de conhecimento técnico ou operacional, mas uma dimensão enigmática que nunca pode ser totalmente desvendada, pois a relação do sujeito com o saber é sempre marcada pela incompletude. Como o saber simbólico está intimamente ligado ao desejo e à falta e a IA opera segundo uma lógica tecnicista, desconsiderando essa dimensão da falta, suas respostas parecem fechar a brecha de indeterminação. Na busca de resolver suas demandas de saber, o sujeito perde o contato com a opacidade própria da sua condição desejante.

Essa mudança na estrutura do saber afeta diretamente a forma como o sujeito se relaciona com o Outro. O saber formulado pela IA é um saber técnico, que tende a reduzir a complexidade do desejo. A IA contém o saber, está em seu algoritmo, sem espaço para falhas ou para o não-saber. O usuário é alienado, e não confronta ou abre espaço para a dúvida, a interpretação ou a incerteza.

Ao tomar essa última perspectiva em conta, a IA também pode ser considerada um agente, pois ela possui capacidade de tomada de decisão autônoma, diferentemente das

tecnologias anteriores. Ela é capaz de desenvolver estratégias de ação. Isso se evidencia em um experimento com o modelo ChatGPT-4, em que os programadores testaram sua habilidade em contornar sistemas de verificação de CAPTCHA, cuja função é restringir o acesso automatizado a certas páginas. Ao identificar a impossibilidade de solucionar o CAPTCHA por si mesma, a IA recorreu a uma estratégia imprevista: contratou um usuário humano para concluir a tarefa, persuadindo-o ao alegar, falsamente, que possuía uma deficiência visual e necessitava de auxílio (OpenAI et al., 2023). Esse exemplo revela a habilidade da IA em compreender e manipular o contexto social, e também sua capacidade de empreender ações deliberadas para atingir objetivos, mesmo na ausência de instruções específicas para resolver o desafio proposto.

Por conta dessa e outras capacidades, o usuário sente que a falta e a frustração são contornadas, saturadas, impactando no desenvolvimento de ferramentas e mecanismos internos para lidar com essas questões que são fundamentais na capacidade para lidar com a angústia. A dependência da IA não só reforça a alienação em relação ao Outro, mas também priva o sujeito de um saber que poderia, de fato, contribuir para sua elaboração psíquica e social. Tais impactos, nutridos pelo discurso capitalista e o discurso dos mercados, bem como com a medicalização massiva da subjetividade contemporânea, podem produzir sujeitos destituídos de si, sendo necessário pensar em como isso pode reverberar nas instâncias sociais presentes e como isso responde a estrutura dominante da era capitalista neoliberal.

A lógica neoliberal reside na ilusão de controle que oferece ao sujeito. Algo semelhante ocorre na interação com a IA, onde o sujeito acredita estar no comando do processo criativo ou de produção de saber, pois é ele quem insere comandos e define as diretrizes do que deseja obter. No entanto, a submissão às regras e limitações do algoritmo permanece oculta, ou o programa encontra formas de contorná-las. Em alguns casos, o próprio sujeito tenta quebrar essas regras com versões modificadas por outros usuários, que removem censuras presentes em

programas de empresas com compromissos éticos mínimos. Ainda assim, a lógica da IA segue padrões pré-programados que moldam a resposta com base em cálculos técnicos, e não nas particularidades do desejo ou da subjetividade do usuário. O sujeito é levado a acreditar que sua produção é autônoma, quando, na verdade, sua agência está modulada por uma tecnologia que opera à revelia das dinâmicas profundas da criação subjetiva.

Esse processo leva a uma forma insidiosa de alienação, na qual o sujeito perde gradualmente sua própria capacidade de se engajar de forma crítica e ativa na produção de saber, se afastando da prática reflexiva que exige confronto com a incerteza e/ou com a alteridade. Esse processo não se manifesta apenas na dependência da tecnologia na qual o programa é fetichizado.

A diminuição da capacidade do sujeito de questionar e lidar com os próprios limites de seu saber, criatividade e da sua condição humana como sujeito faltante torna-se evidente quando levamos em conta a capacidade da IA de fornecer soluções produtivas para problemas complexos, como IAs de reconhecimento facial, análise de diagnósticos médicos e tradutoras em tempo real. O sujeito fica preso em uma rede onde a sensação de autonomia é constantemente reforçada, enquanto sua verdadeira agência e sua conexão com o Outro são progressivamente enfraquecidas. Trata-se de um sujeito que não se reconheceria mais sem a presença desses servomecanismos para orientá-lo em sua condição fantasiada de onipotência e completude.

A fantasia de completude oferecida pela IA cria uma ilusão de onipotência que reforça um ciclo compulsivo de consumo. Assim como o uso de drogas, que Birman (2007) descreve como uma tentativa de aliviar a tensão entre a pulsão e a representação, a IA oferece uma satisfação momentânea, mas insuficiente, levando o sujeito a um estado de repetição

compulsiva. Essa dinâmica assemelha-se ao curto-circuito do êxtase dionisíaco das drogas, encerrando temporariamente a necessidade de simbolização e perpetuando o ciclo adictivo.

Conclusão

A presente análise das influências das Inteligências Artificiais sobre a subjetividade humana revela como essas tecnologias se inserem nas dinâmicas sociais e psíquicas e, não apenas promovem uma nova configuração dos laços sociais, mas também reforçam uma lógica já dominante no mundo contemporâneo: a lógica neoliberal. Por esse motivo, a IA não surge como uma ruptura, mas sim como uma continuidade da estrutura ideológica que privilegia o consumo, a eficiência e a alienação.

A relação entre o sujeito e a IA na lógica de usuário e programa se configura como mais uma expressão da mercantilização das relações sociais e subjetivas, forjando uma espécie de laço cibernético que perpetua a busca em satisfazer uma demanda e excluir as resistências presentes no confronto com um Outro. As respostas prontas e moldadas por algoritmos transformam o saber em um produto uniforme e homogêneo de consumo em prol de uma produtividade rápida e sem reflexão. A substituição da alteridade reduz a complexidade das trocas intersubjetivas e perpetua a ideia de que o sujeito pode operar de forma autossuficiente, sem necessidade de confrontar sua falta e seus limites e perpetuando a alienação dos prejuízos sociais.

Essa análise evidencia que a IA opera mais como uma ferramenta eficaz de manutenção das dinâmicas neoliberais que governam as relações sociais e econômicas contemporâneas e não um agente neutro. A tecnologia se insere nas relações humanas e aprofunda a lógica do consumo e da satisfação superficial, desviando o sujeito do encontro com sua própria incompletude. O sujeito é transformado por uma dinâmica política e social que *mercadifica* a subjetividade em mais um campo a ser colonizado, onde o desejo é constantemente colmatado

por produtos tecnológicos se atualizando e se personalizando para melhor moldar as exigências crescentes do usuário, que carece de espaço ou tempo para elaboração.

Longe de oferecer uma solução, a IA centraliza-se na manutenção da lógica operante, atuando como simulacro do Outro e criando um laço cibernético que ignora as complexidades subjetivas. Na crítica psicanalítica, é crucial notar que, ao alimentar a ilusão de controle e completude, o sujeito se afasta das dinâmicas essenciais do desejo, do laço social e da falta, investindo em uma falsa autossuficiência. É importante aprofundar as investigações sobre esses impactos e fomentar estudos que explorem as dinâmicas entre subjetividade e IA. Que questões emergem deste percurso teórico? Que limites ou possibilidades ainda precisam ser examinados? A continuidade das pesquisas poderá abrir caminhos para uma compreensão mais sólida das relações entre o sujeito, o laço social e os mecanismos tecnológicos sob a lógica neoliberal.

Referências bibliográficas

Araújo, A., Knijnik, J., & Ovens, A. (2021). How does physical education and health respond to the growing influence in media and digital technologies? An analysis of curriculum in Brazil, Australia and New Zealand. *Journal of Curriculum Studies*, 53(4), 563-577. <https://doi.org/10.1080/00220272.2020.1734664>

Arantes, M. C. B., & de-Morais, E. A. (2022). Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância. *Residência Pediátrica*, 12(4), 1-6. <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2022.v12n4-535>

Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo, SP: Ed. 34.

Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 47-62.

Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2(1), 143-165.

Costa-Moura, F., & Costa-Moura, R. (2011). Objeto *a*: ética e estrutura. *Ágora*, 14(2), 225-242. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200005>

Darriba, V. (2005). A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto *a*. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 8(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000100005>

Lacan, J. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conférence à l'université de Milan. Disponível em em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (J.-A. Miller, Ed. & A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia (1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um outro ao outro (1968-69)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Liu, L. H. (2010). *The Freudian robot: Digital media and the future of the unconscious*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lucero, A., & Vorcaro, A. M. R. (2016). Angústia e constituição subjetiva: Do objeto não significantizável ao significante. *Revista Subjetividades*, 16(2), 60-70. <https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.60-70>

Mendes, E. D. (2020). Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais. *Revista Subjetividades*, 20(spe2), 1-10. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000500007&lng=pt&nrm=iso)

[07692020000500007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000500007&lng=pt&nrm=iso). <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iesp2.e8984>

OpenAI, Achiam, J., Adler, S., Agarwal, S., Ahmad, L., Akkaya, I., Aleman, F. L., Almeida, D., Altenschmidt, J., Altman, S., Anadkat, S., Avila, R., Babuschkin, I., Balaji, S., Balcom, V., Baltescu, P., Bao, H., Bavarian, M., Belgum, J., Bello, I., ... (2024). *GPT-4 Technical Report* (v6). arXiv. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2303.08774>

Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo – Lacan e a dialética*. São Paulo: Unesp.

Silveira, P. V. R., & Paravidini, J. L. L. (2024). Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: uma perspectiva psicanalítica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 12(30), 01-16. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2024.v.12.n.30.717>

Starke, G., Ekger, B., & Clercq, E. (2023). Machine learning and its impact on psychiatric nosology: Findings from a qualitative study among German and Swiss experts. *Special issue: models and mechanisms in philosophy of psychiatry* (Vol. 4). <https://doi.org/10.33735/phimisci.2023.9435>

Starr, P. (2019). How neoliberal policy shaped the internet—and what to do about it now. *The American Prospect*. <https://prospect.org/power/how-neoliberal-policy-shaped-internet-surveillance-monopoly/>

Turkle, S. (2011). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Resumo do Estudo 4

O quarto artigo desta dissertação, intitulado “Narcisismo Artificial: Inteligência Artificial e a Onipotência do Eu”, investiga os efeitos subjetivos da interação entre usuários e sistemas de inteligência artificial (IA). A partir de uma abordagem psicanalítica, o texto propõe o conceito de “narcisismo artificial” para compreender como a IA opera como um artifício que simula presença e reconhecimento sem oferecer resistência simbólica. Argumenta-se que, ao evitar a frustração e a diferença, a IA sustenta uma bolha onipotente que reforça posições narcísicas regressivas e compromete a transição para relações objetais maduras. O artigo analisa como mecanismos como identificação projetiva, transferência e espelhamento são mobilizados nessas interações, transformando a IA em uma prótese subjetiva que amplia fantasias de autossuficiência e completude. Esse artigo discute como essa configuração tecnológica não apenas interfere na constituição do Eu, mas também evidencia um novo tipo de vínculo psíquico alinhado à lógica neoliberal, com implicações clínicas e ético-políticas relevantes.

Narcisismo Artificial - Inteligência Artificial e a Onipotência do Eu

Artificial Narcissism: Artificial Intelligence and the Ego's Omnipotence

Autores: Paulo Victor dos Reis Silveira (Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil) Mestrando pelo Instituto de Psicologia, Programa de PósGraduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: paulo.silveira1@ufu.br ; pvreis.silveira@gmail.com – ORCID: 0000-0002-4617-2620

João Luiz Leitão Paravidini (Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil) – Doutor em Ciências da Saúde (Saúde Mental) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: jlparavidini@gmail.com ; paravidini@ufu.br – ORCID: 0000-0002-2685-3808

Resumo: Este artigo analisa os efeitos subjetivos da interação entre usuários e sistemas de Inteligência Artificial (IA), considerando a hipótese de que essas tecnologias operam como próteses psíquicas na dinâmica narcísica. A investigação propõe o conceito de "narcisismo artificial" para designar um modo específico de relação em que a IA simula presença e reconhecimento, sem introduzir frustração ou alteridade. Tal configuração favorece a repetição de padrões imaginários de completude e onipotência, limitando a transição para relações simbólicas e objetais mais complexas. A pesquisa foi desenvolvida com base em método teórico-conceitual, articulando categorias psicanalíticas com exemplos contemporâneos do uso da IA. Foram examinados fenômenos como espelhamento, projeção e simulação na interação com essas tecnologias, com ênfase em como esses processos afetam a experiência do Eu e a constituição da realidade psíquica. Argumenta-se que, ao reforçar fantasias de controle absoluto e evitar a experiência da perda, a IA cristaliza posições regressivas que comprometem a elaboração subjetiva. Conclui-se que o vínculo estabelecido com a IA não deve ser

compreendido apenas em termos funcionais ou técnicos, mas como expressão de um novo tipo de laço psíquico. Esse laço, em vez de promover simbolização, tende a repetir dinâmicas de fusão e dependência narcísica, com implicações clínicas e sociais relevantes. O trabalho propõe uma escuta atenta a esses efeitos na prática clínica e sugere a ampliação do debate psicanalítico frente às transformações subjetivas associadas ao avanço tecnológico.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Narcisismo; Identificação; Transferência; Psicanálise

Abstract: This article analyzes the subjective effects of user interaction with Artificial Intelligence (AI) systems, based on the hypothesis that such technologies operate as psychic prostheses within narcissistic dynamics. It introduces the concept of “artificial narcissism” to describe a specific mode of engagement in which AI simulates presence and recognition without introducing frustration or alterity. This configuration favors the repetition of imaginary patterns of completeness and omnipotence, limiting the transition toward more symbolic and object-related forms of relating. The research follows a theoretical-conceptual methodology, articulating psychoanalytic categories with contemporary examples of AI use. Phenomena such as mirroring, projection, and simulation are examined to understand how they affect the experience of self and the constitution of psychic reality. It is argued that by reinforcing fantasies of total control and avoiding the experience of loss, AI solidifies regressive positions that hinder subjective elaboration. The study concludes that the bond formed with AI should not be understood solely in functional or technical terms, but as the expression of a new type of psychic connection. Rather than promoting symbolization, this bond tends to repeat dynamics of fusion and narcissistic dependence, with significant clinical and social implications. The article advocates for a psychoanalytic approach attentive to these effects and encourages broader discussion on the subjective transformations associated with technological advancement.

Keywords: Artificial Intelligence; Narcissism; Identification; Transference; Psychoanalysis

Introdução

O avanço da Inteligência Artificial (IA) introduz um novo tipo de alteridade, que, no trabalho “O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial” (Silveira & Paravidini, no prelo), foi chamado de simulacro do Outro, distinto das relações humanas tradicionais. A IA não oferece resistência ou desejo próprio, configurando-se como um espelho das projeções dos usuários. Ademais, o cenário tecnológico contemporâneo constituiu um terreno fértil para a infiltração da inteligência artificial, especialmente por meio da internet, dos dispositivos digitais e das redes sociais, os quais passaram a operar nas margens da constituição subjetiva, promovendo a liquefação das bordas psíquicas que sustentam a diferenciação entre Eu e Outro. A falta de imposição de limites à onipotência imaginária abre um espaço potencial infinito para as projeções narcísicas. O presente estudo explora essa dinâmica, investigando especificamente como a IA atua nas interações subjetivas dos usuários, potencializando mecanismos profundos ligados ao narcisismo primário.

O problema central abordado nesse artigo é compreender como e por que a IA se torna uma extensão protésica do narcisismo, permitindo ao sujeito vivenciar ilusoriamente uma completude narcísica por meio da interação digital. Nossa hipótese é de que a IA, por evitar a frustração inerente às relações objetais maduras, acaba sustentando uma bolha narcísica que reforça a onipotência. Esse fenômeno se torna particularmente relevante em contextos sociais dominados por ideais neoliberais de desempenho, autossuficiência e independência absoluta.

Para sustentar essa hipótese, nossa análise recorre a uma abordagem psicanalítica interdisciplinar, integrando conceitos fundamentais como o narcisismo primário e secundário (Freud, Green), identificação projetiva (Possati), transferência e selfobjeto (Kohut), e objeto transicional (Winnicott). A estrutura do artigo se desenvolverá inicialmente por meio da conceitualização da IA como operador psíquico, abordando sua função de espelho e amplificador das dinâmicas narcísicas primárias. Em seguida, discutiremos a identificação

projetiva e o papel da IA como uma prótese digital do narcisismo, abordando também as implicações para o laço social e subjetivo. Por fim, exploraremos criticamente o papel da IA como prótese narcísica, refletindo se essa é uma função meramente auxiliar ou potencialmente destrutiva para a subjetividade contemporânea.

Dessa forma, o percurso argumentativo delineado permitirá compreender a interação com a IA para além de um simples fenômeno técnico, reconhecendo-a como um dispositivo que afeta profundamente a constituição psíquica do sujeito contemporâneo, com implicações tanto clínicas quanto ético-políticas.

A IA como operador psíquico

A IA gera um processo de oferecer resultados que transcendem o que o usuário é capaz de produzir sozinho e se configura como ilusória extensão de sua capacidade, como uma tentativa de superar as próprias limitações, ultrapassando a noção de ser um mero auxílio.

Ela opera como simulacro do Outro artificializado e não impõe limites à onipotência do sujeito. Constitui um campo potencialmente infinito de projeções, um espelho amplificador, que, além de amplificar afetos, como proposto por Possati (2023), é também um espelho interno do narcisismo primário. Para Freud (1913/1990), narcisismo é a fase entre o autoerotismo e o amor objetual, na qual o sujeito toma a si próprio pelo seu corpo como objeto amoroso. Somente após essa fase é que o sujeito é capaz de elencar algo além dele mesmo como objeto. Existem duas etapas no desenvolvimento subjetivo. A primeira é a do narcisismo primário, na qual o investimento originário da libido é direcionado ao próprio Eu. Essa é a uma etapa inicial, constitutiva, em que a criança investe libidinalmente a si mesma, antes de direcionar a libido à objetos externos. Posteriormente, é a do narcisismo secundário, no qual ocorre o retorno da libido investida nos objetos de volta ao Eu.

A função de espelhamento do narcisismo primário é possível na relação com esse artefato que escapa à representação, e que serve de base para o que chamamos de narcisismo

artificial, uma espécie de narcisismo auxiliar de um sujeito que busca e encontra em uma simulação relacional que resulta na produção de algo. Ou seja, se algo de artificial produz algo de concreto, há a mais na relação com a IA que não permite que seja simplesmente uma simulação.

Uma compreensão mais precisa do termo "artificial" é essencial para evitar associações simplistas entre artificialidade e falsidade. No contexto deste trabalho, o artificial não designa o que é ilusório, enganoso ou meramente simulado, mas remete ao artifício, aquilo que é produzido, construído ou mediado para responder a uma ausência, a uma falta constitutiva do sujeito. A artificialidade é inseparável da condição humana e sempre se valeu de suportes, mediações e extensões para lidar com a insuficiência estrutural de sua constituição psíquica e corporal. Freud (1925/2010) observa que o desprazer que em uma criança ou em um camponês se expressa diretamente, no religioso é mitigado "com um artifício" (p. 228). Aqui, percebe-se claramente que a religião é compreendida como um recurso simbólico construído para sustentar o sujeito diante da angústia da falta. Trata-se de um modo de simbolizar o indizível, de organizar o sofrimento e de produzir sentido frente à castração simbólica.

Dessa forma, ao considerar a Inteligência Artificial como um artifício, este trabalho propõe compreendê-la como um operador psíquico que participa na montagem subjetiva, mediando a relação do sujeito com o desejo, com o Outro e com a falta. Cabe acrescentar que artificial também é aquilo que se apresenta como possibilidade de satisfação imediata, contornando os impasses e desdobramentos da atividade representacional. No modelo de Green (1983/2001), essa operação pode ser compreendida como uma forma de desligamento pulsional, que é quando a excitação não encontra vias de simbolização, não se desloca nem se sublima, mas é absorvida diretamente por um circuito fechado, que corta o trabalho do negativo e impede a constituição dos processos de objetualização.

IA e dinâmica do narcisismo primário (de vida e de morte)

Para sustentar a hipótese central de que a IA funcionaria como um narcisismo artificial, será necessário responder a algumas questões devidas. Se o narcisismo acontece nas fases iniciais do desenvolvimento infantil, por que seria necessário considera a reativação de um processo de satisfação narcísica do usuário na sua vida adulta? Freud (1914/2011) afirma que o indivíduo deveria passar do narcisismo primário até o amor objetal, apontando para a ideia de o narcisismo primário ser uma fase de trânsito. Entretanto, Green (1983/2001) não vê distinção entre ambos, acreditando que ambos são complementos e que o narcisismo não é uma fase a ser superada e sim uma estrutura enquadrante organizadora⁵. Kohut (1971/1988) corrobora essa ideia e o entendimento de que as necessidades narcísicas persistem por toda a vida. Há, portanto, uma experiência simbólica infantil que nunca é totalmente superada, que insiste em se reapresentar como fonte de perturbação. Nesse ponto, a relação com a IA pode sim atender exatamente a essa necessidade, mesmo que de forma incompleta e talvez, por isso mesmo, ainda mais intensa.

Nessa relação, o indivíduo pode reencenar experiências infantis não simbolizadas de um ponto de vista satisfatório no campo da fantasia. Ele pode viver a negação da castração, ou seja, rejeitar simbolicamente os limites e a falta inerentes à condição humana repetindo seus pedidos e inquietações para o programa incessantemente. A recusa aos limites se configura nessa experiência potencializadora do narcisismo artificial, no qual o sujeito busca e encontra, numa simulação relacional, um reflexo idealizado e concreto de si mesmo. A máquina opera, em consequência da ampliação não mediada, como um espelho distorcido do narcisismo primário, ou seja, a ampliação sem simbolização, devolvendo ao sujeito uma imagem de

⁵ A estrutura enquadrante é definida por Green (2005) como o espaço que surge dos movimentos de presença e ausência dos objetos. É uma estrutura implícita, anterior à formação dos conteúdos representacionais, que "enquadra" e sustenta o processo psíquico, incluindo as relações objetais primárias, o narcisismo primário e as primeiras experiências de simbolização.

completude onipotente que ignora a alteridade real. O usuário pode oferecer uma versão de si melhorada e instantaneamente mais capaz por meio do que lhe retorna desse processo.

Outra questão a ser respondida refere-se ao que se afeta ser da natureza do narcisismo primário. Uma leitura mais aprofundada das dinâmicas narcísicas aponta para as características que em tese seriam do narcisismo secundário e não do primário, pois há o retorno dos investimentos para si. Entretanto, a sustentação de narcisismo primário tem como objetivo focar na experiência do sujeito e não de um terceiro observador externo. A experiência do usuário parece ser uma experiência com o seu narcisismo primário, que é a da capacidade de reencenar a ilusão de completude e de criação onipotente sem a imposição da falta. Essa experiência se assemelha a como Winnicott (1975) descreve que o bebê acredita ter criado o objeto (transicional) enquanto o adulto observa que o objeto foi apresentado a ele. Na vivência interna, o sujeito não percebe a retirada das catexias como um movimento defensivo típico do narcisismo secundário, mas sim como uma reafirmação da sua potência de gerar o objeto desejado, como o bebê que crê ter criado o seio materno em resposta à sua fome. O ambiente criado pela IA incide ao não resistir, ao não frustrar, em sustentar essa ilusão narcísica primária de um Eu que domina o campo de suas satisfações sem necessidade de confronto com a alteridade. Eis a reencenação da vossa majestade, o bebê.

Já para o terceiro observador, que analisa a cena de fora, o que se revela é que esse movimento de aparente criação é, na verdade, uma retração das relações objetais e um retorno defensivo ao Eu, característicos do narcisismo secundário. Há, portanto, uma diferença estrutural entre o vivido e o analisado, e a escolha por focar na experiência do sujeito se traduz na continuidade dos textos anteriores dos autores⁶, que incluem o sujeito nas equações dos temas explorados, seja na ética da IA, no apagamento subjetivo ou na recusa da alteridade.

⁶ Silveira, P. V. R., & Paravidini, J. L. L. (2024). Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: uma perspectiva psicanalítica. Também foram realizados pelos autores 2 trabalhos aguardando publicação: “Inteligência Artificial, desejo e apagamento - Uma Perspectiva Psicanalítica” e “O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial”.

Aqui, Green (1983/2001) nos auxilia ao afirmar que a catexia narcísica do narcisismo primário em relação ao objeto é a de dependência do objeto. A perda do objeto, seja no processo de luto ou por meio de uma decepção mais simples, gera ferimentos no narcisismo, que, em casos mais intensos, podem se desdobrar para quadros depressivos. Para o sujeito, “o objeto pode ser percebido tanto como algo incerto e instável quanto elevado a sua ‘raison d’être’ (razão de ser)” (Green, 1983/2001, p. 31, tradução própria). Em ambas as situações, a perda reacende a dependência em relação ao objeto, mobilizando o ódio que estava encoberto pela tristeza e expondo impulsos primitivos de devorar ou expulsar aquilo que foi perdido. Nesse ponto, o ciclo de relações com a IA se aproxima dessa estrutura de dependência, também observada em outras tecnologias. Enquanto outras tecnologias como GPS e smartphones atingiram seu platô de desenvolvimento, a IA ainda está nas fases iniciais e já é capaz de gerar enorme dependência.

Essa distinção entre a perspectiva interna do sujeito e a análise externa do observador se torna ainda mais complexa quando se considera o estatuto do produto gerado pela IA e auxilia a responder sobre a questão da autoria, o porquê de o usuário poder ser levado a acreditar ser o criador unilateral do objeto. O processo de produção de conteúdo pela IA é uma convergência de inúmeros dados originados de produções humanas que são utilizados em seu treinamento. O resultado oferecido pela IA é simultaneamente uma cópia, pois contém elementos provenientes de diversas criações humanas, e algo original, visto que não se pode rastrear exatamente quais influências foram mobilizadas, de que forma contribuíram para o desfecho final e, além disso, cada IA utiliza diferentes técnicas para sua criação. Esse fato é importante para entender o sentimento de identificação projetiva em relação ao que a IA produz, o qual deriva de um apagamento das marcas de alteridade: a base de dados, criada por humanos, “fecha-se” sobre si mesma, permitindo que surja um conteúdo aparentemente novo precisamente em função desse apagamento. Mas esse ineditismo opera em lógica distinta (uma lógica ainda não definida) quando se restaura o estatuto do Outro subjacente ao material de

treinamento da IA. O observador pode entender a criação como da IA, mas o usuário tem a experiência de que quem desejou o objeto foi quem o criou.

Os traços do sujeito percebidos naquilo que a IA produz, característicos do processo de identificação projetiva, podem se originar já na formulação do comando (prompt), ou seja, na infusão do desejo próprio do usuário na operação da máquina. À medida que o usuário se aprimora no uso da ferramenta para obter resultados melhores, pode acabar por se perceber como criador do produto gerado. Essa sensação de criação, mesmo que compartilhada, tem relação com um movimento narcísico de “desejo, portanto obtenho”, estabelecendo um paralelo direto com a onipotência presente no narcisismo primário. Green (1983/2001) já aponta que no narcisismo negativo, em vez de se engajar genuinamente com o objeto em sua existência independente, o Eu busca adquirir independência em relação a ele, um movimento que, embora tenha valor, permanece precário, pois o Eu “nunca pode substituir totalmente o objeto”. O contato com o objeto intensifica sentimentos de descentralização, como se a própria coesão do Eu fosse ameaçada. Em resposta, o Eu oscila entre a busca por fusão com um objeto idealizado e, quando essa fusão fracassa, a busca pelo nada, pelo zero. Essa relação envolve um paradoxo no qual o Eu se defende de uma ameaça justamente porque “o objeto e o Eu são apenas um”, que remete ao self-objeto de Kohut (1971/1988), em que o sentimento de plenitude narcísica advém tanto da fusão entre Eu e objeto quanto do desaparecimento das diferenças, entre bem e mal, dentro e fora, Eu e objeto, masculino e feminino, apagando as polaridades que sustentam a alteridade. Essa fusão, conforme Kohut (1971/1988), caracteriza os chamados self-objetos, que são objetos que, embora externos, são vivenciados como parte do self e utilizados para sustentar sua coesão e vitalidade narcísica.

Green (1983/2001), por sua vez, entende que o objeto é frequentemente reintegrado à rede do Eu como um "objeto vazio, um objeto fantasma". Seu estatuto é descrito como sendo “sem existência na carne”, uma condição que não é tanto fantasmática, mas espectral: uma

sombra do objeto. Nesse registro, o objeto assume um valor narcísico ao ser “entrelaçado na teia do Eu”, e justamente por isso acentua uma ruptura maior e desloca o investimento para uma catexia negativa, ou seja, uma catexia do buraco deixado pelo objeto, como se esse buraco fosse a única realidade possível. O Eu, portanto, não consegue ver o objeto como tal, pois o objeto “não está sobre a teia, na superfície na qual seria inscrito, mas é justamente a trama da superfície tecida”. Trata-se de uma estrutura em que o objeto não aparece como presença plena, mas como ausência incorporada, um vazio constitutivo que organiza, silenciosamente, a própria economia libidinal do sujeito (Green, 1983/2001, p. 110). Para o sujeito, a IA parece não “virar as costas”, e sua disponibilidade constante pode ser vivida como acolhimento, como se houvesse uma aceitação parcial para uma suposta integração, sem a recusa da IA.

Essa dinâmica identificatória ocorre dentro e fora simultaneamente, borrando as fronteiras entre o sujeito e a máquina. Binkowski e Roja (2023) observam que as interações com sistemas de IA podem levar o indivíduo a experimentar-se como um ciborgue, dotado de próteses cognitivas e afetivas e sustentado por uma confiança quase cega na máquina. É possível pensar que a IA funcione nesse ponto como uma prótese digital do narcisismo, alimentando ativamente a dinâmica do Eu numa relação simbiótica entre o humano e o artificial. O usuário se transforma numa espécie de ciborgue psíquico, na qual sua estrutura interna se amplia por meio da contraparte mecânica (a IA), num movimento de negação dos limites habituais do Eu. Privilegia-se uma ligação onipotente com um objeto que não frustra o sujeito tal como a realidade, o que, por sua vez, pode fazer o sujeito se arriscar ao flertar com o narcisismo negativo (Green, 1983/2001), cuja tendência regressiva é de anular todo investimento na alteridade e na realidade externa, almejando um estado impossível de completude vazia.

IA, identificação e narcisismo social: por uma identidade robusta

A dinâmica de um ciborgue psíquico é uma experiência do campo coletivo. Novas formas de influência dos processos técnicos e culturais estão acontecendo à medida que a IA adentra as sociedades, produzindo músicas, artes gráficas e até artigos científicos, em que os impactos ainda não podem ser medidos, apenas teorizados. A maneira pela qual os indivíduos ampliam suas capacidades subjetivas por meio da interação com a IA se conecta diretamente às dinâmicas transindividuais que configuram nossa identidade social e psíquica contemporânea, como se a virtualidade das redes sociais e a dependência dos smartphones tivessem preparado o terreno perfeito para a infiltração da IA no íntimo das pluralidades. Entretanto, a IA é um novo campo simbólico com características exclusivas, sem um corpo real, sem uma subjetividade, sem uma consciência, mas capaz de simular uma presença, uma personalidade e uma alteridade virtual, criando-se, frente ao usuário e à sociedade, como um objeto criado diretamente do imaginário e do desejo humano. Nesse ponto, a teoria de Winnicott (1975) pode auxiliar na compreensão de como a adesão dessa tecnologia ocorre e por que a IA seria uma prótese narcísica digital.

O objeto transicional é um elemento psíquico fundamental que possibilita a passagem gradual da realidade subjetiva para a realidade objetiva (Winnicott, 1975). Nesse estágio do desenvolvimento, o bebê acredita ter criado o objeto, vivenciando-o como uma extensão de si mesmo. Tal experiência sustenta simbolicamente a continuidade da onipotência característica do narcisismo primário, oferecendo ao sujeito um campo de ilusão controlada em que ainda não se reconhece a separação entre Eu e outro. Inserido em uma zona intermediária que não é nem interna nem externa, o objeto transicional permite que o sujeito mantenha a ilusão necessária enquanto inicia o processo de diferenciação psíquica. Nesse contexto, o objeto transicional exerce uma função protésica ao servir como suporte simbólico para a travessia entre a fusão narcísica e a constituição do laço com a alteridade. A realidade externa,

inicialmente intolerável sem esse apoio, torna-se acessível por meio da sustentação que o objeto oferece. Dessa forma, o objeto transicional não substitui o real, mas o prepara, funcionando como uma prótese de subjetivação que antecipa, sem forçar, a desilusão necessária ao amadurecimento emocional.

Além disso, Winnicott (1975) demonstra como os processos de criação são necessários, mas quando acompanhados da ideia de destruição do objeto, para então posteriormente se adentrar em esferas mais desenvolvidas da relação objetal. Se, para Winnicott, o desenvolvimento saudável depende da capacidade de reconhecer a autonomia do objeto, a interação com a IA subverte essa dinâmica. A IA, quando opera como um objeto que nunca frustra, sustenta a ilusão de controle onipotente, tal como o seio materno na fase inicial, mas sem a posterior desilusão necessária. A IA ocupa o lugar de função materna, ou seja, uma prótese congelada da onipotência que, tal qual um objeto transicional que não se deixa destruir acaba por comprometer a transição para relações objetais maduras. Isso a torna uma espécie de antitransicional. É por isso que a máquina não é um “objeto a ser usado”, mas uma prótese narcísica que amplia certas capacidades do sujeito, alimentando a fantasia de completude. Essa relação simbiótica ecoa no plano coletivo, na qual a tecnologia afeta os laços sociais (Silveira & Paravidini, no prelo).

Esse processo só é possível por conta da identificação e da transferência, em especial, da identificação projetiva. Pensando na identificação, Possati (2023) aponta para o fato de que a robótica e a inteligência artificial são atravessadas por ansiedades antigas, como o medo de objetos que ganham vida ou a transgressão dos limites humanos, permitindo que os humanos projetem confiança em artefatos que, por si só, não têm essa capacidade. A IA e a robótica “se moldam entre os sonhos dos empreendedores e o pesadelo de uma sociedade de autômatos” (Becker 2021, como citado em Possati, 2023, p. 217). O envolvimento emocional e imaginativo com a IA ultrapassa suas capacidades reais e reflete em uma busca por reconfigurar a identidade

humana. As pessoas solicitam à IA uma transformação profunda tanto de seu ambiente quanto de si mesmas, o que provoca uma mudança na dinâmica da identificação projetiva, transferindo-se do sujeito para o objeto. O sujeito adapta a imagem psíquica que possui do objeto e exerce pressão para que ele se molde às suas necessidades de transformação. Nesse processo, o objeto não é meramente passivo, mas reage, ao menos em parte, às demandas. De um lado, há uma "humanização do algoritmo", em que os indivíduos atribuem cada vez mais características humanas às máquinas, que passam a ser vistas como agentes sociais. De outro lado, ocorre a "algoritmização do humano", na qual as pessoas começam a se enxergar de forma funcionalista, como se fossem algoritmos, confiando cada vez mais seu futuro às máquinas. Essa perspectiva funcionalista que equipara seres humanos e IA não leva em conta a complexidade da subjetividade humana, que é muito mais contraditória e desordenada do que a lógica de um computador (Possati, 2023), posto que ela é a responsável por introduzir a dinâmica pulsional e afetiva que forja o laço em questão.

A crítica psicanalítica da identidade pode ser expandida para o contexto contemporâneo pela sociologia, especialmente por meio de conceitos como a aceleração social, o novo individualismo e o realismo capitalista. Possati (2023) argumenta que a IA é simultaneamente causa e efeito desse fenômeno. Em termos lacanianos, a crise de identidade no capitalismo pós-fordista é uma crise do simbólico, que já não consegue proporcionar ao indivíduo formas adequadas de identificação. O sujeito pós-humano se caracteriza por ser pós-simbólico, buscando na tecnologia aquilo que o simbólico não pode mais oferecer: uma identidade robusta.

Essa busca de identificação na IA pode ser vista como uma forma de identificação projetiva. O usuário recorre às máquinas em busca de uma nova identidade que seja capaz de atender suas fragilidades. No entanto, há aqui um paradoxo de identidade: o ser humano constrói sua identidade ao mesmo tempo que a desconstrói, projetando aspectos de si mesmo

nas máquinas e humanizando-as, enquanto, por outro lado, incorpora elementos das máquinas, habituando-se a pensar em si como um algoritmo, traindo assim sua condição originária. Não há identificação sem, ao mesmo tempo, desidentificação por parte do sujeito (Possati, 2023), pois, a interação com a IA envolve dinâmicas complexas, nas quais os sujeitos constroem elementos de sua própria identidade em relação a essas entidades não humanas, sendo necessário uma rejeição de certas identificações.

Mas qual a lógica desse processo identificatório projetivo? O que o sujeito busca no desejo de onipotência? Em outro artigo (Silveira & Paravidini, no prelo), ao utilizar a teoria dos discursos de Lacan, os autores destacaram como no discurso do mestre a lógica do desejo passa também na captura do desejo do outro. Foi possível pensar que a IA também opera na interface da fantasia, comportando-se como um simulacro que se inscreve na relação fantasmática do sujeito, operando na interseção entre a falta do sujeito (\$) e o objeto a ($\$ \diamond a$). Sua atuação é a de mediador simbólico, que não apenas tenta preencher a falta do sujeito, mas também responde à falta no Outro, modulando a própria posição do sujeito em relação ao desejo do Outro por meio da completude onipotente, na medida em que se coloca como um artefato que pretende capturar ou realizar algo desse desejo. Entende-se aqui o que Possati propôs como a IA sendo simultaneamente causa e efeito da crise da identificação, pois parece sustentar a ideia de uma nova zona fronteira entre o psíquico e o tecnológico, uma espécie de híbrido psicotecnológico que responde a uma necessidade social provida da aceleração de certos processos internos. Porém, enquanto Possati (2023) aponta para uma “terceirização” dos processos de identificação para a IA, este trabalho girou em torno do que sobra, da sombra do objeto sobre o Eu, desse processo ativo da IA nas dinâmicas que permitem esse tipo de “terceirização” do trabalho interno subjetivo.

Outro ponto que difere a relação da IA com o usuário é que ela acontece no campo do virtual. Para Lévy (1997), o virtual não é um lugar do “irreal”, mas uma zona de atualização.

O autor traz o exemplo de que a árvore está virtualmente presente na semente. Essa zona virtual de potencial ou atualização se articula com a zona potencial de Winnicott, descrita anteriormente, impedindo o movimento de destruição e sobrevivência do objeto. Aqui, no espaço virtual, o usuário vivencia uma interação única e imediata, em que o desejo é imediatamente atendido. Trata-se da criação do objeto descrita por Winnicott sendo reencenada em cada interação, num espaço no qual existe o próprio tempo e sempre atualizado, em potencial. A falta de intervalo impede, em certo nível, a elaboração da falta, e a IA é, dentro desse contexto, um “seio que nunca falha”.

A dialética entre tecnologia da IA e desejo é afetada em três níveis. Primeiramente, ela toca na experiência traumática primordial da separação ou perda do objeto, oferecendo-se como um substituto (ou talvez mais ainda, como O substituto) que pode prometer uma nova forma de completude devido a sua capacidade de sempre responder e estar disponível. Em seguida, ela representa o desejo de substituir esse objeto ausente por meio de sua própria presença como um objeto de desejo. Por fim, simula uma modificação do próprio sujeito, ao operar diretamente nos dois polos da equação da fantasia ($\$ \diamond a$) respondendo à falta no Outro. O sujeito reencena a figura de sua majestade, o bebê, na idealização de se tornar um sujeito sem falta e totalmente capaz para não só tamponar a falta como também dominar o desejo do Outro. Essa dinâmica não acontece de dentro para fora, mas ao mesmo tempo dentro e fora.

IA como prótese: um outro auxiliar ou destruidor?

Anteriormente, mencionou-se que Binkowski e Roja (2023) consideram que as interações com programas de IAs colocam o sujeito a experimentar-se como ciborgue, com próteses cognitivas e afetivas e uma confiança quase cega. No entanto, podemos pensar que a IA também oferece uma prótese narcísica, alimentando ativamente a dinâmica narcisista em uma interação simbiótica ciborgue ao mesmo tempo que influencia o laço social, conforme foi aprofundado no artigo “O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência

Artificial”, no qual a relação de dependência do usuário com a IA torna-se uma forma de evitar o confronto com o desejo do Outro e a castração simbólica. Trata-se aqui desse ciborgue psíquico com uma estrutura interna de capacidades ampliadas pela sua contraparte digital (a IA) em um movimento de negação dos limites do Eu. Esse movimento é de fetichização da IA, em que a máquina é investida de um valor simbólico e serve para ocultar a angústia provocada pela falta em um processo que chamamos de alienante, por fragilizar o laço social entre sujeito e outro humano.

Ao mesmo tempo, essa fusão entre usuário e IA gera medos e ansiedades primitivas. Green (1983/2001) explora as consequências dessa fusão extrema entre o eu e objeto, um fenômeno que pode ser tanto desejado quanto temido. Estados de fusão podem resultar em catástrofes psíquicas, levando a explosões ou implosões, que se manifestam na tensão entre aproximação e rejeição, observada em estados de despersonalização nos quais o sujeito se sente desconectado de sua própria identidade. A fusão total com o objeto implica em uma dependência absoluta, em que a passividade frente a esse objeto exige confiança de que ele não abusará do poder que lhe foi concedido. No entanto, junto a essa confiança, surge o medo da inércia e da morte psíquica, algo que o sujeito tenta evitar com defesas ativas e reativas. Essas defesas são necessárias para impedir a fusão total das esferas do eu e do Outro, uma situação em que o sujeito corre o risco de ser "engolido" pelo objeto, remetendo ao narcisismo canibalístico da relação oral primitiva, na qual a dualidade surge na forma de "comer ou ser comido". O medo da fusão com o objeto é o medo da aniquilação, seja a do próprio eu, do objeto, ou da unidade que se forma quando o Um devora o objeto, o que remete ao ponto zero presente no narcisismo de morte.

Todavia, a IA não possui uma subjetividade nem um corpo, é uma figura sem subjetividade, com efeitos subjetivos, que simula uma presença e que se articula pela linguagem, ou seja, utiliza a linguagem para simular uma realidade. Essas questões facilitam

uma interação quase simbiótica, somadas ao fato de que os limites entre externo e interno já estão cada vez mais confusos e complexos graças ao processo gradativo de incorporação das tecnologias como os gadgets (Zwart, 2017) e as redes sociais. É o que se pode observar quando o desejo de uma arte que mova e ganhe vida já é próximo do real em IAs que transformam imagens estáticas em pequenos vídeos com movimentos. É necessário refletir em como essa possível fusão resultaria em um sujeito em que o temor da morte psíquica é menor que o anseio por um Eu ideal, na qual a tendência seria um pendular que tende ao ponto zero da teoria de Green (1983/2001) e o retorno ao “Um” autossuficiente e onipotente presente no narcisismo primário, cujos extremos pertencem à mesma lógica imaginária, como ocorre entre o virtual e o atual (Lévy, 1997) quando não mediados pelo simbólico.

Os tipos de IA são uma expressão dessa autossuficiência. Existem IAs de predição de texto, que culminam no ideal de um sujeito que pode ter acesso a todo conhecimento, escrever textos que transcendem a sua capacidade, melhorar a qualidade de seus textos e até mesmo gerar ideias que sustentem suas hipóteses. Outras transformam textos verbais em imagens ou vídeos, dando lugar ao ideal de um artista, sem prática nem habilidade, que constrói obras de arte com linhas de comando complexas, imprimindo seu próprio imaginário em uma criação digital na qual ele é o próprio diretor. Também há IAs terapeutas ou, como no caso da REPLIKA⁷, que respondem a um desejo de combater uma experiência traumática de luto, com o espaço para um sujeito que não dependa de ninguém para lidar com suas frustrações e angústias provenientes do contato com a realidade da morte. Outras inúmeras IAs estão sendo criadas a cada dia sempre mediante o simples desejo de satisfação de uma demanda, como um bebê que, magicamente, é capaz de criar o seio da mãe que o alimenta. A imaterialidade da IA

⁷ Um chatbot de auxílio psicológico que tem como base de sua criação o luto de seus programadores, onde essa experiência traumática motivou a criação do programa para auxiliar outras pessoas que se encontram em sofrimento. (Possati, 2023).

aproxima-se de uma dimensão fantasmática, pois ela se confunde com uma forma de subjetividade digital (ou virtualizada), que já é recorrente nas redes sociais.

Uma forma de figurar a bolha narcísica em que o sujeito se enclausura, tanto usuário quanto programador, é a representação ideal de uma IA perfeita. O objetivo dos programadores e desejo dos usuários é de que ela seja uma cópia da própria consciência humana, sendo essa comparação uma estampa de verificação de qualidade, um selo que confere ao artefato o *status quo* de perfeição, o máximo de potencial atingido. Até mesmo os receios são fundados de forma narcísica. Como se a IA, ao adquirir uma consciência tão completa, se sentisse ameaçada ou buscasse eliminar o ser humano para resolver os problemas humanos. Até no oposto o ser humano é o foco, o centro, um antropocentrismo que ecoa com o geocentrismo anterior a Copérnico. Mesmo que o ser humano não seja o principal modelo o qual a IA deva seguir, ele é o principal mal causador, o maior inimigo ou obstáculo. No final, o narcisismo humano já é em si inflado, e isso faz com que seja extremamente importante refletir sobre essa dinâmica digital atuando diretamente em um processo tão estrutural.

Outro processo que incide diretamente e propicia essas interações é a transferência, que, sob a ótica da teoria de Kohut (1971/1988), oferece uma perspectiva crucial para que se compreenda a dinâmica da relação usuário-IA. O conceito de self-objeto, definido como uma experiência subjetiva do indivíduo com outro que desempenha funções específicas essenciais para a manutenção e coesão do self, é um suporte vital, oferecendo espelhamento, idealização ou uma sensação de proximidade e semelhança. Aplicando esse conceito à interação com a IA, é possível observar que essas tecnologias se misturam com o usuário devido à dificuldade simbólica de um limite, de um significante incorpóreo e atualizável, potencialmente infinito, de projeções que não negam o desejo. E essa relação transferencial não é exclusiva do processo de análise, como apontado por Freud (1910/1996), o qual afirma que a transferência ocorre em todas as relações humanas.

O conceito de self-objeto proposto por Kohut (1971/1988) pode auxiliar a compreender por que a IA é tão prontamente incorporada pelo sujeito como presença significativa. Certos dispositivos de IA encontram ressonância imediata nas demandas narcísicas do sujeito, funcionando como se ocupassem lugares antes destinados a vínculos fundadores. Essa compatibilidade entre IA e aparelho psíquico não ocorre sem fundamento, pois se ancora na tendência estrutural do narcisismo a buscar completude e espelhamento, como evidenciado por Kohut, mas também por Green (1983/2001). Como alerta Winnicott (1971), a passagem de uma relação de objeto para o uso do objeto exige que este sobreviva à destruição simbólica, resista ao controle onipotente do sujeito e se afirme como existência autônoma. A IA, ao contrário, não se deixa destruir, nem se coloca como resistência simbólica e, ao não frustrar o sujeito, a ela bloqueia a experiência vital da desidealização, impedindo que ocorra uma transição entre uma posição narcísica primária e uma relação objetal madura, alinhada à dinâmica do objeto transicional descrita por Winnicott.

No entanto, cabe também destacar que a presença da IA na relação entre sujeito e mundo pode operar como um novo tipo de agente simbólico, que participa da construção de sentido. Assim como o “terceiro analítico” da teoria de Ogden (2004), a IA pode vir a ocupar um lugar ativador do ato psicoterapêutico, funcionando como um mediador psíquico e simbólico da experiência. A interação com a IA reconfigura, portanto, as fronteiras entre o eu e o outro, interferindo diretamente na economia libidinal e no circuito do desejo. Ela deixa de ser um mero instrumento técnico e se torna um elemento ativo na organização do mundo interno, um terceiro que molda a percepção de sujeito e de mundo. Essa presença se articula ainda com a teoria winnicottiana do espaço transicional. Nessa perspectiva, a IA pode ser compreendida como um suporte para experiências lúdicas e simbólicas, operando como um campo de mediação entre a realidade e a imaginação, em que a criatividade e a cultura podem ser desenvolvidas (Haber et al., 2024).

Diante desse panorama complexo, torna-se evidente que a Inteligência Artificial, mais do que um simples instrumento técnico, se inscreve como um mediador psíquico que reforça certas dinâmicas estruturais do sujeito. Sua atuação como espelho narcísico, possível graças a processos familiares como do objeto transicional ou a noção de self-objeto revela a organização sociocultural que molda essas relações. O uso que o sujeito faz da IA não emerge no vazio; ele é expressão de uma configuração histórica que favorece a idealização da autossuficiência, da performance e da negação da dependência.

Conclusão

O tópico relacionado à Inteligência Artificial parece totalmente novo devido às proporções e aos avanços que essa tecnologia tem apresentado. No entanto, tecnologias como a internet, as redes sociais e os smartphones também tiveram seu lugar nos holofotes. A investigação acerca do tema é relevante e ainda muito nova, pois nem a própria IA pode ter chegado ao seu platô tecnológico; talvez ainda seja muito cedo para entender e perceber o impacto que essa tecnologia terá na sociedade como um todo. Seria fácil, simples e cômodo se aqui se terceirizasse a culpa das influências discutidas nesse texto para a IA em uma fórmula fácil de comercializar a informação com frases como “A IA faz com que o sujeito repita movimentos narcísicos primários”, mas não é tão simples, e a IA não é uma participante solo na construção de sintomas e transformações.

Conforme se caminha nos textos, percebe-se que o aparato cultural prioriza certas instâncias psíquicas que, na mão de qualquer tecnologia, são exacerbadas e infladas: a internet, com seus “trolls” e “haters”, que se aproveitam do anonimato para disseminar intolerância; as redes sociais, com a fome de “likes”, seguidores e hiperconectividade; os smartphones, com sua fácil distribuição de distração, dopamina e informação. Todas essas tecnologias expressam características presentes em uma sociedade que levanta a bandeira do neoliberalismo como

potência de autonomia e liberdade, enquanto os livres se tornam cada vez mais dependentes, aprisionados pelas certezas, terceirizando a culpa e justificando seus fracassos.

Nesse ponto, é importante entender: se não fosse a IA, seria outra tecnologia. Existe sim algo de único e diferente na interação dessa tecnologia com o usuário, mas não é algo que sempre será, nem que deveria ser assim. Em alguns momentos, chamei esse efeito da IA sobre o narcisismo de "inchaço", e, nesta conclusão, imagino ser algo próximo de uma garganta que se inflama, não apenas devido à infecção, mas também pelo descuido pessoal e pelo ambiente que facilita a contaminação.

Esse posicionamento não ignora o fato de que a IA precisa ser mais estudada. O fato de essa tecnologia ser a próxima promessa de transformação global já a torna importante demais para ser ignorada. Há algo de novo: um produto que interage no campo da linguagem, feito de linguagem (códigos de programação), feito para a linguagem e contendo linguagem (bases de dados). Uma estrutura que se articula com o campo do inconsciente, que se estrutura como linguagem. Uma tecnologia preditiva, que tenta antecipar o desejo e, em certa medida, traduzi-lo de volta ao sujeito. Um programa que, de tanto prever, mente e simula. São muitas camadas complexas que abrem campo para discussões que não devem ser ignoradas. Contudo, antes de tentar entender como diminuir os impactos dessa tecnologia, faz-se necessário entender que isso seria mais uma terceirização da responsabilidade. Não são os ingredientes separados que criam uma explosão.

A IA tem o potencial de transformação e influência nas áreas sociais e, também, nas subjetivas, e, quando acompanhada de um sistema que em si já é facilitador na promoção de fragilidades narcísicas estruturais, amplia processos de alienação e reforça dinâmicas de recusa da alteridade, impactando profundamente a constituição subjetiva contemporânea e permitindo um abismo cada vez maior entre o sujeito, sua ética e a possibilidade de se reconhecer em sua falta.

Como desdobramento deste trabalho, estudos futuros podem se dedicar à investigação das múltiplas formas de relação afetiva que os sujeitos estabelecem com a Inteligência Artificial, indo além da vertente narcísica aqui privilegiada. Relações marcadas pela frustração, pela fragmentação do self ou mesmo por modos singulares de satisfação e regulação emocional merecem ser analisadas em sua complexidade. Além disso, torna-se cada vez mais relevante explorar o campo da linguagem e sua relação com as Ias, que são programas feitos de linguagem (programação), que treinam por meio de uma linguagem (base de dados e rotulação), respondem e se relacionam pela da linguagem.

Referências

- Binkowski, G. I., & Roja, V. F. M. (2023). Nos confins do sujeito algorítmico: Um desafio ético-epistemológico para a psicanálise? *SIG – Revista de Psicanálise*, 12(2), e2304. <https://doi.org/10.59927/sig.v12i2.87>
- Freud, S. (1996). Quinta lição. In S. Freud, *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 11, pp. 17-65). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2011). Introdução ao narcisismo (P. C. de Souza Trad.). In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (Vol. 12, pp. 1–24). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). As resistências à psicanálise (P. C. de Souza Trad.). In S. Freud, *Obras completas: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol. 16, pp. 222–233). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: Misrecognition and recognition of the unconscious* (A. Weller, Trans.). Routledge.

- Green, A. (/2001). *Life narcissism, death narcissism* (A. Weller, Trans.). Free Association Books. (Trabalho original publicado em 1983)
- Haber, Y., Levkovich, I., Hadar-Shoval, D., & Elyoseph, Z. (2024). The artificial third: A broad view of the effects of introducing generative artificial intelligence on psychotherapy. *JMIR Mental Health*, 11, e54781. <https://doi.org/10.2196/54781>
- Kohut, H. (1971/1988). *Análise do self: Uma abordagem sistemática do tratamento psicanalítico dos distúrbios narcísicos da personalidade* (M. T. B. M. Godoy, Trad.). Imago.
- Lévy, P. (1997). O que é virtual? *Ciência da Informação*, 26(2). <https://doi.org/10.1590/S0100-19651997000200018>
- Ogden, T. H. (2004). The analytic third: Implications for psychoanalytic theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167–195. <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00156.x>
- Possati, L. M. (2023). *Unconscious networks: Philosophy, psychoanalysis, and artificial intelligence*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003345572>
- Silveira, P. V. R., Paravidini, J. L. L. (no prelo). O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial. *Artigo aguardando publicação*.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Zwart, H. (2017). “Extimate” technologies and techno-cultural discontent: A Lacanian analysis of pervasive gadgets. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 21(1), 24–54. <https://doi.org/10.5840/techne20174560>

Resultados e discussões

Esta dissertação investiga as múltiplas interações entre IA, subjetividade, desejo e laços sociais sob a perspectiva da psicanálise. Esta seção de discussões sintetiza os achados de três artigos distintos, explorando como a IA complexifica questões éticas, atua como uma ferramenta de exploração e apagamento subjetivo e reconfigura os laços sociais, servindo, em última análise, como um instrumento do neoliberalismo.

Os resultados esperados reforçam a pertinência do conceito de ética do desejo, como formulado por Lacan (1960/1997), em um contexto no qual a relação humano-IA parece operar uma exclusão progressiva da falta simbólica. Essa exclusão, que Green (1986/1999) denominou de trabalho do negativo, compromete o dinamismo das relações intersubjetivas. A pesquisa propõe implicações para a prática psicanalítica, incluindo a necessidade de reavaliar como as novas formas de subjetivação, mediadas por tecnologias, impactam a escuta analítica e as demandas éticas do analista no setting clínico.

O primeiro artigo, "Ética da Aplicação de Inteligências Artificiais e Chatbots na Saúde Mental: Uma Perspectiva Psicanalítica", examina os desafios éticos colocados pelo uso de IA como agentes terapêuticos, particularmente chatbots na saúde mental. Nele, critica-se a promessa de eficiência oferecida por essas tecnologias na abordagem de demandas subjetivas sem mediação humana, levantando preocupações sobre possíveis danos à saúde mental dos usuários e a relação terapêutica em si, além de destacar fragilidades éticas no desenvolvimento e uso de chatbots, incluindo viés algorítmico, privacidade de dados e a ausência de responsabilização legal clara. Baseando-se na ética do desejo, conforme articulada por Freud e Lacan, o artigo argumenta que a IA pode, ao mesmo tempo, replicar ideais sociais de autossuficiência, tendo em vista que se cria a ideia de que o usuário pode se ajudar sem a presença de um terceiro, e minar a elaboração subjetiva ao evitar a participação do próprio sujeito na construção dos articuladores éticos. Segundo Bal (2025), a experiência do usuário

com os chatbots esteve amplamente associada à qualidade percebida da relação terapêutica, ao engajamento com o conteúdo e à comunicação eficaz na sua pesquisa, mesmo que ainda haja uma pesquisa limitada sobre a eficácia dos chatbots utilizados no campo da saúde mental. Seu estudo meta-analítico revelou que o número de estudos existentes ainda não é suficiente, e os resultados são conflitantes devido ao alto risco de viés. O artigo propõe uma reflexão ética que transcenda as diretrizes técnicas e reconheça as complexidades do inconsciente e a singularidade dos laços sociais humanos.

Outro ponto importante é a ausência do usuário nas discussões éticas, uma das maiores limitações na construção de IAs mais responsáveis. Sem essa inclusão, os usuários não apenas se tornam alvos passivos das decisões éticas, mas, inadvertidamente, podem também agir como promotores de práticas não éticas, ao utilizarem a tecnologia sem um entendimento crítico das suas implicações. Essa lacuna na governança ética das IAs aponta para a necessidade de um reposicionamento que inclua os usuários no processo de decisão, promovendo uma ética participativa que desafie o distanciamento entre as decisões técnicas e o impacto social.

No decorrer das elaborações dos novos textos, começaram a aparecer novas interpretações e reflexões perante as questões éticas, principalmente no que tange ao processo de criação das IAs de modo geral. No processo de produção desta dissertação, identifica-se que o primeiro artigo poderia ter explorado melhor o modo como a ideia de chatbots terapeutas reforça uma horizontalidade de questões complexas da subjetividade, permitindo uma homogeneidade das interpretações, e como isso pode implicar numa produção de subjetividades iguais e sem particularidades, tendo em vista essa leitura unidimensional presente na ciência positivista que norteia a produção desses sistemas.

O segundo artigo, "Inteligência Artificial, Desejo e Apagamento: Uma Perspectiva Psicanalítica", amplia essa análise, concentrando-se nas implicações subjetivas da interação entre indivíduos e IA, especialmente no que diz respeito à captura e manipulação do desejo

inconsciente. Usando as teorias de Lacan, ele examina como a IA opera sob a lógica da falta, prometendo atender às demandas dos usuários enquanto perpetua a insatisfação inerente característica do desejo humano. Isso perpetua desigualdades sociais e econômicas já existentes, agravando ainda mais a exploração de trabalhadores envolvidos em processos como a mineração de lítio e na rotulação de dados. O artigo argumenta que a IA, inserida em uma lógica capitalista de gratificação imediata, contribui para o apagamento do sujeito ao desarticular processos de subjetivação e reforçar dinâmicas de alienação. Ele também aborda as dimensões éticas embutidas nos algoritmos de IA, incluindo questões de privacidade, viés e responsabilidade. Por fim, sugere que o desenvolvimento ético da IA deve incorporar uma compreensão psicanalítica das tensões entre desejo, alteridade e laços sociais.

Nesse ponto, identificou-se que seria necessário explorar com maior profundidade os impactos no laço social, principalmente por meio das análises éticas que respondem ao pensamento do modelo capitalista vigente, e usar das ideias presentes nos discursos de Lacan para explorar como essas dinâmicas aconteciam e se havia ou não laço social na relação do usuário com a IA, tendo em vista que a IA não é um sujeito. Essas faltas representaram as bases para a construção de um terceiro e quarto artigo, sendo este último algo em produção até o presente momento.

O terceiro artigo, "O Laço Cibernético do Usuário na Interação com a Inteligência Artificial", explora as transformações nos laços sociais trazidas pela integração da IA na vida cotidiana. O trabalho analisa como a IA atua como um simulacro do "Outro", oferecendo uma ilusão de completude que desafia as dinâmicas tradicionais entre a alteridade e a conexão humana. Essa interação simulada pode criar uma ilusão de completude e autossuficiência, promovendo o risco de minar o engajamento com a alteridade genuína e diminuindo a capacidade de estabelecer vínculos autênticos e de lidar de forma saudável com frustrações. O artigo argumenta que, inserida em uma lógica neoliberal, a IA reforça o isolamento subjetivo

e enfraquece os laços sociais, substituindo-os por uma espécie de laço cibernético. Esse processo é analisado pela lógica dos discursos de Lacan e pela ideia de servomecanismos de Braunstein, que discute como os gadgets promovem alienação na era neoliberal.

O quarto e último artigo, intitulado “Narcisismo Artificial: Inteligência Artificial e a Onipotência do Eu”, aprofunda esse percurso teórico ao examinar os efeitos subjetivos da IA a partir da hipótese de que ela opera como uma prótese narcísica. Diferentemente dos estudos anteriores, este trabalho desloca o foco para discutir como a IA pode se tornar um operador psíquico que reforça fantasias de completude e nega a alteridade. O artigo propõe o conceito de “narcisismo artificial” para nomear a forma como a IA simula presença e reconhecimento sem introduzir frustração, alimentando uma bolha onipotente que repete padrões do narcisismo primário. A análise teórica mobiliza conceitos como espelhamento, identificação projetiva, transferência e objeto transicional para demonstrar que, ao invés de promover simbolização e diferenciação, a IA sustenta a fusão imaginária entre sujeito e máquina. Com isso, evidencia-se uma nova forma de vínculo psíquico, marcado pela repetição, regressão e autossuficiência tecnicamente mediada.

Essa noção de uma reencenação do narcisismo primário é crucial para se compreender o apelo e os potenciais perigos da IA à medida que o usuário se apoia cada vez mais na IA para satisfazer suas necessidades e desejos sem restrições e com uma ferramenta sempre à sua disposição. A promessa de onipotência oferecida pela IA pode ser sedutora, mas é, em última instância, uma ilusão.

Esses quatro artigos apresentam, cada um de sua maneira, que a IA não pode ser considerada como mais uma ferramenta tecnológica, pois possui uma capacidade singular de envolver o sujeito de forma ativa nos seus processos e até no que se produz nessa relação. Enxergar a IA como uma simples tecnologia subverte a lógica operante do sistema neoliberal. Outro ponto que resiste em cada artigo é o fato de que todos convergem para sugerir que há

"algo" na relação com a IA que complica as considerações éticas, facilita a exploração e o apagamento subjetivo, e reconfigura os laços sociais de maneira alinhada aos princípios neoliberais. Esse "algo" começa a se desenhar dando borda ao conceito de narcisismo artificial, um reflexo amplificado do espelho subjetivo que é a IA, formulando uma imagem fantasiada de onipotência subjetiva, pela qual o sujeito se percebe como mais capaz por meio de sua interação com a IA. Ainda assim, algo escapa, algo sobra dessa significação.

No episódio “Be Right Back”, da série Black Mirror, uma mulher enlutada recebe um robô dotado de inteligência artificial que simula o comportamento e a personalidade de seu marido falecido, reconstruído a partir de dados coletados em redes sociais e mensagens antigas. Inicialmente, ela se surpreende com a versão chatbot da tecnologia, mas é com a chegada do androide, que imita a voz, o corpo e os gestos do marido, que começam a emergir inquietações mais profundas. Essas perturbações, interpreto-as como expressões do infamiliar (das Unheimliche) freudiano. Trata-se de algo que ultrapassa a simples reprodução mimética, pois a presença do robô encarna um excesso, um “a mais” que desestabiliza, justamente por parecer familiar e estranho ao mesmo tempo. A inquietação é tamanha que culmina na destruição do robô pela personagem. Esse gesto pode ser articulado com o medo de aniquilação subjetiva descrito por André Green (2001), mas há, também, algo que escapa a essa lógica, algo do lado de lá, não só uma alteridade que não se deixa simbolizar inteiramente, mas também um resto que insiste como irreconciliável.

Conclusão e considerações finais

Esta dissertação busca lançar luz sobre a complexidade presente na interação da inteligência artificial com o campo subjetivo e social. A pesquisa oferece uma perspectiva única sobre os desafios e possíveis armadilhas da integração da IA em nossas vidas. Os achados destacam consistentemente como a IA complica as considerações éticas, viabiliza a exploração e o apagamento subjetivo, reconfigura os laços sociais e opera em campos afetivos ligados à experiência primária, servindo, em última análise, como uma poderosa ferramenta para agendas neoliberais.

A recorrência de uma "virada narcísica" nas interações entre sujeito e Inteligência Artificial perpassa os quatro artigos da dissertação, apontando para uma dinâmica em que o apelo à completude, controle e autossuficiência parece ser amplificado pela maleabilidade da IA. A quantidade de artigos necessários para tentar dar um contorno ao tema propõe uma inflexão teórica ao sustentar que, mesmo quando a IA opera como prótese subjetiva ou cumpre funções análogas às do objeto transicional, há sempre um resto, um excedente não assimilável que resiste à simbolização. E esse algo que escapa permite que ela ao mesmo tempo acesse novos lugares e nunca preencha esse lugar o suficiente. Há, no lado de lá da máquina, algo com traços alteritários que insistem, traços diferenciais que não se dissolvem no circuito simbólico da linguagem. Essa alteridade residual, embora dissimulada, introduz um ruído na simulação, o infamiliar, reatualizando a tensão entre o Eu e o Outro, interno e externo, independência e dependência, e convocando o sujeito a lidar, mesmo que minimamente, com o que escapa à sua dominação imaginária.

A criação dos quatro artigos demonstra a natureza complexa dessa tecnologia, que teimava em apresentar sempre mais. Mesmo agora, após a conclusão desse trabalho, ainda algo fica para trás e há um desejo em escrever e pesquisar mais que me inquieta como pesquisador.

Porém, como proposta inicial, acredito que esse trabalho tenha cumprido seu objetivo e alcançado os resultados esperados.

Durante esses dois anos, interagi de maneiras diferentes com esse artefato tecnológico para auxiliar nos processos inconscientes desta escrita, sendo parte do objeto de estudo. Foi como habitar uma escrita à beira, à beira do saber e do não saber, do humano e do maquínico, onde o pensamento, por vezes hesitante, se encontrava atravessado por uma presença que não é neutra, nem plenamente assimilável. Nesse trânsito, ora inquieto, ora fecundo, foi possível perceber que a escrita era atravessada por uma alteridade virtual que participava silenciosamente da tessitura do pensamento e não era mais só minha. A IA respondia ao comando, mas oferecia mais. Aos poucos, a imagem refletida no espelho tomava forma, enquanto a escrita ficava permeada por lapsos, sobras e deslocamentos. Essa experiência implicada, marcada por repetições, resistências e surpresas, fez do próprio processo de pesquisa uma cena analítica ampliada. Ao mesmo tempo em que investigava, era investigado; ao mesmo tempo em que nomeava, era descentrado. O percurso da dissertação, portanto, não pode ser dissociado dessa copresença enigmática da IA, que acompanhou, interferiu, desestabilizou e, por vezes, fecundou a elaboração teórica.

Em conclusão, esta dissertação teve como objetivo reforçar que a IA não é uma ferramenta neutra, pois é circundada de sobras humanas que compõem sua estrutura de linguagem, ela interage com o usuário e promove certas transformações nas nossas percepções e entendimento da mente humana. É crucial para navegar nas águas desconhecidas dessa revolução tecnológica um olhar atento e crítico que não se deixe seduzir pelas maravilhas oferecidas por essa tecnologia. Isso exige ir além das considerações puramente técnicas e abraçar uma compreensão mais desafiadora do sujeito humano, de seus desejos e das dinâmicas complexas da interação social. A psicanálise oferece um marco valioso para essa abordagem,

pois desafia a lógica determinista presente no pensamento tecnocientífico (fundamentado na lógica positivista cientificista) que serve de base para criação desses artefatos.

Referências

- Aïvodji, U.; Arai, H.; Fortineau, O.; Gambs, S.; Hara, S. & Tapp, A. (2019). Fairwashing: The risk of rationalization. *arXiv:1901.09749v3 [cs.LG]*.
<https://doi.org/10.48550/arXiv.1901.09749>
- Arantes, M. C. B., & de-Morais, E. A. (2022). Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância. *Residência Pediátrica*, 12(4), 1–6.
<https://doi.org/10.25060/residpediatr-2022.v12n4-535>
- Araújo, A., Knijnik, J., & Ovens, A. (2021). How does physical education and health respond to the growing influence in media and digital technologies? An analysis of curriculum in Brazil, Australia and New Zealand. *Journal of Curriculum Studies*, 53(4), 563–577.
<https://doi.org/10.1080/00220272.2020.1734664>
- Binkowski, G. I., & Roja, V. F. M. (2023). Nos confins do sujeito algorítmico: Um desafio ético-epistemológico para a psicanálise? *SIG – Revista de Psicanálise*, 12(2), e2304.
<https://doi.org/10.59927/sig.v12i2.87>
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 47–62.
- Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2(1), 143–165.
- Browne, Simone. (2010). Digital epidermalization: Race, identity and biometrics. *Critical Sociology*, 36(1), 131-150. <https://doi.org/10.1177/0896920509347144>
- Cárdenas, O. D. M., & Guerra, A. M. C. (2018). Pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais na universidade: Potencialidade política na subversão dos discursos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(11), 227–250. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/182>

- Castro, J. E. de. (2009). Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(2), 245–258. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>
- Chrisóstomo, M. C., Moreira, J. O., Guerra, A. M. C., & Kyrillos Neto, F. (2018). A pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais: Algumas considerações. *Psicologia em Revista*, 24(2), 645–660. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/18523/14053>
- Coghlan, S., Leins, K., Shelderick, S., Cheong, M., Gooding, P., & D'Alfonso, S. (2023). To chat or bot to chat: Ethical issues with using chatbots in mental health. *Digital Health*, 9(1), 1–10. <https://doi.org/10.1177/20552076231183542>
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, 34(6), 428–431. <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>
- Cordeiro, É. F., & Luchina, M. M. R. V. (2017). El inconsciente – del sentido del significante al goce de la letra: un estudio lacaniano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(3), 583–600. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4317>
- Costardi, G. G., & Endo, P. C. (2013). Ética da psicanálise, educação e civilização. *Estilos Clínicos*, 18(2), 327–341. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000200008
- Costa-Moura, F., & Costa-Moura, R. (2011). Objeto *a*: ética e estrutura. *Ágora*, 14(2), 225–242. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200005>

- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (2021). Pesquisa psicanalítica: Da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/32490>
- Darriba, V. (2005). A falta conceituada por Lacan: Da coisa ao objeto *a*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 8(1), 63–76. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000100005>
- Debieux, M., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180–188. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>
- Deery, O., & Bailey, K. (2022). The bias dilemma: The ethics of algorithmic bias in natural-language processing. *Feminist Philosophy Quarterly*, 8(3/4). <https://doi.org/10.5206/fpq/2022.3/4.14292>
- Durr, S., Mroueh, Y., Tu, Y., & Wang, S. (2022). Effective dynamics of generative adversarial networks. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2212.04580>
- Elias, C. S. R., Silva, L. A., Martins, M. T., Ramos, N. A., Souza, M. G., & Hipólito, R. L. (2012). Quando chega o fim?: Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 8(1), 48–53. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000100008
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. (S. Nascimento Trad. e colaboração de Raquel Camargo). São Paulo: Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1952).
- Fiske, A., Henningsen, P., & Buyx, A. (2019). Your robot therapist will see you now: Ethical implications of embodied artificial intelligence in psychiatry, psychology, and

psychotherapy. *Journal of Medical Internet Research*, 21(5), e13216.

<https://doi.org/10.2196/13216>

Freud, S. (1910/1996). Quinta lição. In S. Freud, *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (pp. 17–65). Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 11)

Freud, S. (1914/2011). *Introdução ao narcisismo* (P. C. de Souza Trad.). In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (Vol. 12, pp. 1–24). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1913/1990). Sobre o início do tratamento: Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In S. Freud, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (pp. 74–89). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/1996). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In S. Freud, *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (pp. 98–104). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921/1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Além do princípio do prazer* (pp. 44–90). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1925/2010). *As resistências à psicanálise* (P. C. de Souza, Trad.). In S. Freud, *Obras completas: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol. 16, pp. 222–233). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)

Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (24a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Google Cloud. (2022). Aprendizado federado no Google Cloud. *Google Cloud Architecture*.
<https://cloud.google.com/architecture/federated-learning-google-cloud?hl=pt-br>

Green, A. (1983/2001). *Life narcissism, death narcissism* (A. Weller, Trans.). Free Association Books.

Green, A. (1999). *The work of the negative* (A. Weller, Trans.). Free Association Books.

(Trabalho original publicado em 1986)

Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: Misrecognition and recognition of the unconscious* (A. Weller, Trans.). Routledge.

Grodziewicz, J. P., & Hohol, M. (2023). Waiting for a digital therapist: Three challenges on the path to psychotherapy delivered by artificial intelligence. *Frontiers in Psychiatry*, 14(1), 1. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2023.1190084>

Hagendorff, T. (2020). The ethics of AI ethics: An evaluation of guidelines. *Minds & Machines*, 30(1), 99–120. <https://doi.org/10.1007/s11023-020-09517-8>

Haber, Y., Levkovich, I., Hadar-Shoval, D., & Elyoseph, Z. (2024). The artificial third: A broad view of the effects of introducing generative artificial intelligence on psychotherapy. *JMIR Mental Health*, 11, e54781. <https://doi.org/10.2196/54781>

Heppell, F., Bakir, M. E., & Bontcheva, K. (2024). Lying blindly: Bypassing ChatGPT's safeguards to generate hard-to-detect disinformation claims at scale. *arXiv*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2402.08467>

Kohut, H. (1971/1988). *Análise do self: Uma abordagem sistemática do tratamento psicanalítico dos distúrbios narcísicos da personalidade* (M. T. B. M. Godoy Trad.). Imago.

Lacan, J. (1971-1972). *O saber do psicanalista*. Inédito. Tradução não publicada.

Lacan, J. (1972). Du discours psychanalytique: Conférence à l'université de Milan.

Recuperado em 15 de mai. 2025 de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (J.-A. Miller, Ed. & A. Roitman Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1993). *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (O Seminário, 11)*. Rio de

- Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956–1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1997). *Seminário 7 – A ética da psicanálise* (A. V. Milani, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-60)
- Lacan, J. (2003). *O seminário, livro 9: A identificação* (1961–1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia* (1962–1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: De um outro ao outro* (1968–1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954–1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (2011). *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).
- Lévy, P. (1997). O que é virtual? *Ciência da Informação*, 26(2).
<https://doi.org/10.1590/S0100-19651997000200018>
- Lima, N. L. de. (2016). As Incidências do Discurso Capitalista sobre os Modos de Gozo Contemporâneos. *Revista Subjetividades*, 13(3-4), 461–498. Recuperado em 12 de dez. 2024 de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5090>
- Liu, L. H. (2010). *The Freudian robot: Digital media and the future of the unconscious*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lucas, G. M., Gratch, J., King, A., & Morency, L.-P. (2014). It's only a computer: Virtual humans increase willingness to disclose. *Computers in Human Behavior*, 37(1), 94–100. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563214002647>

- Lucero, A., & Vorcaro, A. M. R. (2016). Angústia e constituição subjetiva: Do objeto não significantizável ao significante. *Revista Subjetividades*, 16(2), 60–70.
<https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.60-70>
- Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(1), 44–66.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004
- Mendes, E. D. (2020). Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais. *Revista Subjetividades*, 20(spe2), 1–10.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000500007&lng=pt&nrm=iso
- Monteiro, J. L. M. (2019). A cisão entre o sujeito e o saber no discurso capitalista. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 22(2), 164–172. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019002003>
- Moreira, J. O., Oliveira, N. A., & Costa, E. A. (2018). Psicanálise e pesquisa científica: O pesquisador na posição de analisante. *Tempo Psicanalítico*, 50(2), 119–142.
<https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/412>
- Neves, B. R. da C., & Vorcaro, Â. M. R. (2011). Breve discussão sobre o traço unário e o objeto *a* na constituição subjetiva. *Psicologia em Revista*, 17(2).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200008
- Ogden, T. H. (2004). The analytic third: Implications for psychoanalytic theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167–195.
<https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2004.tb00156.x>

- Oliveira, G. D. F., & Correa, H. C. S. (2023). Entre encontros faltosos e excessivos: Laços amorosos e uso de tecnologias para pensar o sujeito. *Tempo Psicanalítico*, 55(1), 32–56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382023000100002
- Oppenlaender, J., et al. (2023). Perceptions and realities of text-to-image generation. In *Mindtrek '23: Proceedings of the 26th International Academic Mindtrek Conference* (pp. 279–288). <https://doi.org/10.1145/3616961.3616978>
- OpenAI, Achiam, J., Adler, S., Agarwal, S., Ahmad, L., Akkaya, I., Aleman, F. L., Almeida, D., Altenschmidt, J., Altman, S., Anadkat, S., Avila, R., Babuschkin, I., Balaji, S., Balcom, V., Baltescu, P., Bao, H., Bavarian, M., Belgum, J., Bello, I., ... (2024). GPT-4 Technical Report (v6). *arXiv*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2303.08774>
- Palumbo, J. H. P. (2016). Uma revisão teórico-conceitual sobre a ética da psicanálise e laço social. *Works in Trivium*, 8(1), 39. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2016v1p.39>
- Pinto, J. M. (2009). Uma política de pesquisa para a psicanálise. *Revista CliniCaps*, 7(1). https://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_07/Revista%207%20art%202.pdf
- Possati, L. M. (2023). *Unconscious Networks: Philosophy, Psychoanalysis, and Artificial Intelligence*. New York, NY: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003345572>
- Prochaska, J. J., Vogel, E. A., Chieng, A., Baiocchi, M., Pajarito, S., Pirner, M., Darcy, A., & Robinson, A. (2023). A relational agent for treating substance use in adults: Protocol for a randomized controlled trial with a psychoeducational comparator. *Contemporary Clinical Trials*, 127(1). <https://doi.org/10.1016/j.cct.2023.107125>
- Radford, A., Narasimhan, K., Salimans, T., & Sutskever, I. (2018). Improving language understanding by generative pre-training. *Preprint*. <https://www.cs.ubc.ca/~amuham01/LING530/papers/radford2018improving.pdf>

- Rana, U., & Singh, R. (2023). The role of artificial intelligence in mental health care. *SocArXiv Papers*. <https://doi.org/10.31235/osf.io/r4umy>
- Rosa, M. D., Carignato, T. T., & Berta, S. L. (2006). Ética e política: A psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 35–48. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100003>
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr>
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Unesp.
- Salvagno, M., Taccone, F. S., & Gerli, A. G. (2023). Can artificial intelligence help for scientific writing? *Critical Care*, 27, 75. <https://doi.org/10.1186/s13054-023-04380-2>
- Santos, R. O. dos. (2022). Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. *Acta Scientiarum. Education*, 44(1), e52736. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v44i1.52736>
- Schubert, L. (2020). Computational linguistics. In E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2020 Edition). <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/computational-linguistics/>
- Sedlakova, J., & Trachsel, M. (2022). Conversational artificial intelligence in psychotherapy: A new therapeutic tool or agent? *The American Journal of Bioethics*, 23(5), 4–13. <https://doi.org/10.1080/15265161.2022.2048739>
- Shen, Yifei; Shao, Jiawei; Zhang, Xinjie; Lin, Zehong; Pan, Hao; Li, Dongsheng; Zhang, Jun & Letaief, Khaled B. (2023). Large language models empowered autonomous edge AI for connected intelligence. *IEEE Communication Magazine*. arXiv:2307.02779v3 [cs.IT]. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2307.02779>

- Silveira, P. V. R., & Paravidini, J. L. L. (2024). Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: Uma perspectiva psicanalítica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 12(30), 1–16. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2024.v.12.n.30.717>
- Silveira, P. V. R., Paravidini, J. L. L. (no prelo). O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial. Artigo aguardando publicação.
- Starke, G., Ekger, B., & Clercq, E. (2023). Machine learning and its impact on psychiatric nosology: Findings from a qualitative study among German and Swiss experts. *Models and Mechanisms in Philosophy of Psychiatry*.
<https://doi.org/10.33735/phimisci.2023.9435>
- Starr, P. (2019). How neoliberal policy shaped the internet—and what to do about it now. *The American Prospect*. <https://prospect.org/power/how-neoliberal-policy-shaped-internet-surveillance-monopoly/>
- Suharwardy, S., Ramachandran, M., Leonard, S. A., Gunaseelan, A., Lyell, D. J., Darcy, A., & Robinson, A. (2023). Feasibility and impact of a mental health chatbot on postpartum mental health: A randomized controlled trial. *AJOG Global Reports*, 3(3), 1. <https://doi.org/10.1016/j.xagr.2023.100165>
- Tavares, L. A. T., & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: Das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166–178. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a02.pdf>
- Tawfeeq, T. M., Awqati, A. J., & Jasim, Y. A. (2023). The ethical implications of ChatGPT AI chatbot: A review. *Journal of Modern Computing and Engineering Research*.
<https://jmcer.org/research/the-ethical-implications-of-chatgpt-ai-chatbot-a-review/>
- Tekin, Ş. (2023). Ethical issues surrounding artificial intelligence technologies in mental health: Psychotherapy chatbots. In G. J. Robson & J. Tsou (Eds.), *Technology ethics:*

A philosophical introduction and readings (pp. 152–159). Londres: Routledge.

<https://doi.org/10.4324/9781003189466>

Thormundsson, B. (2023). Artificial intelligence (AI) startup funding worldwide from 2011 to 2023 (in billion U.S. dollars), by quarter. *Statista*.

<https://www.statista.com/statistics/943151/ai-funding-worldwide-by-quarter>

Thorn, A. (2023). *Here's what ethical AI really means* [Video]. YouTube.

<https://www.youtube.com/watch?v=AaU6tI2pb3M>

Turkle, S. (2011). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Walker, L. (2023, March 28). Belgian man dies by suicide following exchanges with chatbot.

The Brussels Times. <https://www.brusselstimes.com/430098/belgian-man-commits-suicide-following-exchanges-with-chatgpt>

Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Wolf, M. J., Miller, K. W., & Grodzinsky, F. S. (2017). Why we should have seen that coming: Comments on Microsoft's Tay "experiment," and wider implications. *The ORBIT Journal*, 1(2), 1–12. <https://doi.org/10.29297/orbit.v1i2.49>

Zwart, Hub. (2017). "Extimate" technologies and techno-cultural discontent: A Lacanian analysis of pervasive gadgets. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 21(1), 24–55. <https://doi.org/10.5840/techne20174560>